
H.G. WELLS
O HOMEM INVISÍVEL
CLÁSSICOS ZAHAR

H.G. Wells

O HOMEM INVISÍVEL

Tradução:
Alexandre Barbosa de Souza
Rodrigo Lacerda



SUMÁRIO

Apresentação

1. A chegada de um homem estranho
2. As primeiras impressões do sr. Teddy Henfrey
3. Os mil e um frascos
4. O sr. Cuss conversa com o desconhecido
5. A invasão no vicariato
6. A mobília que enlouqueceu
7. A revelação do forasteiro
8. Em trânsito
9. O sr. Thomas Marvel
10. A visita do sr. Marvel a Iping
11. Na Coach and Horses
12. O Homem Invisível perde a paciência
13. O sr. Marvel discute sua demissão
14. Em Port Stowe
15. O homem que ia correndo
16. No Jolly Cricketers
17. O visitante do dr. Kemp
18. O Homem Invisível dorme
19. Alguns princípios fundamentais

20. Na casa da Great Portland Street
21. Na Oxford Street
22. No empório
23. Na Drury Lane
24. O plano que fracassou
25. A caça ao Homem Invisível
26. O assassinato de Wicksteed
27. O cerco à casa de Kemp
28. O caçador caçado
Epílogo

APRESENTAÇÃO

Herbert George Wells nasceu em 21 de setembro de 1866 em Bromley, Kent, Inglaterra. Filho de comerciantes, começou a trabalhar cedo para garantir o próprio sustento. Foi aprendiz em uma loja de departamentos, professor assistente e então ingressou como bolsista na Normal School of Science, onde seu lado intelectual pôde florescer. Em 1890, Wells conquistou o posto de tutor em biologia no University Correspondence College e deu início ao caminho como jornalista e escritor. Três anos mais tarde publicou o primeiro livro, um manual de biologia, e começou a resenhar ficção para jornais.

Determinante na vida de Wells, 1895 marcou o lançamento de uma história em que trabalhava desde os tempos de estudante. Inicialmente nomeada *Os argonautas crônicos*, *A máquina do tempo* foi um sucesso instantâneo que proporcionou ao autor o título de inventor do romance científico. A combinação de romance de aventuras e conto filosófico — o que mais tarde se chamaria de "ficção científica" — é a marca registrada de seus primeiros livros, uma fórmula na qual o herói ou protagonista envolve-se numa situação de vida ou morte por meio de um inconcebível artifício científico. É o que ocorre em *A ilha do dr. Moreau* (1896), *O Homem Invisível* (1897), *A guerra dos mundos* (1898) e nos demais sucessos que vieram rapidamente.

No final da primeira década do século XX, Wells era considerado um dos principais romancistas de sua época. Sua última grande obra, *The Rights of Man: Or What Are We Fighting For?*, editada em 1940, trata justamente dos direitos humanos e serviu como inspiração para a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, oito anos depois.

H.G. Wells faleceu em 13 de agosto de 1946, deixando como legado mais de cinquenta livros de ficção entre um total de quase 140 obras — incluindo não ficção, artigos e panfletos — que publicou em vida.

ORIGINALMENTE SERIALIZADO na revista *Pearson's Weekly*, em 1897, *O Homem Invisível* foi lançado como romance no mesmo ano. A história começa transportando-nos diretamente à ação, na pacata Iping, onde um misterioso forasteiro "cambaleia", com ares macabros, até a pensão Coach and Horses. Não sabemos seu nome, seu passado, a razão de estar ali e tampouco qual deformação o obriga a usar chamativos óculos escuros redondos e trazer o rosto enfaixado sob um chapéu de abas caídas.

O forasteiro é Griffin, um cientista que se dedicou ao estudo da luz e descobriu um modo de alterar o índice de refração do próprio corpo, tornando-se invisível. Seu grande problema é conseguir reverter a experiência, pois os recursos financeiros se esgotaram e não há qualquer indicação de que voltará a ser visível um dia. Graças à habilidade de Wells, dificuldades como sentir fome ou passar frio geram terríveis atmosferas de tensão e mistério. Junto a isso, a necessidade que Griffin tem de não comer para não ser descoberto — já que o alimento fica visível ao ser digerido e absorvido pelo corpo —, bem como a de andar nu em meio às intempéries para não revelar sua presença, cria um naturalismo inexistente em outros livros do gênero.

O Homem Invisível não é somente ficção científica em sua quintessência, é também um belo livro sobre solidão, incompreensão, sobre dar as costas à humanidade, e, ao mesmo tempo, surpreendentemente bem-humorado, com algumas cenas cômicas impagáveis. Se ele se mantém vivo e atual mais de um século após sua publicação, é justo pela riqueza de seu tema e pelas muitas possibilidades de abordagem e de interpretação. Agora cabe a você, leitor, virar a página e uma vez mais acompanhar Griffin em sua "última batalha contra o mundo".[a]

[a] Esta é uma versão reduzida da apresentação de Thiago Lins para a edição comentada e ilustrada de *O Homem Invisível*, publicada pela Zahar em 2017. ↩

O HOMEM INVISÍVEL

Um romance grotesco[b]

[b] O adjetivo “grotesco”, usado pelo autor para definir o romance, pode ser entendido simplesmente como “monstruoso”, numa referência à transformação sofrida pelo protagonista; como “fantástico” ou “bizarro”, indicando sua filiação ao gênero da ficção científica; ou ainda como alusão ao teor humorístico do livro, significando algo mais próximo de “cômico” ou “farsesco”. Como se verá, a narrativa permite todas essas leituras. (N.T.) ↩

1

A CHEGADA DE UM HOMEM ESTRANHO

O DESCONHECIDO CHEGOU no começo de fevereiro, num dia de inverno, debaixo do frio cortante e da borrasca de neve, a última do ano, pisando o chão coberto de branco, aparentemente vindo da estação ferroviária de Bramblehurst, trazendo na mão, protegida por uma luva grossa, certa valise grande e preta. Estava agasalhado dos pés à cabeça, e a borda de seu chapéu de feltro macio cobria seu rosto inteiro, exceto a ponta reluzente do nariz; a neve se amontoava em seus ombros e seu peito, agregando uma crista branca à maleta preta. Ele cambaleou até a pensão Coach and Horses, mais morto que vivo, e largou a valise no chão.

— Uma lareira! — exclamou ele. — Por caridade! Um quarto e uma lareira!

Batendo os pés, sacudiu a neve do corpo, junto ao bar, para então seguir a sra. Hall até a saleta de hóspedes, a fim de acertar as diárias. Dispensando mais apresentações além das acima descritas, e com uma pronta aceitação das taxas e um par de soberanos deixados na mesa, ganhou um quarto.

A sra. Hall acendeu a lareira e o deixou ali, enquanto ela mesma foi preparar-lhe uma refeição. Um hóspede em Iping[c] no inverno era uma sorte nunca vista, ainda mais um hóspede que não parecia um "pechincheiro", e ela estava determinada a se mostrar digna de sua boa fortuna. Quando o bacon estava quase pronto, e Millie, sua linfática ajudante, já fora devidamente repreendida com algumas bem escolhidas expressões de desprezo, ela trouxe a toalha, os pratos e os copos para a saleta e começou a pôr a mesa com o máximo *éclat*.[d] Embora a lareira estivesse acesa e forte, ficou surpresa ao ver que o hóspede não tirara o chapéu e o paletó,

permanecendo de pé, com as costas voltadas para ela, olhando pela janela a neve que caía lá fora. Estava com as mãos enluvadas unidas atrás de si e parecia perdido em pensamentos. Ela reparou que a neve derretida em seus ombros estava pingando no tapete.

— Gostaria que eu pendurasse seu chapéu e o paletó, senhor? — ela perguntou. — E os pusesse para secar na cozinha?

— Não — ele respondeu, sem se virar.

Ela não teve certeza de tê-lo ouvido direito, e estava prestes a repetir a pergunta. Ele se virou para ela, olhando-a por sobre o ombro:

— Quero continuar como estou — disse, enfaticamente, e a sra. Hall reparou que usava grandes óculos de proteção, com lentes azuis, que se prolongavam pelas laterais, além de volumosas suíças, que se fundiam à lapela do paletó e terminavam de ocultar completamente o seu rosto.

— Muito bem, senhor — ela disse. — Como o senhor quiser. Dentro de instantes o ambiente estará aquecido.

Ele não respondeu, tendo virado o rosto novamente, e a dona da pensão, percebendo que o momento não era favorável às suas tentativas de puxar assunto, acabou de pôr a mesa num veloz *staccato*[e] e raspou-se para fora da saleta. Quando voltou, ele ainda estava ali, de pé, parado como um homem de pedra, com as costas curvadas, a lapela erguida, a aba do chapéu pensa, pingando e cobrindo completamente seu rosto e orelhas. Ela serviu os ovos com bacon com ênfase considerável, falando mais alto que o normal:

— O almoço está servido, senhor.

— Obrigado — ele disse de pronto, mas não se mexeu até que a sra. Hall fechou a porta. Então girou o corpo e aproximou-se da mesa.

Quando a dona da pensão passou por trás do bar em direção à cozinha, ouviu um som repetido a intervalos regulares. *Rique, rique, rique*, fazia o som: era o barulho de uma colher raspando uma vasilha.

— Essa menina! — exclamou ela. — Onde já se viu! Tinha até me esquecido. Como é lerda!

E, enquanto ela mesma assumia a tarefa de misturar a mostarda, disparou algumas estocadas verbais contra Millie, por sua excessiva lentidão. Aprontara o presunto, os ovos, servira a mesa, tudo sozinha, e Millie (grande ajuda!) apenas tivera sucesso em atrasar a mostarda. E com um novo hóspede querendo ficar! Então a sra. Hall encheu o pote de mostarda e, colocando-o com certa elegância sobre uma bandeja de chá preta e dourada, levou-a para a saleta de hóspedes.

Ela bateu na porta e entrou sem esperar resposta. Com isso o hóspede se moveu depressa, de modo que ela só viu de relance um objeto branco sumindo atrás da mesa. Ele parecia estar pegando algo do chão. Ela bateu o pote de mostarda na mesa, então reparou que o sobretudo e o chapéu haviam sido tirados e deixados sobre uma poltrona diante da lareira. Um par de botas molhadas ameaçava enferrujar o guarda-fogo na lareira da sra. Hall. Determinada, ela tocou no assunto.

— Imagino que agora eu possa levar isso para secar — disse, com uma voz que não admitia recusa.

— Deixe o chapéu — retrucou o hóspede com uma voz abafada. Ao se virar, a sra. Hall viu que ele reerguera a cabeça e agora estava sentado, olhando para ela.

Por um momento a dona da pensão olhou-o de volta, boquiaberta, surpresa demais para falar.

Ele segurava um lenço branco, um guardanapo que trouxera consigo, sobre a parte inferior de seu rosto, de modo que a boca e a mandíbula ficavam completamente ocultas, e era esse o motivo da voz abafada. Mas não foi isso que mais a espantou, e sim o fato de que toda a testa acima dos óculos azulados estava coberta por uma atadura branca, e outra cobria suas orelhas, não deixando nenhum pedaço de seu rosto exposto, exceto a ponta de seu nariz, pontudo e cor-de-rosa. O nariz era de um rosa vivo e ainda brilhava como antes. O estranho vestia um paletó marrom-escuro de veludo, cuja lapela alta, preta e virada para cima, com a costura aparecendo

no forro de linho, cobria-lhe o pescoço. Os grossos cabelos pretos, escapando por baixo e por entre as bandagens cruzadas, projetavam-se em curiosos tufos e chumaços, dando a ele a aparência mais estranha que se possa conceber. Aquela cabeça abafada e oculta na bandagem, tão diferente do que ela imaginara, deixou-a petrificada por um momento.

Ele não afastou o guardanapo, reparou a sra. Hall, continuou segurando-o com a mão coberta por sua luva marrom e olhando para a dona da pensão através daqueles inescrutáveis óculos de lentes azuis.

— Deixe o chapéu — ele disse, falando articuladamente através do pano branco.

Os nervos da sra. Hall começaram a se recuperar do choque inicial. Ela colocou o chapéu de volta junto ao fogo.

— Eu não sabia, senhor, que… — ela balbuciou, para logo se calar, constrangida.

— Obrigado — disse o hóspede secamente, percorrendo com o olhar o espaço entre a dona da pensão e a porta, e depois até ela novamente.

— Vou deixá-las bem sequinhas, senhor, num minuto — ela disse, e saiu da saleta levando as roupas do recém-chegado.

Ao sair, olhou de relance para a cabeça coberta de ataduras brancas e pelos óculos de proteção azuis; mas o guardanapo permanecia tapando seu rosto. A sra. Hall estremeceu um pouco ao fechar a porta atrás de si, com a surpresa e a perplexidade estampadas na cara.

— Nunca vi isso — sussurrou. — Que coisa!

Caminhou suavemente até a cozinha e, ao chegar lá, estava preocupada demais para perguntar a Millie o que estava aprontando agora.

O hóspede sentou-se e ouviu os passos da dona da pensão se afastando. Então olhou inquisitivamente para a janela antes de retirar o guardanapo, e continuou a refeição. Deu uma garfada, olhou desconfiado para a janela, deu outra garfada, então se levantou e, pegando o guardanapo, atravessou o cômodo e abaixou a cortina até a base de musselina branca que cobria os

painéis inferiores da janela. O ambiente, assim, ficou na penumbra. Feito isso, ele voltou mais tranquilo para a mesa e sua refeição.

— O pobre coitado sofreu algum acidente, ou uma operação, ou algo que o valha — especulou a sra. Hall. — Uma coisa é certa, que susto tomei com aquelas ataduras!

Ela colocou mais carvão, desdobrou o varal portátil e estendeu o sobretudo do forasteiro.

— E aqueles óculos! Nossa, parecia mais um escafandro que uma cabeça!

Pendurando o cachecol dele no canto do varal, ela continuou:

— E segurando aquele lenço na frente da boca o tempo todo! Falando com aquilo na frente! Talvez a boca também esteja ferida… quem sabe?

Ela se virou, como se lembrasse de algo subitamente:

— Deus me livre e guarde! — exclamou. Em seguida, mudando de assunto: — Você ainda não me cozinhou essas batatas, Millie?

Quando foi tirar a mesa de almoço do desconhecido, a sra. Hall confirmou sua hipótese de que a boca dele também estaria cortada, ou desfigurada, pelo acidente que segundo ela o homem teria sofrido, pois, embora fumasse um cachimbo, durante todo o tempo em que ela ficou na saleta o sujeito não afrouxou o lenço de seda que amarrara na parte de baixo do rosto nem para levar a boquilha aos lábios. E não era por distração, pois reparou que seu hóspede prestava atenção em cada tragada. Ele estava sentado no canto do cômodo, de costas para a janela, e agora, depois de comer, beber e ficar confortavelmente aquecido, falava com uma concisão menos agressiva que antes. Os reflexos da lareira emprestavam uma espécie de animação avermelhada aos seus grandes óculos, até então inexistente.

— Deixei minha bagagem na estação de Bramblehurst — ele disse, e perguntou se haveria quem a pudesse buscar.

Então abaixou educadamente a cabeça enfaixada para ouvi-la, absorvendo suas palavras.

— Só amanhã? Não existe um serviço mais rápido de entrega?

Pareceu bastante decepcionado quando ela respondeu:

— Não.

Ela tinha mesmo certeza? Nenhum rapaz com uma caleça que pudesse buscar?

A sra. Hall, sem hesitar, respondeu às suas perguntas, entabulando uma conversa:

— A estrada é muito íngreme, senhor — ela disse, respondendo à pergunta sobre a caleça. Então, aproveitando a brecha, acrescentou: — Havia uma carruagem que capotou, há cerca de um ano ou mais. Um cavalheiro morreu, além do cocheiro. Acidentes, o senhor sabe, acontecem de repente, não é mesmo?

Mas o hóspede não parecia disposto a se deixar envolver.

— Acontecem — ele disse por trás do lenço, olhando-a calmamente através de seus óculos indevassáveis.

— Mas depois o estrago demora a passar, não é? O filho da minha irmã, o Tom, cortou o braço numa foice, caiu em cima dela na roça de feno, e, Deus me livre e guarde!, ficou três meses para se recuperar. O senhor não acredita! É daí que vem o meu pavor de foice, imagine o senhor.

— Entendo perfeitamente — assentiu o hóspede.

— Ele ficou com medo, uma hora, de precisar fazer operação. Ele ficou mal de verdade, senhor.

O hóspede gargalhou abruptamente, uma risada latida, que ele pareceu morder e matar na própria boca.

— Ficou mesmo? — disse.

— Foi, sim, senhor. E não teve graça nenhuma para quem cuidou dele, como eu cuidei, pois minha irmã tinha os pequenos, que exigiam demais. Era muito curativo para fazer, senhor, e depois para trocar. De modo que se não achar ousadia da minha parte, senhor, dizer que…

— Você poderia me trazer fósforos? — perguntou o hóspede, de modo um tanto abrupto. — Meu cachimbo apagou.

A sra. Hall foi pega de surpresa. Foi certamente rude da parte dele, diante de tudo o que ela estava contando. Ela ficou perplexa, olhando-o por um momento. Então se lembrou dos dois soberanos e foi buscar os fósforos.

— Obrigado — ele agradeceu, conciso, quando ela trouxe os fósforos.

Então lhe deu as costas e tornou a olhar pela janela. Foi tudo muito desencorajador. Evidentemente, o homem era sensível a temas como cirurgias e curativos. Ela, afinal, não cometeu "a ousadia de dizer" coisa alguma. Mas os modos esnobes do hóspede a irritaram, e Millie sofreria as consequências disso naquela tarde.

Ele ficou na saleta de hóspedes até as quatro da tarde, sem oferecer qualquer pretexto para uma intromissão. Durante quase todo esse tempo, permaneceu imóvel; parecia estar sentado ali, na escuridão crescente, fumando à luz do fogo e talvez cochilando.

Uma ou duas vezes, algum curioso poderia tê-lo escutado atiçando as brasas, e por cinco minutos seus passos na saleta foram ouvidos. Aparentemente, falava sozinho. Então a poltrona rangeu quando tornou a sentar.

---

[c] De todas as cidades mencionadas no romance, apenas Iping existe realmente, estando localizada no condado de West Sussex, Inglaterra. (N.T.) ↩

[d] Em francês no original: "estardalhaço". (N.T.) ↩

[e] Em italiano no original. Modo de articulação musical em que as notas são executadas em intervalo curto e destacado. (N.T.) ↩

2

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO SR. TEDDY HENFREY

ÀS QUATRO HORAS, quando já escurecera bastante e a sra. Hall vinha tomando coragem para entrar e perguntar ao hóspede se ele gostaria de um chá, Teddy Henfrey, o relojoeiro, entrou no bar.

— Pela minha fé, sra. Hall! — exclamou ele. — Que tempo terrível para essas botas finas!

A neve lá fora caía mais depressa. A sra. Hall concordou com o recém-chegado e, reparando que trazia sua bolsa de ferramentas, teve uma brilhante ideia:

— Já que está aqui, sr. Teddy, eu agradeceria se desse uma olhada no relógio da saleta de hóspedes. Está funcionando, bate bem e com força; mas o ponteiro das horas não sai do seis.

Mostrando o caminho, a dona da pensão foi até a porta da saleta, bateu e entrou.

O hóspede, ela viu ao abrir a porta, estava sentado na poltrona em frente à lareira, aparentemente cochilando, com a cabeça coberta de bandagens caída de lado. As únicas luzes no ambiente eram o brilho da lareira, que iluminava os olhos dele como sinaleiras ferroviárias vermelhas, embora seu rosto permanecesse abaixado na penumbra, e os ralos vestígios do dia que entravam pela porta aberta. Tudo estava róseo, sombreado e indistinto para a sra. Hall, sobretudo porque havia acabado de acender a luz do bar e tinha os olhos ainda ofuscados. Mas, por um segundo, o homem para quem ela estava olhando pareceu ter uma boca enorme, bem aberta, uma vasta e

incrível bocarra que engolia toda a parte inferior de seu rosto. A sensação durou apenas um momento: a cabeça coberta de branco, o monstruoso olhar daqueles óculos e aquele imenso bocejo logo abaixo. Então ele se mexeu, levantou-se da poltrona, ergueu a mão. A sra. Hall escancarou a porta, de modo que a sala ficou mais iluminada, e ela o viu mais nitidamente, com o lenço cobrindo seu rosto como fizera antes com o guardanapo. As sombras, supôs a dona da pensão, deviam ter lhe pregado uma peça.

— Senhor, se não for incômodo, esse homem veio olhar o relógio — ela disse, recuperando-se do choque momentâneo.

— Olhar o relógio? — ele repetiu, olhando para os lados, sonolento, e falando com a mão sobre a boca, enquanto terminava de acordar. — Por favor, entre.

A sra. Hall saiu para buscar o lampião, ele se levantou e espreguiçou. Então chegou a luz e o sr. Teddy Henfrey, ao entrar, deparou-se com o sujeito enfaixado. Ficou, como ele mesmo disse, "embasbacado".

— Boa tarde — cumprimentou o desconhecido, olhando-o, como diria o próprio sr. Henfrey ainda sob o impacto daqueles óculos escuros, "feito uma lagosta".

— Espero não estar incomodando — disse o sr. Henfrey.

— De maneira nenhuma — replicou o forasteiro. — Embora eu tivesse entendido — ele disse, virando-se para a sra. Hall — que esta saleta, na verdade, seria para meu uso particular.

— Eu imaginei que o senhor preferiria ter o relógio… — justificou-se a dona da pensão, que interrompeu a frase antes de dizer "em bom estado de conservação".

— Sem dúvida — concordou o desconhecido —, sem dúvida, porém em geral gosto de estar sozinho e não ser incomodado. Mas fico contente que o relógio seja consertado — ele disse, notando certa hesitação da parte do sr. Henfrey. — Muito contente.

O sr. Henfrey fizera menção de pedir licença e ir embora, mas esse comentário o deixou mais à vontade. O estranho deu as costas à lareira e pôs as mãos para trás, dizendo:

— E agora, depois que o relógio for consertado, creio que gostaria de um pouco de chá. Mas só depois do conserto do relógio.

A sra. Hall estava prestes a sair da sala, sem esboçar qualquer tentativa de puxar conversa dessa vez, pois não queria ser esnobada na frente do sr. Henfrey, quando o hóspede perguntou se ela tomara alguma providência em relação às caixas dele em Bramblehurst. A dona da pensão disse que comentara com o carteiro, e que o carregador traria pela manhã.

— Você tem certeza de que não pode ser antes disso? — ele insistiu.

Ela tinha certeza, disse com uma ênfase glacial.

— Eu devo explicar — ele acrescentou —, o que antes o cansaço e o frio me impediram de fazer, que sou pesquisador experimental.

— Sim, senhor — assentiu a sra. Hall, muito impressionada.

— E minha bagagem contém aparatos e aparelhos.

— Devem ser mesmo muito úteis, senhor — emendou a sra. Hall.

— E naturalmente estou ansioso para continuar minhas pesquisas.

— É claro, senhor.

— O motivo da minha vinda a Iping — ele prosseguiu, com modos estudados — foi… um desejo de solidão. Não quero ser incomodado em meu trabalho. Além disso, um acidente…

"Foi o que eu pensei", disse consigo a sra. Hall.

— …exige de mim certo isolamento. Meus olhos… às vezes, ficam tão fracos e doloridos que preciso me trancar no escuro por horas a fio. Não saio por nada. Isso às vezes… de quando em quando. Não é o caso no momento, decerto que não. Nessas horas, a mínima perturbação, a entrada de alguém no quarto, é uma fonte de irritação excruciante. É bom que tais coisas sejam compreendidas.

— Sem dúvida, senhor — assentiu a sra. Hall. — E se não for ousadia perguntar…

— Creio então que isso é tudo — atalhou o desconhecido, com aquele ar silenciosamente irresistível de autoridade que tinha quando desejava. A sra. Hall deixou a pergunta e a solidariedade para outra ocasião mais oportuna.

Depois que ela saiu da sala, o hóspede continuou em pé diante da lareira, "encarando", como diria o sr. Henfrey, o conserto do relógio. O relojoeiro não só destacou os ponteiros do conjunto, e o mostrador, como tirou até a máquina; tentando trabalhar devagar e o mais discreta e despretensiosamente possível. Trabalhava bem perto do lampião, e a cúpula verde lançava uma luz brilhante em suas mãos e sobre a moldura e as engrenagens, deixando o restante da sala na sombra. Quando ele olhou para cima, manchas coloridas brotaram em seus olhos. Sendo uma natureza curiosa por constituição, ele tirou a máquina, procedimento um tanto desnecessário, com a intenção mesmo de atrasar sua partida e quem sabe entabular alguma conversa com o desconhecido. Mas este continuou ali parado, no mais perfeito silêncio, imóvel. Tão imóvel que acabou irritando Henfrey. Sentindo-se sozinho na sala, ele ergueu os olhos e ali, cinzenta na penumbra, estavam a cabeça enfaixada e as imensas lentes azuis encarando-o fixamente, com uma neblina de manchas verdes pairando diante delas. Aquilo era tão misterioso para Henfrey que, por um minuto, os dois se encararam com semblantes vazios. Então o relojoeiro tornou a baixar os olhos. Que situação incômoda! Uma pessoa normal preferiria conversar. Seria o caso de comentar que estava muito frio para aquela época do ano?

O sr. Henfrey ergueu os olhos como se ajustasse a mira para um tiro introdutório:

— O tempo… — ele começou.

— Por que você não acaba logo e vai embora? — perguntou a rígida figura, evidentemente em estado de fúria a muito custo reprimida. — A única coisa que você precisa fazer é endireitar o ponteiro das horas no eixo. Você está simplesmente enrolando…

— Pois não, senhor, só mais um minuto. Não me dei conta de que era isso… — e o sr. Henfrey terminou e foi embora.

Mas ele se foi transbordando de irritação. “Maldição!”, praguejou consigo mesmo, descendo aos trancos até a vila, sobre a neve derretida. “Sem dúvida, um homem precisa acertar o relógio às vezes.”

E depois: “Ninguém pode olhar para você não? Feioso!”

E depois de novo: “Parece que não. Se a polícia estivesse atrás de você, seria impossível ficar mais coberto e enfaixado.”

Na esquina da rua Gleeson, ele viu Hall, que recentemente havia se casado com a senhoria do desconhecido na Coach and Horses e que atualmente dirigia a charrete de Iping até Sidderbridge Junction, quando alguém o solicitava, vindo agora em sua direção, voltando de lá. Hall, evidentemente, “dera uma paradinha” em Sidderbridge, a julgar pelo modo como conduzia.

— Como vai, Teddy? — ele saudou, de passagem.

— Tem um esquisitão na sua casa! — avisou o relojoeiro.

Hall, muito sociável, estacionou sua égua e quis logo saber:

— Que foi que você disse?

— Um freguês de aparência esquisita hospedado na Coach and Horses — explicou Teddy. — Juro pela minha fé!

E imediatamente tratou de dar a Hall uma vívida descrição do grotesco hóspede.

— Até parece um disfarce, não acha? Eu preferiria ver o rosto de qualquer homem que ficasse na minha casa — atiçou Henfrey. — Mas as mulheres são crédulas quando se trata de forasteiros. Ele já se instalou num dos seus quartos e ainda nem deu o próprio nome, Hall.

— Não diga! — espantou-se o cocheiro, homem de intelecto um tanto vagaroso.

— É verdade — confirmou Teddy. — Vai passar a semana. Seja ele o que for, você não poderá defenestrá-lo em menos de sete dias. E trouxe muitas malas, que chegam amanhã, segundo disse. Vamos torcer para que não estejam cheias de pedras, Hall.

Ele contou ao amigo que sua tia de Hastings fora ludibriada por um desconhecido com maletas vazias. De modo geral, ele deixou Hall vagamente desconfiado.

— Vamos, minha velha — disse Hall. — Acho que devo tirar isso a limpo.

Teddy seguiu seu caminho, com a mente bastante aliviada.

Em vez de "tirar isso a limpo", contudo, ao chegar de volta Hall foi severamente repreendido pela esposa por haver demorado demais em Sidderbridge. Para as humildes perguntas que fez, obteve respostas ásperas e nada conclusivas. Mas a semente da suspeita que Teddy havia plantado germinou em sua mente, apesar da desestimulante recepção.

— Vocês, mulheres, não sabem tudo — resmungou o sr. Hall, decidido a, na primeira oportunidade, conhecer melhor a personalidade de seu hóspede.

Depois que o desconhecido foi dormir, o que ocorreu por volta das nove e meia, o sr. Hall entrou impetuosamente na saleta de hóspedes e inspecionou com atenção os móveis da esposa. Só para mostrar que o estranho não era o dono do lugar, analisou de perto e com certo desdém uma folha de cálculos matemáticos que o forasteiro deixara para trás. Ao se recolher para o quarto de dormir, orientou a esposa a vigiar de perto a bagagem do desconhecido, quando chegasse no dia seguinte.

— Cuide da sua vida, Hall — retrucou a dona da pensão —, que eu cuido da minha.

Ela estava ainda mais inclinada a ser ríspida com o marido porque o hóspede, sem dúvida, era um tipo estranho, e a própria sra. Hall não sabia o que pensar dele. No meio da noite, acordou sonhando com cabeças imensas,

feito rabanetes brancos, que se arrastavam atrás dela, na ponta de pescoços intermináveis e com vastos olhos negros. Sendo uma mulher sensata, aplacou seus terrores, virou de lado e voltou a dormir.

3

OS MIL E UM FRASCOS

FOI PORTANTO NO DIA 9 de fevereiro, ao iniciar-se o degelo, que tal indivíduo singular apareceu do nada na vila de Iping. No dia seguinte, sua bagagem atravessou a neve derretida, e era uma bagagem peculiar. Incluía, de fato, os dois baús de que um homem racional sempre pode precisar, mas além disso havia uma caixa de livros — livros grandes e grossos, alguns dos quais preenchidos por uma caligrafia incompreensível — e cerca de uma dúzia ou mais de caixas, caixotes e estojos, contendo objetos embalados em palha, que, até onde Hall pôde deduzir, futucando a dita palha com curiosidade casual, eram frascos de vidro. O estranho, todo coberto pelo chapéu, o sobretudo, as luvas e o cachecol, saiu impaciente para receber a carroça de Fearenside, com quem Hall, preparando-se para ajudá-lo a descarregar, fofocava de leve. E lá veio ele, sem reparar no cachorro de Fearenside, que farejava de maneira *dilettante*[f] as pernas de Hall.

— Vamos logo com essas caixas — ordenou o desconhecido. — Já estou esperando há muito tempo.

Então desceu os degraus até a traseira da carroça, como se quisesse pegar o caixote menor. Contudo, o cachorro de Fearenside começou a rosnar e latir enfurecido assim que viu o forasteiro. Quando ele desceu apressado a escada, o bicho deu-lhe um bote, abocanhando logo sua mão.

— Ui! — exclamou Hall, dando um salto para trás, pois não era nenhum herói em se tratando de cães.

Fearenside berrou, pegando o chicote:

— Deitado!

Eles viram os dentes do cachorro errando o alvo, ouviram o som de um chute, viram o cão dar outro bote, de lado, e agora sim cravar os caninos na perna do desconhecido, quando então ouviram sua calça rasgando. Quando a ponta mais fina do chicote de Fearenside atingiu seu patrimônio, o cão ganiu desolado e recuou para debaixo das rodas da carroça. Foi tudo uma questão de meio minuto. Ninguém disse nada, todos gritaram. O forasteiro olhou rapidamente para sua luva rasgada e para sua perna, fez menção de que iria cuidar da última, mas de repente se virou e subiu correndo para a pensão. Eles o ouviram cruzando depressa a porta e subindo até seu quarto pelas escadas sem tapete.

— Seu cão danado! — esbravejou Fearenside, saltando da carroça com o chicote na mão, enquanto o cão observava o dono através da roda. — Venha cá! É melhor me obedecer.

Hall, boquiaberto, disse:

— Ele levou uma mordida. É melhor ver como está.

Em seguida, entrou correndo atrás do desconhecido. Encontrando a sra. Hall no corredor, começou a contar:

— O cão do carregador… mordeu ele.

Disparou escada acima e, como a porta do forasteiro estava entreaberta, abriu-a e já foi entrando sem nenhuma cerimônia, num estado de espírito francamente solidário.

A cortina estava fechada e o quarto às escuras. Ele viu de relance a coisa mais singular, que parecia ser um braço sem mão acenando para ele e um rosto formado por três grandes manchas brancas indefinidas, muito parecido com um amor-perfeito de pétalas pálidas. Então sofreu um golpe violento no peito, que o fez recuar nos próprios passos, e a porta foi batida com força e trancada. Foi tão rápido que ele nem teve tempo de enxergar direito. Um movimento de formas indecifráveis, um golpe, um impacto. E ali ficou ele, parado no corredor estreito e escuro, imaginando o que poderia ser aquilo que tinha acabado de ver.

Poucos minutos depois, voltou para o grupo que se formara do lado de fora da Coach and Horses. Lá estava Fearenside, contando tudo pela segunda vez; lá estava a sra. Hall, dizendo que o cachorro dele não tinha nada que morder os clientes dela; lá estava Huxter, o comerciante do outro lado da rua, interrogativo; e Sandy Wadgers, o ferreiro, sempre sensato; além de mulheres e crianças, todos falando obviedades:

— Eu que não deixava me morder, sei cuidar de mim.

— Não é certo ter esse tipo de cachorro.

— Por que ele mordeu o sujeito, afinal?

E assim por diante…

O sr. Hall, olhando-os fixamente do alto dos degraus, achou incrível que tivesse presenciado algo tão insólito no andar de cima. No entanto, seu vocabulário era muito limitado para articular tais impressões.

— Ele não precisa de ajuda, foi o que eu entendi — disse o sr. Hall, em resposta à pergunta da esposa. — Melhor levarmos as coisas dele para dentro.

— Ele precisa cauterizar logo essa mordida — alertou o sr. Huxter —, especialmente se já estiver inflamada.

— Eu daria um tiro nesse cachorro, é o que eu faria — pontificou uma senhora do grupo.

De repente o cachorro começou a rosnar de novo.

— Ora, vamos — exclamou uma voz irritada do umbral da porta, e ali estava o estranho, encoberto pela lapela virada para cima e a aba do chapéu abaixada sobre o rosto. — Quanto antes vocês entrarem com as minhas coisas, mais satisfeito ficarei.

Segundo um observador anônimo, as calças e luvas do forasteiro haviam sido trocadas.

— O senhor se machucou? — perguntou Fearenside. — Eu sinto muito que esse cachorro…

— Nem um pouco — respondeu o desconhecido. — Não foi nada. Depressa com essas coisas.

Ele então rogou uma praga, falando sozinho, testemunhou o sr. Hall.

O primeiro caixote, seguindo as orientações de seu dono, foi logo carregado até a saleta de hóspedes. O desconhecido se atirou com extraordinária avidez sobre ele e pôs-se a esvaziá-lo, jogando a palha para todo lado, em total desconsideração ao tapete da sra. Hall. Começou a tirar frascos — pequenos frascos bojudos contendo pós, frascos minúsculos e finos contendo fluidos coloridos ou brancos, frascos compridos e azuis com rótulos que diziam "Veneno", frascos de corpo redondo e pescoço alongado, grandes frascos de vidro esverdeado, outros de vidro esbranquiçado, frascos com tampas de vidro e etiquetas carcomidas, frascos com belas rolhas de cortiça, frascos com rolhas comuns, frascos com tampa de madeira, garrafas de vinho, vidros de azeite — e a dispô-los em fila sobre o aparador, sobre a lareira, sobre a mesa debaixo da janela, pelo chão, na estante de livros, em toda parte. O farmacêutico de Bramblehurst não tinha tantos. Era uma visão rara. Caixote após caixote, mais frascos foram aparecendo, até todos os seis volumes estarem vazios e a mesa, coberta por uma montanha de palha. Além de frascos, as únicas coisas a sair dos caixotes foram uma série de tubos de ensaio e uma balança cuidadosamente embalada.

E, assim que tudo estava descarregado, o desconhecido foi até a janela e começou a trabalhar, sem se importar minimamente com a sujeira espalhada, a lareira que apagara, a caixa de livros lá fora, nem com os baús e as outras malas que haviam sido levados para cima.

Quando a sra. Hall foi levar o jantar, ele já estava tão absorto no trabalho, pingando gotinhas dos frascos em tubos de ensaio, que só reparou depois que a dona da pensão já tinha varrido o grosso da palha e colocado a bandeja na mesa, talvez com alguma eloquência, ao ver o estado do assoalho. Ele então virou meio rosto e imediatamente tornou a ficar de costas. Mas a sra. Hall percebeu que havia tirado os óculos, estavam ao seu lado na mesa, e ela teve a impressão de que as cavidades dos olhos dele

eram extraordinariamente fundas. O desconhecido recolocou os óculos e se virou, olhando-a de frente. Ela estava prestes a reclamar da palha no chão quando ele se antecipou:

— Eu gostaria que você não entrasse sem bater — disse, no tom anormal de exasperação que parecia ser tão característico de sua personalidade.

— Eu bati, mas parece que o…

— Talvez tenha batido. Mas na minha pesquisa… nas minhas investigações realmente urgentes e necessárias, a mínima perturbação, uma fresta da porta abrindo… devo pedir, novamente, que você…

— Claro, senhor. Pode passar a tranca se gosta assim, o senhor sabe. Quando quiser.

— Muito boa ideia — disse o forasteiro.

— E essa palha toda, se o senhor não se incomoda de eu tocar no assunto…

— Eu me incomodo. Se a palha for um problema, acrescente às minhas despesas.

E olhando para ela ele resmungou palavras suspeitas, que pareciam maldições.

O homem era tão esquisito, parado ali, tão agressivo e explosivo, frasco em uma mão, tubo de ensaio na outra, que a sra. Hall ficou bastante alarmada. Mas era uma mulher decidida:

— Nesse caso, eu preciso saber quanto o senhor considera que…

— Um xelim… anote um xelim. Decerto um xelim deve bastar?

— Que seja — aceitou a sra. Hall, tirando a toalha e começando a abri-la sobre a mesa. — Se estiver bom para o senhor, é claro…

Ele se virou e sentou, com a lapela do sobretudo voltada na direção da sra. Hall.

Ele trabalhou a tarde inteira de porta fechada e, como atesta a dona da pensão, em silêncio na maior parte do tempo. Uma única vez ouviu-se um

impacto, o entrechoque de frascos, como se algo tivesse batido na mesa, o espatifar de um frasco violentamente atirado no chão, e então passos apressados por toda a sala. Temendo que "algo estivesse errado", ela foi até a porta da saleta e encostou o ouvido, sem se preocupar em bater.

— Não posso mais continuar — ele esbravejava. — Não consigo. Trezentos mil, quatrocentos mil! A imensa multidão! Trapaça! Isso pode levar a vida inteira! Paciência! Preciso mesmo de paciência! Tolo! Como fui tolo!

Um som de passos no chão de pedra do bar obrigou a sra. Hall a, relutantemente, deixar para lá o resto do solilóquio. Quando voltou, a saleta estava outra vez em silêncio, exceto pelo discreto ranger da poltrona e o ocasional tilintar de um frasco. Havia passado; o desconhecido voltara a trabalhar.

Quando levou o chá, ela reparou nos cacos de vidro num canto da parede, embaixo do espelho côncavo, e na mancha dourada removida sem cuidado. Chamou a atenção dele para a mancha.

— Acrescente na minha conta — disse rispidamente o forasteiro. — Pelo amor de Deus, não me perturbe. Se houver algo estragado, some às minhas despesas.

E continuou ticando uma lista no caderno quadriculado diante de si.

— VOU LHE CONTAR uma coisa… — disse Fearenside, misteriosamente.

Já era fim de tarde, e eles estavam na pequena cervejaria de Iping Hanger.

— Vai falar ou não? — apressou-o Teddy Henfrey.

— Esse sujeito de quem você está falando, esse que o meu cachorro mordeu. Bem, ele é negro. Pelo menos as pernas dele são. Vi pelo rasgo da calça e pelo rasgo da luva. Você esperaria ver algo rosado, não é mesmo?

Pois bem, nada disso. Tudo preto. Estou dizendo, ele é preto como o meu chapéu.

— Só faltava essa! — disse Henfrey. — É um caso perfeito de esquisitice. Como pode, se a ponta do nariz dele é tão rosa que até parece pintada?!

— Isso é verdade — disse Fearenside. — Sei que é. Vou dizer o que penso, cá comigo. Esse sujeito deve ser malhado, Teddy. Aqui preto, ali branco… em manchas. E ele tem vergonha de ser assim. Deve ser algum tipo de mestiço, e as cores saíram em manchas em vez de misturadas. Já ouvi falar nisso. É comum em cavalos, como qualquer um pode ver.

---

[f] Em italiano no original: “diletante”. (N.T.) ↩

4

O SR. CUSS CONVERSA COM O DESCONHECIDO

CONTEI AS CIRCUNSTÂNCIAS da chegada do forasteiro a Iping com uma certa riqueza de detalhes, de modo que a curiosidade por ele despertada possa ser entendida pelo leitor. Mas, com exceção de dois incidentes estranhos, as circunstâncias de sua permanência por lá até o extraordinário dia da festa da comunidade podem ser resumidas. Houve algumas desavenças com a sra. Hall em questões de disciplina doméstica, mas, em todo caso, até o final de abril, quando começaram os primeiros sinais de penúria, ele fez valer suas vontades com o fácil expediente dos pagamentos extras. Hall não gostava do sujeito, e sempre que tinha chance aconselhava que se livrassem dele; porém demonstrava tal antipatia sobretudo ocultando-a ostensivamente, e evitando seu hóspede o máximo que podia.

— Espere até o verão — disse a sra. Hall, prudente —, quando os artistas começarem a chegar. Aí veremos. Ele pode ser um pouco difícil de aturar, mas contas pagas em dia são contas pagas em dia, não importa o que você diga.

O forasteiro não ia à igreja e, na verdade, não diferençava o domingo de outros dias menos religiosos, inclusive nas roupas que vestia. Trabalhava, segundo a sra. Hall, com muito afinco. Alguns dias ele descia cedo, mantendo-se ocupado sem interrupção. Outros dias acordava tarde e ficava andando pelo quarto, audivelmente inquieto durante horas, ou fumava, ou dormia na poltrona junto à lareira. Contato com o resto do mundo para além da vila, não tinha nenhum. Seu temperamento continuou muito inconstante; na maior parte do tempo, seus modos eram os de alguém sofrendo uma provocação quase insuportável; uma ou duas vezes, objetos

acabavam sendo atirados, partidos, esmagados ou quebrados em espasmódicos surtos de violência. Ele parecia viver com uma irritação crônica de máxima intensidade. Seu hábito de falar consigo mesmo, em voz baixa, só fez ganhar força, mas, ainda que a sra. Hall prestasse uma diligente atenção nesses momentos, o que ouvia não lhe parecia ter nem pé nem cabeça.

Ele raramente excursionava pela região durante o dia, mas saía ao anoitecer, agasalhado a ponto de sumir debaixo das roupas, estivesse o tempo frio ou não, e escolhia as trilhas mais solitárias, as mais sombreadas por árvores e ribanceiras. Seus óculos de proteção e seu rosto, horrivelmente enfaixado sob a cobertura do chapéu, saíram da escuridão com desagradável imprevisibilidade diante de dois trabalhadores que voltavam para casa, e Teddy Henfrey, cambaleando para fora do Scarlet Coat uma noite, às nove e meia, levou um susto vergonhoso ao ver a cabeça do forasteiro, que lhe pareceu uma caveira (ele caminhava com o chapéu na mão), subitamente iluminada pela porta aberta do bar. As crianças que o viam ao anoitecer, da mesma forma, sonhavam com fantasmas; era discutível se gostava dos meninos ainda menos do que os meninos gostavam dele, ou o contrário, mas seguramente havia um imenso desprazer de ambas as partes.

Era inevitável que uma pessoa de aparência e porte tão notáveis fosse tema de debates em uma vila como Iping. As opiniões sobre a natureza de seu trabalho divergiam muito. A sra. Hall era sensível a esse ponto. Quando questionada, ela explicava com muito cuidado tratar-se de um “pesquisador experimental” e pronunciava cautelosamente cada sílaba, como alguém que teme perigos ocultos. Quando lhe perguntavam o que era um pesquisador experimental, ela rebatia, com ar de superioridade, que pessoas cultas não precisam fazer esse tipo de pergunta, e então explicava que ele “descobria coisas”. Seu hóspede sofrera um acidente, ela dizia, que temporariamente descoloriu seu rosto e suas mãos, e, sendo ele uma pessoa sensível, tinha aversão a qualquer reconhecimento público do fato.

Quando a sra. Hall não estava por perto, havia outra opinião bastante adotada, segundo a qual tratava-se de um criminoso fugitivo da justiça, que se cobria para escapar da vigilância policial. Essa ideia brotou do cérebro do sr. Teddy Henfrey. Até onde se sabia, nenhum crime, de nenhuma magnitude, ocorrera desde meados ou final de fevereiro. A teoria foi reelaborada pela imaginação do sr. Gould, professor assistente da National School, especulando que o desconhecido era um anarquista disfarçado, preparando explosivos, e com base nela o professor resolveu se dedicar a operações detetivescas nas horas vagas. Tais operações consistiam, basicamente, em olhar de cara feia para o estranho sempre que se encontravam, e em fazer perguntas tendenciosas sobre ele a pessoas que nunca o tinham visto pessoalmente. Mas ele nunca descobriu nada.

Outra linha de raciocínio seguia o sr. Fearenside, mas ambos aceitavam a hipótese da pele com manchas de cor diferente, ou alguma variação dela; como, por exemplo, a de Silas Durgan, que foi ouvido afirmando que "caso ele resolvesse se apresentar em feiras, faria fortuna em pouco tempo", o mesmo Silas Durgan que, sendo um pouco teólogo, comparou o forasteiro ao homem de um único talento. Ainda outra teoria solucionava o problema julgando o forasteiro um lunático inofensivo. Essa tinha a vantagem de explicar tudo de uma vez só.

Entre esses dois grupos principais havia os hesitantes e os diplomáticos. O povo de Sussex possui poucas superstições, e somente depois do que aconteceu no início de abril a ideia de algo sobrenatural foi sussurrada na vila. Mesmo então, só recebeu crédito junto às mulheres do povo.

Mas, pensassem o que fosse dele, as pessoas em Iping, no geral, concordavam em não gostar do forasteiro. Sua irritabilidade, embora compreensível num sabichão profissional da cidade grande, era algo espantoso para os habitantes pacatos das vilas de Sussex. As frenéticas gesticulações que, de quando em quando, o pegavam fazendo, os passos obstinados que à noite os perturbavam em suas esquinas tranquilas, a desumana rispidez contra qualquer esboço de aproximação curiosa, a

preferência pelo crepúsculo, que o levava a fechar todas as portas, abaixar todas as cortinas e apagar todas as velas e lampiões — quem poderia concordar com essas atitudes? Eles preferiam desviar quando passavam por ele na vila, e quando já tinha passado jovens pândegos puxavam para cima a lapela dos sobretudos, para baixo a aba dos chapéus, e andavam nervosamente atrás dele, imitando sua aparência exótica. Havia uma canção popular na época chamada "The Bogey Man".[g] A sra. Statchell cantou-a na apresentação da escola (para arrecadar fundos em benefício dos lampiões da igreja), e desde então sempre que um ou dois moradores estavam reunidos e o forasteiro aparecia, assobiavam um compasso ou outro dessa canção, sem bemóis nem sustenidos. E também as crianças, quando sozinhas na rua até mais tarde, corriam atrás dele gritando "Bicho-papão!" e iam embora trêmulas de felicidade.

Cuss, o clínico geral, fora mordido por uma compreensível curiosidade. As ataduras excitavam-lhe o interesse profissional, o relato dos mil e um frascos despertara sua invejosa admiração. Durante os meses de abril e maio, ele ansiara por uma oportunidade de conversar com o forasteiro, e por fim, quase no domingo de Pentecostes, ele não mais resistiu e usou como pretexto a lista de doações em prol da contratação de uma enfermeira para a vila. Ficou surpreso ao descobrir que o sr. Hall não sabia sequer o nome de seu hóspede.

— Ele falou um nome — disse a sra. Hall, numa afirmação sem qualquer fundamento —, mas não ouvi muito bem.

Ela não dava muita importância ao fato de não saber o nome do sujeito.

Cuss bateu na porta da saleta de hóspedes e entrou. Veio um xingamento bastante audível lá de dentro.

— Desculpe incomodá-lo — arriscou Cuss.

A porta logo se fechou e deixou a sra. Hall excluída do resto da conversa.

Ela conseguiu ouvir apenas o murmúrio de vozes nos dez minutos seguintes, e então uma exclamação de surpresa, um arrastar de pés, uma cadeira derrubada, uma gargalhada e passos rápidos até a porta, quando então Cuss apareceu, o rosto lívido, os olhos arregalados espiando por sobre o ombro. Deixou a porta aberta atrás de si, sem olhar para a sra. Hall, atravessou o salão do bar e desceu os degraus da entrada, até ela ouvir seus passos acelerados já na rua. Levava o chapéu na mão. Ela permaneceu onde estava, olhando a porta da saleta aberta. Então ouviu o desconhecido rindo baixinho, depois atravessando a sala. Ela não conseguia ver seu rosto de onde estava. A porta da saleta bateu com força e o lugar voltou a ficar em silêncio.

Cuss foi correndo até a vila procurar Bunting, o vigário.

— Será que estou louco? — começou abruptamente, ao entrar no pequeno escritório em desordem. — Eu pareço uma pessoa louca?

— O que aconteceu? — espantou-se o vigário, colocando uma amonite sobre as folhas soltas do próximo sermão.

— O sujeito na pensão…

— O que tem ele?

— Preciso beber alguma coisa — declarou Cuss, jogando-se numa cadeira.

Com os nervos já estabilizados por um cálice de xerez barato, a única bebida que o bom vigário tinha disponível, ele contou sobre o encontro que havia acabado de ter.

— Entrei lá — ele disse, aspirando o ar pela boca — e comecei a pedir uma doação para o Fundo da Enfermeira. Ele tinha as duas mãos enfiadas nos bolsos quando entrei, e estava sentado pesadamente em sua poltrona. Espirrou. Eu disse ter ouvido falar de seu interesse por questões científicas. Ele disse que sim. Espirrou de novo. E continuou espirrando o tempo todo; evidentemente, pegara um resfriado infernal. Não é para menos, todo enfaixado daquele jeito! Expliquei a ideia da enfermeira, e enquanto isso

fiquei de olhos bem abertos. Frascos e produtos químicos por toda parte. Balança, tubos de ensaio em suportes de metal, e um cheiro de… prímula. Ele poderia contribuir? Disse que pensaria a respeito. Perguntei, à queima-roupa, se fazia alguma pesquisa. Disse que sim. Uma longa pesquisa? Ficou contrariado. "Uma pesquisa desgraçadamente longa", respondeu, ficando esquentadinho, por assim dizer. "Oh", eu disse. E então veio a desgraça. O sujeito estava em ebulição, e minha pergunta o fez atingir o ponto de fervura. Fora-lhe passada uma receita, uma receita muito valiosa… para o quê, não disse. Seria uma receita médica? "Vá para o inferno! Por que está bisbilhotando?" Eu pedi desculpas. Seguiram-se um espirro e uma tosse cheios de dignidade. Ele continuou. Leu a receita. Eram cinco ingredientes. Largou a receita na mesa; virou a cabeça. O vento entrou pela janela e fez voar o papel. Esvoaçou, farfalhou no ar. Estava trabalhando em uma saleta com lareira, disse. Vi uma fagulha, e lá se foi a receita, queimando e subindo pela chaminé. Ele correu em sua direção no exato momento em que a folha desapareceu. Pois bem! Justo nesse momento, para ilustrar essa história, apareceu o braço dele.

— E…?

— Não tinha mão… só a manga vazia. Jesus! Pensei, isso sim é deformidade! Tinha um braço postiço, imaginei, e devia tê-lo tirado. Então, pensei, havia algo de estranho naquilo. O que mantém a manga estendida e aberta, se não há nada lá dentro? Não havia nada, estou lhe dizendo. Nada pela manga adentro, até a articulação do braço. Eu olhei até o cotovelo e só vi a luz atravessando um rasgo do tecido. "Santo Deus!", eu disse. Então ele parou. Ficou me encarando com aqueles óculos escuros e esquisitos dele, e depois olhou para a própria manga.

— E aí?

— Foi só isso. Ele não disse uma palavra; apenas ficou me encarando e tratou rapidamente de enfiar a manga de volta no bolso. "Eu estava lhe dizendo", recomeçou ele, "que tinha uma receita pegando fogo, não estava?" Tosse interrogativa. "Como diabos", perguntei, "você consegue

mover uma manga vazia dessa maneira?" "Manga vazia?" "Sim", falei, "uma manga vazia." "A manga está vazia mesmo? Você viu se estava vazia mesmo?" Ele se levantou subitamente. Também me levantei. Ele veio na minha direção com três passos muito lentos, até chegar bem perto de mim. Espirrou violentamente. Fiquei impassível, mas quero morrer enforcado se aquele redemoinho de ataduras e aqueles antolhos não são o bastante para amedrontar qualquer pessoa, vindo lentamente na sua direção.

"'A manga estava vazia, será mesmo?', ele perguntou. 'Sem dúvida', respondi. Olhando fixamente para mim, sem dizer nada, um homem sem rosto e sem óculos começou a se coçar. Então, muito suavemente, tirou outra vez a manga do bolso e ergueu o braço na minha direção, como se fosse mostrá-lo a mim outra vez. Foi erguendo-o muito, muito devagar. Olhei para o braço. Pareceu uma eternidade. 'Vê?', eu disse, pigarreando, 'não há nada aí dentro.'

"Eu precisei falar alguma coisa. Estava começando a ficar apavorado. Eu conseguia enxergar através do braço dele. Ele o estendeu na minha direção, lentamente… muito lentamente… bem assim… até que o punho da camisa chegasse a uns quinze centímetros do meu rosto. É muito estranho ver uma manga vazia vindo na sua direção! E então…"

— E então?

— Alguma coisa, que me deu a exata sensação de ser um polegar e um indicador, beliscou meu nariz.

Bunting desatou a rir.

— Não havia nada lá! — exasperou-se Cuss, com a voz acelerando até virar um guincho no "lá". — Pode rir à vontade, mas estou lhe dizendo, fiquei tão assustado que bati com força no punho dele, dei meia-volta e saí correndo da sala… deixei-o lá…

Cuss parou de falar. Não havia como ignorar a sinceridade de seu pânico. Ele se virou, desolado, e tomou um segundo cálice do lastimável xerez do excelente vigário.

— Quando acertei o punho dele — prosseguiu —, vou lhe dizer, tive a exata sensação de atingir um braço. E não havia braço nenhum! Não havia nem sombra de braço!

O sr. Bunting pensou um pouco. Olhou desconfiado para Cuss.

— É uma história inacreditável — ponderou, parecendo mesmo muito sábio e solene.

— De fato — admitiu Bunting, com judiciosa ênfase —, uma história inacreditável.

---

[g] Em português, "O bicho-papão". (N.T.) ↩

5

A INVASÃO NO VICARIATO

Os fatos sobre a invasão no vicariato nos chegaram principalmente através do vigário e sua esposa. Aconteceu nas primeiras horas da segunda-feira de Pentecostes, dia devotado em Iping às festividades comunitárias. A sra. Bunting, ao que parece, despertou de repente, naquela mansidão que antecede o raiar do dia, com a forte impressão de que a porta do quarto do casal havia sido aberta e fechada. De início, não acordou o marido, apenas sentou-se na cama e ficou escutando. Então ouviu distintamente o pam-pam-pam de pés descalços, dando um passo, outro passo e mais outro, saindo do vestíbulo contíguo e atravessando o corredor em direção à escada. Assim que teve certeza disso tudo, ela acordou o reverendo Bunting da maneira mais suave possível. Ele não acendeu nenhuma luz, mas, pondo os óculos, o penhoar da esposa e seus próprios chinelos, foi até o corredor tentar escutar alguma coisa. Ouviu muito nitidamente remexerem em sua escrivaninha, que ficava no escritório lá embaixo, e então um espirro violento.

Nisso, voltou para o quarto, armou-se da maneira mais óbvia, com o atiçador da lareira, e desceu a escada fazendo o mínimo de ruído possível. A sra. Bunting foi até o patamar.

Eram por volta das quatro, e a escuridão máxima da noite já se fora. Havia uma pálida cintilação no hall de entrada, mas a porta do escritório era uma boca aberta impenetravelmente negra. Tudo estava em silêncio, exceto pelo vago ranger dos degraus a cada passo do sr. Bunting e aquela movimentação no escritório. Então algo estalou, a gaveta foi aberta, e ouviu-se um farfalhar de papéis. Seguiu-se uma imprecação, um fósforo sendo

aceso, e o escritório se encheu de uma luz amarela. O sr. Bunting estava agora no hall, e pela fresta da porta conseguiu enxergar a escrivaninha, com a gaveta aberta e uma vela acesa. Mas o ladrão ele não conseguia ver. Então ficou ali parado, hesitando sobre o que fazer, e a sra. Bunting, pálida e determinada, desceu lentamente a escada atrás dele. Uma única ideia sustentou a coragem do sr. Bunting: a convicção de que o ladrão era alguém da vila.

Ouviu-se o tilintar de moedas, e ele se deu conta de que o ladrão havia encontrado a reserva de ouro da casa — duas libras e dez xelins em meios soberanos. Diante desse som, o sr. Bunting encheu-se de brios e partiu para uma ação temerária. Segurando com firmeza o atiçador, entrou correndo no escritório, seguido de perto pela sra. Bunting.

— Renda-se! — exclamou o sr. Bunting, furioso, e então parou, perplexo. O escritório parecia completamente vazio.

No entanto, a impressão de que tinham ouvido alguma coisa se mexendo naquela sala, um segundo antes, atingia a ordem das certezas. Por meio minuto, mais ou menos, ficaram ali boquiabertos, até que a sra. Bunting atravessou o escritório e olhou atrás da cortina, enquanto o sr. Bunting, num impulso semelhante, espiou sob a escrivaninha. Então a sra. Bunting abriu as cortinas, e o sr. Bunting foi olhar na chaminé, que espetou com o atiçador. A sra. Bunting inspecionou o cesto de lixo e o sr. Bunting abriu a tampa do balde de carvão. Por fim, ambos pararam e ficaram se encarando, interrogativos.

— Eu seria capaz de jurar… — balbuciou a sra. Bunting.

— E a vela! — exclamou o sr. Bunting. — Quem acendeu a vela?

— E a gaveta! — completou a sra. Bunting. — O dinheiro sumiu!

Ela foi rapidamente até a porta:

— De todas as estranhas ocorrências…

Ouviu-se um espirro violento no corredor. Eles dispararam até lá, e enquanto corriam a porta da cozinha bateu com força.

— Traga a vela — comandou o sr. Bunting, que fora na frente. Os dois ouviram o som dos ferrolhos sendo vigorosamente puxados.

E quando ele abriu a porta da cozinha viu que a porta de trás, depois da lavanderia, estava se abrindo, e a luz difusa da madrugada exibia as manchas escuras do jardim ao fundo. Ele tem certeza de que nada saiu por aquela porta. Ela se abriu, ficou aberta um instante e então bateu, fazendo barulho. Com isso, a vela que a sra. Bunting trouxera do escritório bruxuleou, mas tornou a brilhar. Depois de um minuto ou mais ali parados, entraram na cozinha.

O lugar encontrava-se vazio. Eles retrancaram a porta de trás, examinaram minuciosamente a cozinha, a despensa e a lavanderia, até que por fim desceram rumo ao porão. Não encontraram vivalma em toda a casa, por mais que procurassem.

A luz do dia encontrou o vigário e a esposa, um casalzinho em trajes antiquados, ainda espantadíssimos no primeiro andar, junto à luz desnecessária de uma vela derretendo.

6

A MOBÍLIA QUE ENLOUQUECEU

ORA, ACONTECEU QUE, nas primeiras horas da segunda-feira de Pentecostes, antes de Millie ser arrastada para o trabalho, o sr. e a sra. Hall acordaram juntos e desceram silenciosamente até o porão. O assunto que tinham para tratar ali era de caráter particular, tendo a ver com a densidade específica da cerveja do bar. Mal haviam entrado no porão quando a sra. Hall descobriu que se esquecera de trazer a garrafa de salsaparrilha, guardada no vestíbulo. Como ela era a especialista e a principal responsável pela tarefa a ser executada, Hall foi cavalheiro e subiu a escada para buscar a garrafa.

No corredor, ele ficou surpreso ao ver o quarto do desconhecido com a porta entreaberta. Seguiu adiante até o próprio quarto e achou a garrafa onde lhe fora dito que estaria.

Mas, ao voltar com ela na mão, reparou que os ferrolhos da porta da frente haviam sido abertos, e que a porta, na verdade, estava apenas encostada e segura pela lingueta. Com um lampejo de inspiração, ele associou isso à porta do forasteiro lá em cima e às insinuações do sr. Teddy Henfrey. Lembrava-se nitidamente de ter segurado a vela enquanto a sra. Hall passava as trancas na noite anterior. Vendo aquilo, estacou, pasmo, então tornou a subir com a garrafa. Bateu na porta do desconhecido. Não houve resposta. Bateu outra vez, então abriu inteiramente a porta e entrou.

Encontrou o que esperava. A cama estava vazia, o quarto também. Ainda mais estranho, mesmo para sua inteligência pouco ágil, é que sobre a cadeira e ao pé da cama estavam espalhadas as roupas de seu hóspede, até

onde ele sabia as únicas, e suas bandagens. O grande chapéu amassado estava pendurado, casualmente, no poste da cama.

Parado ali, Hall ouviu a voz da esposa chegando-lhe das profundezas do porão, numa rápida sucessão de sílabas e com a ênfase interrogativa nas últimas palavras, de nota mais aguda, por meio da qual o povo das vilas de West Sussex costuma indicar uma ríspida impaciência.

— George! Você pegou o que eu pedi, diacho?

Ouvindo isso, ele se virou e desceu correndo ao encontro da sra. Hall.

— Janny — disse o cocheiro, por sobre o corrimão da escada do porão —, Henfrey tinha razão. Ele não está no quarto. E a porta da frente estava sem as trancas.

A princípio a sra. Hall não entendeu, mas assim que o fez decidiu subir e ver ela mesma o quarto vazio. O marido, ainda segurando a garrafa, foi na frente.

— Se ele não está aqui — disse Hall —, suas roupas estão. E o que ele estaria aprontando sem roupa na rua? Eu gostaria de saber.

Enquanto subiam a escada do porão, ambos (mais tarde isso seria confirmado) imaginaram ter ouvido a porta da frente abrir e bater, mas, encontrando-a fechada e sem ninguém por ali, nenhum dos dois falou nada na hora. A sra. Hall ultrapassou o marido no corredor e começou a subir a escada que levava ao segundo andar. Alguém espirrou. Hall, que vinha seis degraus atrás, pensou ter ouvido a esposa espirrar. Ela, indo na frente, teve a impressão de ser Hall quem espirrara. Ao chegar, a dona da pensão escancarou a porta e ficou parada olhando o quarto.

— Que coisa esquisita! — exclamou.

Ela ouviu algo que parecia um nariz fungando atrás de sua cabeça. Ao se virar, ficou surpresa ao encontrar Hall ainda a uns três metros dela, no alto da escada. No momento seguinte, porém, ele chegou ao seu lado. Ela se inclinou para a frente, pondo a mão no travesseiro e depois nas roupas espalhadas:

— Estão frias — constatou. — Ele deve ter tirado há pelo menos uma hora.

Enquanto dizia isso, a coisa mais extraordinária aconteceu. O lençol se mexeu sozinho, subiu de repente, fazendo um volume pontudo, e então saltou para o pé da cama. Exatamente como se a mão de alguém o tivesse agarrado pelo centro e puxado para o lado. Imediatamente depois disso, o chapéu do hóspede desconhecido decolou do poste da cama, numa trajetória rodopiante pelo ar, quase descrevendo um círculo completo, até dar uma trombada frontal no rosto da sra. Hall. Com a mesma rapidez veio voando a esponja da pia. Em seguida, a cadeira jogou o sobretudo e as calças do forasteiro para o lado, com um riso seco e uma voz estranhamente semelhante à dele, apontou seus quatro pés na direção da sra. Hall, parecendo por um instante ajustar a mira, e avançou contra ela. A dona da pensão gritou, virando-se num reflexo, e então os pés da cadeira encostaram em suas costas, delicada mas firmemente, e a empurraram, com o marido, para fora do quarto. A porta bateu violentamente e se trancou sozinha. A cadeira e a cama aparentemente executaram uma rápida dança triunfal, e então, abruptamente, tudo ficou em silêncio.

A sra. Hall, praticamente desmaiando no corredor, caiu nos braços do sr. Hall. Foi a maior dificuldade para ele e Millie, que acordara com o grito de alarme da patroa, conseguirem levá-la até o andar de baixo e aplicar-lhe os procedimentos restauradores comuns nesses casos.

— É espírito — sentenciou a sra. Hall. — Sei que é espírito. Já li no jornal sobre isso. Mesas e cadeiras pulando e dançando pela sala…

— Mais um gole, Janny — disse Hall. — Vai deixar você mais calma.

— Tranca ele do lado de fora — comandou a sra. Hall. — Não deixa ele entrar mais. Quase adivinhei… eu já devia saber. Com aqueles óculos de fundo de garrafa e a cabeça enfaixada, sem nunca ir à igreja aos domingos. E todos aqueles frascos… mais do que seria certo alguém ter. Ele pôs espíritos na mobília… Minha boa e velha mobília! Era naquela cadeira que minha

pobre e querida mãe costumava sentar comigo quando menina. E pensar que agora ela acabou de me atacar!

— Só mais um golinho, Janny — suplicou Hall. — Você ainda está com os nervos à flor da pele.

Eles mandaram Millie atravessar a rua, ao sol dourado das cinco da manhã, para chamar o sr. Sandy Wadgers, o ferreiro. O sr. Hall mandava seus cumprimentos e dizia que a mobília do quarto de cima estava se comportando da maneira mais extraordinária. Ele poderia vir? Era um sujeito instruído, o sr. Wadgers, e muito desembaraçado e prestativo. Ponderou gravemente sobre o caso.

— Diacho, isso é bruxaria — foi a opinião do sr. Sandy Wadgers. — Contra esses tipos refinados, o melhor é usar uma ferradura.

Ele chegou já bastante preocupado. Todos quiseram que subisse na frente a escada até o quarto, mas não parecia estar com nenhuma pressa. Preferiu conversar no hall de entrada. Nisso, o aprendiz de Huxter apareceu lá fora e começou a abrir as janelas da tabacaria. Ele foi chamado para se juntar à discussão. O sr. Huxter naturalmente apareceu também, alguns minutos depois. O dom anglo-saxão para o governo parlamentar se fez presente; seguiram-se muitas palavras e pouquíssima ação.

— Vejamos os fatos, antes de mais nada — insistiu o sr. Sandy Wadgers. — Para ter certeza de que temos o direito de arrombar aquela porta. Uma porta fechada sempre se pode arrombar, mas não se desarromba mais a porta depois de arrombada.

Subitamente, de maneira quase milagrosa, a porta do quarto lá de cima abriu sozinha e, quando eles olharam, num assombro geral, viram descendo a figura toda agasalhada do forasteiro, lançando-lhes o olhar mais negro e vazio jamais visto, com aqueles seus óculos de lentes azuladas, inexplicavelmente grandes. Ele descia rígida e lentamente, encarando-os a cada passo; passou pelo hall ainda encarando, então parou.

— Olhem ali! — exclamou, e os olhos de todos seguiram na direção indicada por seu dedo enluvado, até a garrafa de salsaparrilha na entrada do porão. Então o desconhecido entrou na saleta de hóspedes e, de repente, astuciosa e maliciosamente, bateu a porta na cara deles.

Nenhuma palavra foi dita até morrerem os últimos ecos da batida da porta. Todos se entreolharam.

— Ora, se essa não for a maior audácia…! — exclamou o sr. Wadgers, deixando a alternativa no ar. — Eu iria até lá e tiraria satisfações — acrescentou, dirigindo-se ao sr. Hall. — Eu exigiria uma explicação.

Levou algum tempo até o marido da sra. Hall se convencer a fazê-lo. Por fim, ele bateu na porta e abriu, mas mal chegou a dizer:

— Com licença…

— Vá para o inferno! — vociferou o desconhecido, com uma voz poderosa. — Saia e feche essa porta.

E assim a breve conversa chegou ao fim.

7

A REVELAÇÃO DO FORASTEIRO

O FORASTEIRO ENTROU na saleta de hóspedes da Coach and Horses por volta das cinco e meia da manhã e ali permaneceu até quase o meio-dia, de cortinas fechadas e porta trancada. Ninguém, depois da expulsão de Hall, arriscou se aproximar.

Todo esse tempo, ele deve ter passado em jejum. Tocou a sineta apenas três vezes, furiosa e insistentemente da terceira vez, mas ninguém respondeu.

— Ele e esse "vá para o inferno" dele hão de me pagar! — resmungou a sra. Hall.

Sem demora, chegou o duvidoso boato do arrombamento na casa do vigário, e então eles somaram dois mais dois. Hall, acompanhado por Wadgers, dirigiu-se ao sr. Shuckleforth, o magistrado, para se aconselhar. Ninguém mais arriscou subir aquela escada. Como o estranho hóspede se ocupou todo esse tempo ainda é mistério. De quando em quando ele ia e vinha, pisando agressivamente o chão da saleta, e por duas vezes surtos de xingamento foram ouvidos, bem como um rasgar de papel e uma violenta destruição de frascos de vidro.

O pequeno grupo de pessoas apavoradas, mas curiosas, aumentou. A sra. Huxter chegou, além de alguns rapazes alegres e jovens, reluzentes em seus paletós pretos sem corte e suas gravatas de papel imitando *piqué* — pois era segunda-feira de Pentecostes —, que também se juntaram ao aglomerado, com perguntas confusas. O jovem Archie Harker destacou-se por cruzar o jardim e espiar pelas frestas da cortina. Não conseguiu ver nada, mas deu

motivos para se supor o contrário, então outros jovens de Iping aderiram à sua liderança.

Aquela era a melhor possível de todas as segundas-feiras de Pentecostes. Na rua principal da vila enfileiravam-se aproximadamente doze barracas, um estande de tiro e, no gramado perto da forja, três vagões amarelos e cor de chocolate, com alguns visitantes pitorescos, de ambos os sexos, montando sua barraca de *coconut shy*.[h] Os homens usavam blusas azuis, as mulheres, aventais brancos e chapéus elegantes, com grandes plumas. Wodger, do Purple Fawn, e o sr. Jaggers, o sapateiro, que também vendia bicicletas comuns de segunda mão, amarravam o cordão com bandeirinhas britânicas e insígnias reais (originalmente usadas na festa do primeiro jubileu da rainha Vitória) dos dois lados da rua.

Do lado de dentro, na penumbra artificial da saleta de hóspedes, onde um único raio de sol penetrava, o estranho hóspede, supostamente faminto, assustador, escondido em suas ataduras incômodas e sufocantes, meditava atrás de seus óculos escuros e diante de um papel, ou agitava seus frasquinhos sujos, e de quando em quando xingava desbragadamente os meninos, audíveis ainda que invisíveis, do lado de fora de sua janela. No canto, junto à lareira, havia cacos de meia dúzia de frascos destruídos, e um cheiro penetrante de cloro empesteava o ar. É o que sabemos pelo que se ouviu dizer na época e a partir do que em seguida foi visto na saleta.

Por volta do meio-dia, o estranho hóspede de repente abriu a porta e ficou olhando fixamente para as três ou quatro pessoas no bar.

— Sra. Hall? — ele chamou.

Alguém, obedientemente, tratou de chamar a sra. Hall.

Ela apareceu ao cabo de alguns instantes, um tanto ofegante, e por isso mesmo mais determinada. Hall havia saído. Ela já sabia como enfrentar a situação e veio trazendo uma pequena bandeja com o somatório das despesas em aberto.

— É a sua conta que deseja, senhor? — ela arriscou.

— Por que meu café da manhã não foi servido? Por que você não preparou minhas refeições e nem veio atender quando toquei a sineta? Você acha que eu sobrevivo sem comer?

— Por que a minha conta não foi paga? — devolveu a sra. Hall. — É isso que eu quero saber.

— Eu já lhe disse três dias atrás, estou esperando uma transferência…

— Eu já lhe disse dois dias atrás que não esperaria nenhuma transferência. O senhor não pode resmungar se o café da manhã atrasa um pouco, quando minha conta está esperando há cinco dias, não é mesmo?

O forasteiro esbravejou, rápida porém intensamente.

— Oh! Oh! — ouviu-se do bar.

— E eu agradeceria muito se o senhor guardasse seus xingamentos para si mesmo — decretou a sra. Hall.

O forasteiro, ali parado, mais do que nunca parecia um escafandrista irritadiço. Ficou universalmente subentendido no bar que a sra. Hall o havia derrotado. As palavras seguintes assim o demonstraram:

— Veja bem, cara senhora… — começou o hóspede.

— Não me venha com essa de “cara senhora” — cortou a sra. Hall.

— Eu lhe disse que minha transferência não havia chegado ainda.

— Transferência… pois sim! — duvidou a sra. Hall.

— De todo modo, ouso dizer que, no meu bolso…

— O senhor me disse, há três dias, que tinha um único soberano de prata.

— Pois bem, encontrei mais um tanto…

— Ulalá! — ouviu-se do bar.

— Eu me pergunto onde o senhor encontrou — disse a sra. Hall.

Isso, aparentemente, deixou o forasteiro muito irritado. Ele fincou os pés no chão e perguntou:

— O que quer dizer com isso?

— Estou apenas me perguntando onde o senhor encontrou mais dinheiro — retrucou a sra. Hall. — E antes que eu aceite mais despesas, ou traga mais refeições, ou faça qualquer coisa para o senhor, precisa me dizer uma ou duas coisas que não entendi, que ninguém entendeu, e que todo mundo está aflito para entender. Eu gostaria de saber o que o senhor estava fazendo com a minha cadeira lá em cima, e gostaria de saber também como o seu quarto estava vazio e como o senhor entrou de novo. As pessoas que se hospedam nesta casa entram pela porta, é a regra aqui, e isso o senhor não fez, então o que eu quero saber é como o senhor entrou, afinal. E gostaria ainda de saber…

De repente o forasteiro ergueu as mãos enluvadas, juntando-as, bateu os pés outra vez e gritou:

— Pare!

Sua violência, tão extraordinária, a fez calar no mesmo instante.

— Você não entendeu quem eu sou ou o que eu sou. Pois vou lhe mostrar. Céus! Vou lhe mostrar.

Ele levou a palma da mão ao rosto e depois a tirou. O centro de seu rosto se tornou uma cavidade preta.

— Veja.

Dizendo isso, ele deu um passo à frente e estendeu para a sra. Hall algo que ela, encarando seu rosto metamorfoseado, aceitou automaticamente. Então, quando viu o que era, ela gritou bem alto, largou o que tinha nas mãos e cambaleou para trás. O nariz… era o nariz do forasteiro! Cor-de-rosa e brilhante, ele rolou pelo chão.

Então o desconhecido tirou os óculos, deixando todos no bar boquiabertos. Ele tirou o chapéu e, com um gesto bruto, arrancou as suíças e ataduras. Por um momento as bandagens resistiram. Um lampejo de ansiedade horrorizada percorreu o bar.

— Ai, Jesus! — disse alguém.

Então as bandagens se soltaram.

Foi pior do que tudo. A sra. Hall, de queixo caído e horrorizada, gritou ao ver aquilo e correu para a porta da casa. Todo mundo se levantou. Estavam preparados para cicatrizes, deformações, horrores tangíveis, mas qual! As bandagens e as falsas suíças flutuaram pelo hall até o bar, o que fez um menino esquisito e atrapalhado pular de lado para evitá-las. Todo mundo atropelou todo mundo nos degraus da saída. Pois o homem que ali gritava explicações incoerentes era uma figura sólida e gesticulante apenas até a lapela do paletó, depois disso… nada, nem resquício visível de coisa nenhuma!

Os habitantes da vila ouviram gritos e berros, e olhando da rua viram a Coach and Horses violentamente cuspindo sua população porta afora. Viram a sra. Hall cair e o sr. Teddy Henfrey saltar de lado para evitar um tropeção nela, e depois ouviram os gritos apavorados de Millie, que, despontando subitamente da cozinha, ao ouvir o barulho do tumulto, deparara-se com o forasteiro de costas e sem cabeça. Os gritos aumentaram de repente.

Logo todos que estavam na rua — o vendedor de doces, o dono do estande de *coconut shy* e seu assistente, o faz-tudo, garotinhos e garotinhas, dândis rústicos, jovens travessas, velhos de macacão e ciganas de avental — correram até a pensão e, num intervalo miraculosamente curto, uma multidão de quase quarenta pessoas, que crescia rápido, gritava, se agitava, perguntava, exclamava e sugeria coisas na frente do estabelecimento da sra. Hall. Todos pareciam ansiosos por falar ao mesmo tempo, e o resultado foi uma babel. Um pequeno grupo correu em auxílio da sra. Hall, que foi levantada prestes a desmaiar. Houve um breve debate, no qual prevaleceu o incrível depoimento de uma vociferante testemunha ocular:

— Bicho-papão!

— O que será que está fazendo?

— Ele não machucou a menina, machucou?

— Vamos de faca para cima dele, é o que eu acho.

— Não, estou lhe falando. Não é modo de dizer. Eu vi um sujeito sem cabeça mesmo!

— Que besteira! Deve ser um truque de mágica fajuto.

— Ele arrancou as ataduras, tirou, sim…

No esforço para conseguir enxergar pela porta da frente, largada aberta, a multidão se configurou como uma cunha hesitante, com o ápice mais aventureiro diante da pensão.

— Ele parou por um momento, eu ouvi a menina gritar, e ele virou. Vi a saia dela balançar, e ele correu atrás dela. Não foram nem dez segundos. Ele voltou com uma faca na mão e um pão na outra; parou como se estivesse encarando alguma coisa. Isso foi agora. Entrei por aquela porta. Estou lhe dizendo, ele não tem mesmo cabeça. Vocês chegaram pouco depois…

Houve um distúrbio na retaguarda, a testemunha parou de falar e abriu caminho para uma pequena procissão, que veio marchando resolutamente na direção da casa. Na frente o sr. Hall, muito vermelho e determinado, depois o sr. Bobby Jaffers, o policial da vila, e, por fim, o desconfiado sr. Wadgers. Só que agora vinham armados com um mandado.

As pessoas berravam informações conflitantes sobre os últimos acontecimentos.

— Com cabeça ou sem cabeça — sentenciou Jaffers —, tenho que prender, e vou prender.

O sr. Hall subiu marchando os degraus da entrada, continuou diretamente até a porta da saleta de hóspedes e a escancarou.

— Policial — ele disse —, cumpra o seu dever.

Jaffers entrou marchando. Hall em seguida, Wadgers por último. Todos viram na penumbra a figura sem cabeça que os encarava, com um pedaço roído de pão numa das mãos enluvadas e um de queijo na outra.

— É ele! — exclamou Hall.

— Que diabos significa isso? — foi a frase, em tom de protesto irritado, que saiu do colarinho da figura.

— O senhor é um hóspede muito encrenqueiro — retrucou o sr. Jaffers. — Mas, com cabeça ou sem cabeça, o mandado diz "corpo", e dever é dever…

— Não encoste as mãos em mim! — gritou a figura, recuando sobressaltada.

Abruptamente, ele soltou o pão e o queijo, enquanto o sr. Hall agarrava a faca sobre a mesa. Eis que veio a luva esquerda do forasteiro e estapeou o rosto de Jaffers, que, um segundo depois, pulando qualquer anúncio formal sobre a existência do mandado, já o agarrara pelo pulso maneta e com a outra mão passara a apertar-lhe a garganta invisível. O policial tomou um chute retumbante na canela, que o fez gritar, mas continuou segurando firme. Hall escorregou a faca pela mesa até Wadgers, que como um goleiro a segurou e deu um passo à frente quando Jaffers e o desconhecido se atracaram e vieram em sua direção, engalfinhados e trocando socos. Uma cadeira ficou no caminho e caiu de lado com estrondo quando os dois também foram ao chão.

— Segure-o pelos pés — comandou Jaffers, entre dentes.

O sr. Hall, enquanto tentava seguir as instruções, recebeu um sonoro pontapé nas costelas, que o desabilitou por um momento; o sr. Wadgers, vendo que o decapitado forasteiro havia rolado e ficado por cima de Jaffers, recuou na direção da porta, com a faca na mão, nisso colidindo com o sr. Huxter e o cocheiro de Sidderbridge, que vinham em socorro da lei e da ordem. Foi então que três ou quatro frascos caíram da estante e um cheiro forte espalhou-se pelo quarto.

— Eu me rendo — declarou o forasteiro, embora estivesse por cima de Jaffers.

No momento seguinte ele se pôs de pé, ofegante; uma estranha figura, decapitada e maneta, pois, além da esquerda, havia tirado também a luva

direita.

— Não adianta — ele disse, como se soluçasse para tomar fôlego.

Foi a coisa mais esquisita do mundo ouvir aquela voz, chegando como que do espaço vazio, mas os camponeses de Sussex são talvez o povo mais pé no chão que existe sob o sol. Jaffers também se levantou e sacou um par de algemas. Então ficou parado, olhando o nada.

— Ora essa! — contrariou-se o policial, ao subitamente se dar conta da incongruência de toda a transação. — Diabos! Não posso algemar sem enxergar.

O desconhecido tirou o braço do colete e, como que por milagre, os botões para os quais apontavam suas mangas vazias foram desabotoados. Então ele disse algo sobre sua canela e se abaixou. Parecia estar tirando os sapatos e as meias.

— Ora pois! — disse Huxter, de repente. — Isso não é um homem. São apenas roupas vazias. Veja! Dá para ver por dentro do colarinho e do forro das roupas dele. Dá para passar o braço pela…

Ele esticou a mão, aparentemente encontrando algo em pleno ar, e recolheu-a com uma aguda exclamação.

— Eu agradeceria se mantivesse o seu dedo longe do meu olho — disse a voz incorpórea, em tom de feroz irritação. — O fato é que me encontro aqui por inteiro, cabeça, mãos, pernas e todo o resto do corpo, mas acontece que estou invisível. É um aborrecimento absurdo, mas o fato é que estou assim. Mas isso não é motivo para que eu seja espetado e feito em pedacinhos por todos os broncos estúpidos de Iping, ou é?

Suas roupas, agora todas desabotoadas e pairando soltas sobre suportes ocultos, se levantaram com os braços apoiados na cintura.

Várias outras pessoas haviam entrado na saleta, que ficou lotada.

— Invisível, não é? — desdenhou Huxter, ignorando a insultuosa pergunta do forasteiro. — Alguém já ouviu falar em algo semelhante?

— É estranho, talvez, mas não é crime. Por que estou sendo subjugado por um policial dessa maneira?

— Ah! Isso é outro assunto — explicou Jaffers. — Sem dúvida é difícil enxergar o senhor nessa luz, mas tenho aqui um mandado e está tudo dentro da lei. Não me interessa a invisibilidade, e sim a invasão de domicílio. Uma casa foi invadida e levaram dinheiro.

— E daí?

— E as circunstâncias certamente apontam para…

— Bobagem, absurdo! — rechaçou o Homem Invisível.

— Espero que seja, senhor; mas tenho ordens a cumprir.

— Bem — resignou-se o forasteiro. — Eu irei. Eu irei. Mas sem algemas.

— É o procedimento normal, senhor — insistiu Jaffers.

— Sem algemas — teimou o forasteiro.

— O senhor vai me desculpar — disse Jaffers.

Subitamente, a figura sentou e, antes que alguém se desse conta do que estava sendo feito, chinelos, meias e calças haviam sido tirados e chutados para baixo da mesa. Então ele se levantou outra vez e arrancou o paletó.

— Ei, pare com isso — disse Jaffers, subitamente se dando conta do que estava acontecendo.

Ele agarrou o colete, o colete lutou e escorregou da camisa, soltando-se e ficando molengo e oco em sua mão.

— Peguem-no! — exclamou Jaffers, erguendo a voz. — Depois que ele tirar tudo…

— Peguem ele! — gritaram todos, e houve um ataque à camisa branca flutuante, àquela altura a única parte visível do desconhecido.

A manga da camisa desferiu um golpe severo no rosto de Hall, que avançava de braços abertos, lançando-o para trás sobre o velho Toothsome, o sacristão. No momento seguinte, as duas mangas se ergueram e ficaram

batendo os braços convulsiva e erraticamente, como se a peça de roupa estivesse sendo arrancada pela cabeça de alguém. Jaffers agarrou-se à camisa, mas só fez ajudar a tirá-la; foi atingido na boca por um soco que surgiu do nada, e num reflexo golpeou com seu cassetete, atingindo Teddy Henfrey, violentamente, no alto da cabeça.

— Cuidado! — gritaram todos, golpeando a esmo e sem acertar coisa alguma. — Segurem! Fechem a porta! Não deixem ele escapar! Peguei alguma coisa! Ele está aqui!

Eles faziam uma perfeita babel de sons. Todo mundo, ao que parece, apanhava ao mesmo tempo, e Sandy Wadgers, sabido como sempre, e cuja astúcia fora aguçada pelo assustador soco no nariz, reabriu a porta e puxou a fila. Os demais, seguindo-o prontamente, amontoaram-se por um momento no canto junto à saída. A briga continuou. Phipps, o unitarista, teve um dente da frente quebrado, e Henfrey machucou a cartilagem da orelha. Jaffers levou um golpe abaixo na mandíbula e, ao se virar, tocou em algo que se interpôs entre ele e Huxter naquela *mêlée*,[i] evitando que se chocassem. Sentiu que era um tronco musculoso. No momento seguinte, toda aquela massa de homens lutando, excitados, fora expelida até o hall apinhado.

— Peguei! — berrou Jaffers, sufocando e desvencilhando-se deles, fazendo força até ficar roxo e com as veias inchadas, atracado ao inimigo invisível.

Os homens tropeçavam em toda parte, enquanto o extraordinário conflito se espalhava depressa rumo à porta da frente. Eles continuaram rodopiando na descida dos seis degraus que formavam a escada até a rua. Jaffers gritou com voz estrangulada, embora ainda segurando firme e dando joelhadas, então girou e caiu pesadamente, batendo a cabeça no cascalho da entrada. Só aí seus dedos relaxaram.

Ouviram-se gritos efusivos:

— Segura ele!

— Invisível!

E assim por diante. Nessa hora, um jovem que não vivia na vila, cujo nome jamais seria conhecido, chegou correndo e agarrou alguma coisa, mas depois soltou, caindo por cima do corpo prostrado do policial. No meio do caminho até a rua, uma mulher gritou quando algo a puxou; um cachorro, aparentemente chutado, ganiu e, aos uivos, correu para se esconder no quintal de Huxter. Com isso, a fuga do Homem Invisível se completou. Por algum tempo as pessoas ficaram perplexas e gesticulando, então veio o pânico, que as dispersou pela vila, como uma rajada de vento espalha folhas mortas.

Mas Jaffers continuou imóvel, de barriga para cima e joelhos dobrados para o alto, aos pés da escada da pensão.

---

[h] Jogo de feiras e festas ingleses, consiste em jogar bolas de madeira em cocos enfileirados e equilibrados em postes. (N.T.) ↩

[i] Em francês no original: “confusão”. (N.T.) ↩

8

EM TRÂNSITO

O OITAVO CAPÍTULO, extremamente breve, relata que Gibbons, o naturalista amador do distrito, enquanto estava deitado no espaço aberto dos vales, prestes a cochilar e acreditando não ter vivalma num raio de quilômetros, ouviu ao seu lado o som de um homem tossindo, espirrando e depois praguejando barbaramente consigo mesmo. Ao olhar, não viu nada. A voz, no entanto, era inegável, e continuou a xingar com a largueza e a variedade que distinguem os xingamentos de um homem culto. Ela atingiu um clímax, tornou a amainar e acabou morrendo na distância, indo, segundo lhe pareceu, na direção de Adderdean. Ainda voltou, sob a forma de um espirro espasmódico, e passou. Gibbons não ouvira nada sobre as ocorrências daquela manhã, mas o fenômeno foi tão impressionante e perturbador que sua serenidade filosófica desapareceu; ele se levantou bruscamente e desceu correndo a encosta em direção à vila, o mais depressa que podia.

9

O SR. THOMAS MARVEL

VOCÊ DEVE IMAGINAR o sr. Thomas Marvel como uma pessoa de rosto largo e flexível, nariz de cilíndrica protuberância, boca afeita ao álcool, larga e movediça, e uma barba de eriçada excentricidade. Seu porte tendia ao roliço, com os membros curtos acentuando essa tendência. Ele usava um velho chapéu de seda puída, e os barbantes e cadarços que substituíam os botões em pontos críticos de suas roupas indicavam um homem essencialmente solteiro.

O sr. Thomas Marvel estava sentado com os pés dentro de uma vala, na beira da estrada do vale que leva a Adderdean, a cerca de dois quilômetros de Iping. Seus pés, exceto pelas meias de ponto aberto e irregular, estavam descalços, seus dedões eram largos e pontudos como as orelhas de um cão de guarda. De maneira relaxada — ele fazia tudo de maneira relaxada —, contemplava a ideia de calçar um par de botas. Eram as botas mais resistentes que via em muito tempo, porém eram grandes demais para ele, ao passo que as botas que tinha eram, no tempo seco, de tamanho ideal, apesar das solas nas demais para o tempo úmido. O sr. Thomas Marvel detestava sapatos folgados, mas também detestava umidade. Nunca decidira exatamente o que detestava mais, e o dia estava propício, não havendo nada melhor para fazer. De modo que ele reuniu os quatro pés de bota em um grupo simpático sobre a relva e ficou olhando para eles. Vendo-os ali em meio à grama e às agrimônias floridas, de repente lhe ocorreu que os dois pares eram extremamente feios de se olhar. Ele não se assustou nem um pouquinho com a voz atrás de si.

— São botas, de todo modo — disse a Voz.

— São… botas recebidas em caridade — disse o sr. Thomas Marvel, com a cabeça de lado, olhando desgostoso para elas. — Mas qual dos dois é o par mais feio de todo esse bendito universo, juro que não sei!

— Hum… — conjecturou a Voz.

— Já usei piores; na verdade, já não usei bota alguma. Mas nunca nenhum par tão audaciosamente feio, se você me permite a expressão. Vinha mendigando um par de botas, acima de tudo o mais, fazia alguns dias. Porque eu estava cansado das minhas. Elas são bem resistentes, é claro. Mas um cavalheiro esmolando por aí acaba olhando as próprias botas por uma quantidade estrondosa de tempo. E, acredite se quiser, não consegui nada em toda essa bendita região, por mais que tentasse, além dessas aí. Olhe só para elas! E essa região é boa de botas, em geral. Mas é a minha sorte vagabunda. Eu ganhei minhas botas nesta mesma região há dez anos ou mais. E hoje é isso que recebo…

— É uma região bárbara — disse a Voz. — E os homens são uns porcos.

— Não é mesmo? — concordou o sr. Thomas Marvel. — Deus! Mas essas botas! Não dá para piorar.

Ele se virou para a direita, procurando as botas de seu interlocutor, no intuito de compará-las, e, ora!, onde as botas do interlocutor deveriam estar não havia pernas nem botas. Ele foi irradiado pelo clarão de um grande espanto.

— Cadê você? — perguntou o sr. Thomas Marvel por sobre os ombros, ficando de quatro.

Ele viu uma longa série de vales despovoados, nos quais o vento balançava as pontas verdes de longínquas moitas de tojo.

— Será que estou bêbado? — perguntou-se o sr. Marvel. — Será que estou tendo visões? Eu estava falando sozinho? Que diabos será que…

— Não fique alarmado — tranquilizou-o a Voz.

— Sem ventriloquias comigo — reclamou o sr. Thomas Marvel, erguendo-se depressa e ficando de pé. — Cadê você? Alarmado, eu!

— Não fique alarmado — repetiu a Voz.

— Você é quem vai ter que se preocupar comigo agora mesmo, seu tonto de uma figa — esbravejou o sr. Thomas Marvel. — Cadê você? Vou deixar minha marca no seu…

Após uma pausa, o sr. Thomas Marvel perguntou:

— Você está enterrado?

Não houve resposta. O sr. Thomas Marvel ficou ali, sem botas nos pés e perplexo, com o casaco todo torto.

— Quero-quero — piou um quero-quero à distância.

— Quero-quero, essa é boa! — exclamou o sr. Thomas Marvel. — Não é hora de gracinhas.

O vale estava deserto, de leste a oeste, de norte a sul; a estrada, com suas valas rasas e margeada por cercas brancas, corria plana e desimpedida em ambas as direções, e, exceto por esse quero-quero, o céu azul também estava despopulado.

— Deus me ajude — suplicou o sr. Thomas Marvel, ajeitando outra vez o casaco sobre os ombros. — É a bebida! Eu devia saber.

— Não é a bebida — disse a Voz. — Acalme-se.

— Oh! — exclamou o sr. Marvel, e seu rosto ficou pálido por entre as manchas de sujeira. — É a bebida! — seus lábios repetiram em silêncio. Ele ficou olhando em volta, andando lentamente de costas, e sussurrou: — Eu poderia jurar que ouvi uma voz.

— Claro que ouviu.

— Aí está ela outra vez — admirou-se o sr. Marvel, fechando os olhos e agarrando a própria testa, num gesto trágico.

De repente, ele foi pego pelo colarinho e sacudido com violência, ao fim do que foi largado, mais confuso do que nunca.

— Não seja bobo — disse a Voz.

— Devo estar ruim da cachola — gemeu o sr. Marvel. — Não adianta. Foi de ficar remoendo sobre essas malditas botas. Estou mesmo ficando ruim da minha bendita cachola. Ou é por causa dos destilados.

— Nem uma coisa, nem outra — disse a Voz. — Acredite!

— Tonto — rebateu o sr. Marvel.

— Espere aí… — disse a Voz, penetrante, trêmula de autocontrole.

— O que foi? — perguntou o sr. Thomas Marvel, com a estranha sensação de que seu peito era cutucado por um dedo.

— Você acha que eu sou apenas imaginação sua? Só imaginação, é?

— O que mais você pode ser? — estranhou o sr. Thomas Marvel, coçando a nuca.

— Pois bem — disse a Voz, aliviada. — Sendo assim, vou jogar pedras em você até que mude de opinião.

— Mas cadê você?

A Voz não respondeu. Zumbindo veio uma pedra, aparentemente surgida do nada, e por um fio de cabelo não acerta o ombro do sr. Marvel. O sr. Marvel, ao se virar, viu outra pulando para o alto no vazio, uma trajetória complexa, flutuando por um momento e então foi atirada em seus pés com uma rapidez quase invisível. Ele estava espantado demais para se proteger. Zumbindo ela veio, ricocheteou em seu dedão descalço e caiu na vala. O sr. Thomas Marvel deu um pulo de quase meio metro e um berro muito alto. Então começou a correr, tropeçou em um obstáculo oculto e, dando uma cambalhota, caiu sentado.

— E agora? — disse a Voz, enquanto uma terceira pedra subiu do chão a girar e ficou pairando sobre a cabeça do mendigo. — Sou só imaginação sua?

O sr. Marvel, em resposta, tentou ficar de pé, mas imediatamente foi jogado no chão outra vez. Ficou deitado por um momento.

— Se você tentar resistir mais — ameaçou a Voz —, jogarei essa pedra na sua cabeça.

— Pois você fará muito bem — disse o sr. Thomas Marvel, tornando a sentar, segurando o dedão machucado e de olho atento no terceiro míssil. — Não entendo mais nada. Pedras que se atiram sozinhas. Pedras falantes. Que jogam você no chão. Dane-se. Chega.

A terceira pedra caiu.

— É muito simples — anunciou a Voz. — Sou um homem invisível.

— Ora, diga-me algo que eu ainda não saiba — disse o sr. Marvel, mal conseguindo respirar de tanta dor. — Onde se enfiou… como faz tal coisa… eu não sei. Você venceu.

— É só isso — minimizou a Voz. — Estou invisível. É o que eu quero que você entenda.

— Isso qualquer um pode ver. Não há a menor necessidade de ficar assim tão irritado, meu caro. Pois então, dê uma pista, onde você se enfiou?

— Eu sou invisível. Essa é a questão. E o que quero que você entenda é que…

— Mas cadê você? — interrompeu o sr. Marvel.

— Aqui! A menos de seis metros, na sua frente.

— Ora, vamos! Não sou cego. Agora você vai me dizer que é feito de ar. Eu não sou um desses mendigos ignorantes…

— Sim, eu sou… feito de ar. Você está olhando através de mim.

— Caramba! Você não tem corpo? *Vox et*… como é mesmo…?[j] Blá-blá-blá. É isso, então?

— Sou apenas um ser humano… sólido, que precisa comer e beber, e se cobrir também, mas sou invisível. Percebe? Invisível. É uma ideia simples. Invisível.

— Mas, assim, de verdade?

— Sim, de verdade.

— Venha daí com a mão — pediu Marvel —, se você é de verdade mesmo. Não seria pedir muito, nesse cas… *Meu Deus!* — ele exclamou. — Agora você me apavorou! Me apertando desse jeito!

Ele havia sentido a mão que se fechara em torno do seu pulso e de seus dedos desocupados, e estes então subiram amedrontados por um braço, tatearam um tórax musculoso e exploraram um rosto barbado. O semblante de Marvel era puro espanto.

— Estou passado! — reconheceu. — Isso é melhor que briga de galo! É a coisa mais impressionante! Eu daqui vejo um coelho através de você, lá longe, a quase um quilômetro de distância! Nenhum pedacinho seu está visível… exceto…

Ele esquadrinhou com atenção o espaço aparentemente vazio e perguntou, segurando um braço invisível:

— Você andou comendo pão com queijo?

— Você tem toda razão, ainda não foram totalmente assimilados pelo meu organismo.

— Ah! — compreendeu o sr. Marvel. — É um tanto fantasmagórico, de todo modo.

— Evidentemente, não é tão maravilhoso como você pensa.

— É maravilhoso o bastante para as minhas modestas necessidades — disse o sr. Thomas Marvel. — Como você conseguiu? Qual é o truque?

— É uma história longa demais. E além disso…

— Devo dizer que essa me pegou direitinho — admitiu o sr. Marvel.

— O que eu queria dizer agora é o seguinte: preciso de socorro. Cheguei à minha atual situação… encontrei você de repente. Estava perambulando, louco de raiva, nu, impotente. Teria sido capaz de matar alguém naquela hora. E então vi você…

— Santo Deus! — chamou o sr. Marvel.

— Vim por trás de você… hesitei… fui embora…

O semblante do sr. Marvel estava carregado de emoção.

— …então parei. “Eis aí um pária como eu”, pensei. “Eis a pessoa certa para mim.” E portanto dei meia-volta e tornei até você… você mesmo. E…

— Santo Deus! — evocou novamente o sr. Marvel. — Mas estou em pandarecos. Posso saber… como pode ser isso? E o que você poderia precisar em termos de ajuda? Invisível!

— Quero que você me ajude a arranjar roupas e abrigo… e depois, com mais algumas coisas. Coisas que abandonei há muito tempo. Se você não quiser… paciência! Mas você… *vai ter que querer*.

— Escute aqui — disse o sr. Marvel. — Estou completamente embasbacado. Não me jogue mais no chão. E me deixe em paz. Preciso me recuperar um pouco. E você quase quebrou o meu dedão. É tudo tão absurdo. Vale deserto, céu limpo. Nada à vista por quilômetros exceto o colo da Mãe Natureza. E então surge uma voz. Uma voz vinda do céu! E pedras! E um punho… Santo Deus!

— Recomponha-se — comandou a Voz —, pois você precisará fazer o serviço que escolhi para você.

O sr. Marvel inflou as bochechas e deu uma bufada, arregalando os olhos.

— Eu escolhi você — disse a Voz. — Você é a única pessoa, com exceção de alguns daqueles tolos lá embaixo, que sabe da existência de um homem invisível. Você precisa ser meu ajudante. Ajude-me… e farei grandes coisas por você. Um homem invisível é um homem poderoso.

Ele parou por um momento e espirrou violentamente.

— Mas se você me trair — retomou —, se não agir segundo a minha orientação…

Ele fez uma pausa e deu tapinhas no ombro do sr. Marvel. O sr. Marvel deu um grito de terror ao ser tocado.

— Não é minha intenção traí-lo — declarou o sr. Marvel, afastando-se dos dedos invisíveis. — Não fique achando que é, seja lá qual for sua vontade. Só quero ajudá-lo… apenas me diga o que tenho que fazer. Santo Deus! Não importa o que você queira que eu faça, estou mais do que disposto a obedecer-lhe.

---

[j] Em latim no original. A citação completa é "*Vox et praeterea nihil*", "uma voz e nada mais". (N.T.) ↩

10

A VISITA DO SR. MARVEL A IPING

PASSADO O PRIMEIRO VENDAVAL de pânico, Iping tornou-se argumentativa. O ceticismo de repente começou a emergir, um ceticismo um tanto nervoso, nada seguro de seu fundamento, mas ainda assim ceticismo. É muito mais fácil não acreditar em um homem invisível; e aqueles que efetivamente o viram se dissolver no ar, ou sentiram a força de seu braço, podiam ser contados nos dedos das mãos. Embora estivesse entre essas testemunhas, o sr. Wadgers agora encontrava-se ausente, tendo se retirado inexpugnavelmente para trás das trancas e barras de ferro de sua própria casa, e Jaffers estava deitado, catatônico, na saleta de hóspedes da Coach and Horses. Ideias grandiosas e estranhas, que transcendem a experiência, muitas vezes possuem menos efeito sobre homens e mulheres do que considerações menores, mais tangíveis. Iping estava alegre, com suas bandeirolas, e todo mundo vestia traje de gala. A segunda-feira de Pentecostes vinha sendo ansiosamente aguardada havia um mês ou mais. À tarde, até aqueles que acreditavam no Oculto iam começando, de maneira hesitante, a retomar suas pequenas diversões, supondo que ele houvesse ido embora de vez. Entre os céticos, ele já tinha virado piada. Mas as pessoas estavam incrivelmente sociáveis naquele dia, e isso vale para céticos e crentes.

O terreno de Haysman estava animado por uma tenda, na qual a sra. Bunting e outras senhoras preparavam chá, enquanto ao redor as crianças da escola dominical apostavam corrida e brincavam sob a ruidosa orientação do sacristão e das srtas. Cuss e Sackbut. Sem dúvida havia um ligeiro desconforto no ar, mas a maioria das pessoas teve o bom senso de

disfarçar quaisquer inquietações imaginativas que experimentasse. Na praça da vila, fez sucesso considerável entre os adolescentes uma corda esticada, por meio da qual era possível descer pendurado à alça de uma roldana, até se chocar violentamente contra um saco lá embaixo. Havia ainda balanços, estandes de *coconut shy* e passeios, com o órgão a vapor acoplado a um pequeno carrossel enchendo o ar de um pungente aroma de óleo queimado e de música igualmente pungente. Membros do clube, que haviam comparecido à igreja pela manhã, estavam esplêndidos com flâmulas verdes e rosa, e alguns dos mais entusiasmados haviam também adornado seus chapéus-coco com fitas de cores chamativas. O velho Fletcher, com seus rígidos padrões de festividade, podia ser visto através dos jasmins, perto de sua janela ou pela porta aberta (por onde você preferisse olhar), delicadamente equilibrado sobre uma prancha apoiada em duas cadeiras, enquanto caiava o teto da sala da frente.

Por volta das quatro horas, entrou na vila um forasteiro proveniente das terras baixas. Era um indivíduo de pouca altura, parrudo, usando uma cartola extraordinariamente surrada, e parecia estar muito ofegante. Suas bochechas ora estavam chupadas, ora infladas ao máximo. Seu rosto manchado parecia apreensivo, e ele se movia com uma espécie de relutante alacridade. Ele dobrou a esquina da igreja e rumou em direção à Coach and Horses. Entre outros, o velho Fletcher também se lembra de tê-lo visto, e, na verdade, o velho cavalheiro ficou tão impressionado com a agitação peculiar do sujeito que, inadvertidamente, enquanto o observava, deixou a cal escorrer da brocha para dentro da manga de seu paletó.

Esse forasteiro, segundo a percepção do proprietário do estande de *coconut shy*, parecia estar falando sozinho, e o sr. Huxter comentou a mesma coisa. Ele parou aos pés da escada da Coach and Horses e, segundo o sr. Huxter, pareceu vítima de um conflito interno muito sério, antes de tomar a decisão de entrar. Por fim, subiu os degraus, marchando, e foi visto pelo sr. Huxter virando à esquerda e abrindo a porta da saleta de hóspedes.

O sr. Huxter ouviu vozes de dentro da saleta e vindas do bar, advertindo o sujeito de seu erro.

— Essa sala é particular! — alertou Hall.

O forasteiro fechou desajeitadamente a porta e foi até o bar.

Após alguns poucos minutos reapareceu, limpando os lábios com o dorso da mão e um ar de sereno contentamento, o que de certa forma impressionou o sr. Huxter, como ele mesmo admitiu. Observando-o por alguns instantes, o sr. Huxter então viu o desconhecido caminhar de maneira estranhamente furtiva até o portão do quintal, para onde dava a janela aberta da saleta. Após alguma hesitação, ele se recostou sobre um dos postes do portão, sacou um cachimbo curto de barro e preparou-se para enchê-lo de fumo. Seus dedos tremiam enquanto fazia isso. Canhestramente, acendeu o cachimbo e, dobrando os braços, começou a fumar com atitude lânguida, que seus olhares de relance para o quintal desmentiam.

Tudo isso o sr. Huxter viu por sobre as latas de tabaco na vitrine de sua loja, e a singularidade de tal comportamento incitou-o a continuar observando.

O forasteiro se reergueu abruptamente e guardou o cachimbo no bolso. Então sumiu no quintal. No mesmo instante, o sr. Huxter, imaginando-se testemunha de um assalto trivial, saiu de trás do balcão e correu até a rua para interceptar o ladrão. Enquanto o fazia, o sr. Marvel tornou a reaparecer, com o chapéu inclinado sobre o rosto, segurando uma grande trouxa, improvisada a partir de uma toalha de mesa azul e, na outra mão, três livros amarrados — com os suspensórios do vigário, como mais tarde se comprovaria. Ele pareceu engasgar assim que avistou Huxter. Fazendo uma curva abrupta para a esquerda, começou a correr.

— Pega ladrão! — exclamou Huxter, partindo em sua direção.

As sensações do sr. Huxter foram vívidas, porém breves. Viu o sujeito logo à sua frente e, depois, disparando rumo à esquina da igreja e à estrada

que subia a colina. Viu as bandeirinhas da vila e a festa lá longe, e um ou outro rosto virando-se para ele. Berrou outra vez:

— Pare!

Mal dera dez passos quando prendeu a canela de maneira misteriosa. Já não corria mais, voava pelos ares com inconcebível rapidez. Ele viu o chão ficar subitamente perto de seu rosto. O mundo pareceu se espatifar em milhões de manchas rodopiantes de luz, e os eventos subsequentes já não lhe interessaram mais.

11

NA COACH AND HORSES

AGORA, PARA ENTENDERMOS claramente o que aconteceu na pensão, é necessário voltar ao momento em que o sr. Marvel apareceu pela primeira vez no campo de visão da vitrine do sr. Huxter.

Naquele exato momento, o sr. Cuss e o sr. Bunting estavam na saleta de hóspedes. Investigavam seriamente as estranhas ocorrências daquela manhã e, com a permissão do sr. Hall, faziam um exame completo nos pertences do Homem Invisível. Jaffers havia se recuperado parcialmente da queda, indo para casa aos cuidados de amigos solidários. As roupas espalhadas do forasteiro foram removidas pela sra. Hall e a saleta encontrava-se arrumada. Sobre a mesa próxima à janela, onde o forasteiro costumava trabalhar, Cuss logo se deparou com três grandes livros que tinham a palavra "Diário" manuscrita nas capas.

— Diário! — exclamou Cuss, dispondo os três livros sobre a mesa. — Ora, no mínimo, vamos esclarecer algumas coisas.

O vigário apoiou as mãos na mesa.

— Diário — repetiu Cuss, sentando-se, usando dois volumes para apoiar o terceiro e abrindo-o. — Humm… não tem nome na folha de rosto. Que maçada…! Tudo em código. E números.

O vigário deu a volta para espiar por sobre seu ombro.

Cuss virou as páginas com expressão subitamente decepcionada.

— São apenas… Que coisa! Está tudo em código, Bunting.

— Não tem nenhum diagrama? — perguntou o sr. Bunting. — Nenhuma ilustração para esclarecer…

— Veja você mesmo — disse o sr. Cuss. — Parte é matemática e parte é russo ou alguma dessas línguas (a julgar pelas letras), e uma parte é grego. Ora, o grego imagino que você…

— Evidentemente — disse o sr. Bunting, sacando e limpando os óculos e sentindo-se subitamente muito desconfortável, pois não restara em sua cabeça nada de grego que merecesse registro. — Sim… o grego, é claro, pode fornecer uma pista.

— Vou arrumar um lugar para você.

— Eu preferiria folhear todos os volumes primeiro — disse o sr. Bunting, ainda limpando os óculos. — Primeiro uma impressão geral, Cuss, e depois, você sabe, podemos procurar pistas.

Ele pigarreou, pôs os óculos, ajeitou-os minuciosamente, pigarreou outra vez e desejou que alguma coisa acontecesse para impedir o flagrante aparentemente inevitável. Pegou com ar relaxado o volume que Cuss lhe passou. E então alguma coisa de fato aconteceu.

A porta se abriu de repente.

Os dois cavalheiros, experimentando um violento sobressalto, olharam para a porta e ficaram aliviados ao ver um rosto parcialmente rosado sob um chapéu de seda puída.

— Aqui é o bar? — perguntou o rosto, que ficou ali parado, encarando.

— Não — responderam ao mesmo tempo os dois cavalheiros.

— É do outro lado, homem — disse o sr. Bunting.

E o sr. Cuss, irritadiço:

— Faça o favor de fechar essa porta.

— Já entendi — disse o intruso, com uma voz baixa, curiosamente distinta da aspereza em sua primeira abordagem. — Certos estão vocês — acrescentou, na voz anterior. — Estou zarpando!

E sumiu, fechando a porta.

— Um marujo, eu diria — especulou o sr. Bunting. — Sujeitos divertidos, e como são. “Estou zarpando!”, essa é boa. Suponho que seja uma expressão náutica, aplicada quando o marujo sai do recinto.

— Eu devo dizer que concordo — disse Cuss. — Meus nervos estão à flor da pele hoje. Quase dei um pulo… quando a porta abriu desse jeito.

O sr. Bunting sorriu como se não tivesse pulado também.

— E agora — ele disse, com um suspiro —, passemos aos livros.

Alguém espirrou quando ele acabou de falar.

— Uma coisa é indiscutível — disse Bunting, puxando uma cadeira para perto de Cuss. — Certamente fatos muito estranhos aconteceram em Iping nos últimos dias, muito estranhos. Claro que não posso acreditar nessa história absurda de invisibilidade…

— É inacreditável — concordou Cuss —, inacreditável. Mas não há como mudar o fato de que eu vi… sem dúvida, enxerguei por dentro da manga dele…

— Mas você… você tem certeza? Suponhamos que um espelho, por exemplo… É muito fácil criar uma alucinação. Não sei se você já viu um mágico realmente bom…

— Não vou mais discutir — afirmou Cuss. — Já descartamos essa hipótese, Bunting. E agora temos esses livros… Ah! Eis aqui algo que imagino ser grego! Letras gregas, sem dúvida.

Ele apontou para o centro da página. O sr. Bunting corou discretamente e aproximou o rosto, aparentemente encontrando alguma dificuldade com seus óculos. De repente ele se deu conta de uma estranha sensação na nuca. Tentou erguer a cabeça, mas encontrou uma resistência inamovível. A sensação era de um curioso aperto, como de uma mão forte, firme, irresistível, que pressionava seu queixo contra a mesa.

— Não se mexam, homenzinhos — sussurrou uma voz —, ou estouro seus miolos!

O sr. Bunting olhou para o rosto de Cuss, perto do seu, e ambos viram o reflexo horrorizado de sua perplexidade impotente.

— Sinto muito por tratá-los tão severamente — desculpou-se a Voz —, mas é inevitável. Onde já se viu bisbilhotar os registros privados de um pesquisador?

Nesse momento, dois queixos atingiram a mesa ao mesmo tempo, e duas dentaduras chocalharam.

— Onde já se viu bisbilhotar os aposentos privados de um homem em apuros?

E o golpe foi repetido.

— Onde puseram as minhas roupas? — perguntou a Voz. — Escutem aqui. As janelas estão fechadas e tirei a chave da porta. Sou um homem bastante forte e o atiçador está logo ali, sem contar que sou invisível. Não há nenhuma dúvida, eu poderia matar vocês dois e escapar facilmente se quisesse. Estão me entendendo? Que bom. Se eu deixá-los ir, prometem não tentar nenhuma bobagem e fazer exatamente o que eu mandar?

O vigário e o médico se entreolharam, o médico fez uma careta.

— Sim — disse o sr. Bunting, e o médico repetiu.

Então a pressão nos pescoços relaxou e o médico e o vigário puderam se recostar na cadeira, ambos com os rostos avermelhados e balançando as cabeças.

— Por favor, permaneçam sentados onde estão — disse o Homem Invisível. — Aqui está o atiçador, vejam. Quando entrei nesta sala — continuou ele, depois de apresentar a ponta do atiçador ao nariz de cada um dos visitantes —, não contava que estivesse ocupada, e esperava encontrar, além dos meus diários, uma muda de roupas. Onde estão? Não, não se levantem. Vejo que elas não estão mais aqui. Agora, nessa época, embora os dias estejam quentes o suficiente para um homem invisível andar por aí sem nada, as noites são bastante frias. Preciso de roupas… e de outros aposentos; e preciso também desses três livros.

12

O HOMEM INVISÍVEL PERDE A PACIÊNCIA

É INEVITÁVEL QUE neste ponto a narrativa se interrompa outra vez, por uma razão bastante dolorosa que agora se tornará aparente. Enquanto essas coisas aconteciam na saleta de hóspedes, e enquanto o sr. Huxter observava o sr. Marvel fumar seu cachimbo junto ao portão, a menos de dez metros dali estavam os senhores Hall e Teddy Henfrey, discutindo, em estado de alheamento intrigado, o único assunto de Iping.

Subitamente, o estalo de uma violenta pancada chegou-lhes da porta da saleta, então um grito agudo e… silêncio.

— Olá! — chamou Teddy Henfrey.

— Olá! — chamaram do balcão da cerveja.

O sr. Hall raciocinava devagar, mas com precisão:

— Tem alguma coisa errada — concluiu, dando a volta no balcão e indo até a saleta.

Ele e Teddy se aproximaram juntos da porta, com determinação em seus rostos. Numa troca de olhares, avaliaram a situação.

— Aí tem coisa — disse Hall, e Henfrey concordou com a cabeça.

Certa nuvem de aroma químico desagradável chegou até eles, que ouviram sons abafados de uma conversa, muito rápida e indistinta.

— Vocês estão bem aí dentro? — perguntou Hall, batendo na porta.

A conversa murmurada cessou abruptamente, por um momento de silêncio, depois foi retomada em sussurros sibilantes, então veio um grito agudo:

— Não! Não, não faça isso!

Subitamente, ouviu-se um solavanco, o tombo de uma cadeira, uma luta momentânea. E de novo silêncio.

— E essa agora? — espantou-se Henfrey, *sotto voce*.[k]

— Vocês… estão… bem… aí dentro? — repetiu o sr. Hall, incisivo.

A voz do vigário respondeu com entonação curiosamente atravancada:

— Tu-do bem. P-por favor, n-não… in-terrompa.

— Estranho! — disse o sr. Henfrey.

— Estranho! — ecoou o sr. Hall.

— Estão dizendo "Não interrompa" — repetiu Henfrey.

— Eu escutei — disse Hall.

— E alguém espirrou — confirmou Henfrey.

Eles continuaram ouvindo. A conversa foi rápida e logo acabou.

— Não posso — disse o sr. Bunting, levantando a voz —, estou lhe dizendo, senhor, não farei.

— O que ele disse? — perguntou Henfrey.

— Disse que não vai fazer — respondeu Hall. — Não era conosco que ele estava falando, era?

— Vergonhoso! — disse o sr. Bunting, lá dentro.

— "Vergonhoso"… — repetiu o sr. Henfrey. — Essa eu ouvi, perfeitamente.

— Quem está falando agora? — perguntou Henfrey.

— Suponho que seja o sr. Cuss — disse Hall. — Você está conseguindo ouvir… alguma coisa?

Silêncio. Os sons lá de dentro eram indistintos e intrigantes.

— Pelo barulho, parece que puxaram a toalha da mesa — imaginou Hall.

A sra. Hall apareceu atrás do balcão. Hall fez gestos de silêncio e de teor convidativo. Isso despertou a oposição conjugal da dona da pensão:

— O que você está ouvindo aí, Hall? — ela perguntou. — Não tem nada melhor para fazer, num dia cheio como hoje?

Hall tentou expressar algo com caretas e gestos mudos, mas a sra. Hall era ingovernável. Ela ergueu a voz. Com isso, Hall e Henfrey, um tanto cabisbaixos, voltaram mansinhos para o bar, gesticulando explicações para a dona da pensão.

De início, ela se recusou a dar importância a qualquer coisa que os dois tivessem ouvido. Então insistiu que Hall ficasse em silêncio, enquanto Henfrey contava sua versão da história. Ela ficou inclinada a classificar tudo aquilo de absurdo; talvez eles estivessem simplesmente mudando os móveis de lugar.

— Ouvi quando disseram "Vergonhoso", isso eu ouvi — testemunhou Hall.

— Eu também ouvi, sra. Hall — endossou Henfrey.

— Como se não fosse possível que… — começou a sra. Hall.

— Shhhh! — comandou o sr. Teddy Henfrey. — Acho que ouvi a janela.

— Que janela? — perguntou a sra. Hall.

— A da saleta de hóspedes — disse Henfrey.

Todos ficaram ouvindo atentamente. Os olhos da sra. Hall, fixos no que tinha diante de si, viam sem ver o retângulo da porta da pensão, a rua branca e nítida e a fachada da tabacaria de Huxter reluzindo ao sol de junho. Num estalo, a porta de Huxter se abriu e o próprio Huxter em pessoa apareceu, olhos arregalados de excitação, gesticulando com os braços.

— Eia! — exclamou Huxter. — Pega ladrão!

E ele correu obliquamente na direção do portão do quintal, e sumiu.

Simultaneamente, veio um tumulto da saleta, e o som de janelas se fechando.

Hall, Henfrey e o contingente humano no balcão da cerveja saíram correndo para o meio da rua, atabalhoados. Viram alguém dobrar a esquina e correr para a estrada, enquanto o sr. Huxter executava um complicado salto no ar e caía com o rosto e o ombro no chão. Na rua, as pessoas estavam paradas e perplexas, ou então correndo atrás deles.

O sr. Huxter ficou em choque. Henfrey parou e fez tal constatação, mas Hall e os dois operários que também estavam no bar prontamente correram até a esquina, gritando coisas incoerentes, e viram o sr. Marvel desaparecer ao virar o muro da igreja. Aparentemente, chegaram à impossível conclusão de que aquele era o Homem Invisível tornado visível, e seguiram pela alameda no seu encalço. Mas Hall nem correra dez metros quando soltou um berro de espanto e se jogou de lado no chão, agarrando um dos operários e o derrubando. Ele fora atacado como num jogo de rúgbi. O segundo operário deu a volta, olhou e, imaginando que Hall tropeçara sozinho, retomou a perseguição, mas logo foi atingido no tornozelo, como havia acontecido com Huxter. Então, enquanto o primeiro operário ia tentando se levantar, tomou um chute tão forte que até um boi sucumbiria.

Quando caiu, o grupo que vinha correndo da praça da vila virou a esquina. O primeiro a surgir foi o proprietário do estande de *coconut shy*, um sujeito corpulento de blusa azul. Ele ficou espantado de ver a alameda deserta, com exceção de três homens absurdamente esparramados no chão. Então alguma coisa aconteceu com seu pé de apoio e ele tombou para a frente, rolando a tempo de agarrar os pés de seu irmão e colega, que também caiu. Ambos então receberam chutes, joelhadas, pisoteadas e xingamentos de um número considerável de pessoas que vinham correndo.

Ora, quando Hall, Henfrey e os operários deixaram a pensão às carreiras, a sra. Hall, disciplinada por anos de experiência, permaneceu no bar ao lado do caixa. De repente, a porta da saleta de hóspedes se abriu e apareceu o sr. Cuss, que sem olhar para ela saiu correndo escada afora, até a esquina.

— Pega! — ele exclamou. — Não o deixem soltar aquele pacote. Ele ficará visível enquanto segurar o pacote!

Ele nem sabia da existência de Marvel. Mas o Homem Invisível lhe entregara os livros e a trouxa ainda no quintal. A expressão do sr. Cuss estava irritada e resoluta, mas seus trajes deixavam a desejar, uma espécie de saiote branco frouxo, que só passaria impune na Grécia.

— Pega! — ele gritou novamente. — Ele levou minhas calças! E todas as roupas do vigário!

Ao passar pelo prostrado Huxter, ele ainda berrou para Henfrey:

— Volto num minuto para cuidar dele!

Ao virar a esquina para se juntar ao tumulto, Cuss foi logo chutado nos pés e esparramou-se de maneira indecorosa. Alguém em disparada pisou em cheio num de seus dedos. Ele berrou, esforçou-se para ficar de pé outra vez, foi novamente derrubado e caiu de quatro de novo, quando então se deu conta de estar envolvido não em uma perseguição, mas sim numa fragorosa retirada. Todo mundo estava correndo de volta para a vila. Ele ficou de pé e foi atingido com força atrás da orelha. Cambaleou e resolveu voltar logo para a Coach and Horses, saltando por cima do abandonado Huxter, que então tentava sentar no meio do caminho.

Atrás dele, quando estava na metade dos degraus de entrada da pensão, ouviu um súbito grito de raiva elevando-se agudamente sobre a algaravia e um tapa estalado no rosto de alguém. Ele reconheceu a voz do Homem Invisível, e o tom era de um homem subitamente enfurecido por um golpe dolorido.

No momento seguinte, o sr. Cuss estava de volta à saleta:

— Ele está vindo, Bunting! — gritou, entrando apressado. — Proteja-se!

O sr. Bunting estava de pé diante da janela, envolvido numa tentativa de se vestir com o tapete da lareira e um exemplar da *West Surrey Gazette*.

— Quem está vindo? — perguntou ele, tão sobressaltado que seu traje quase se desintegrou.

— O Homem Invisível — disse Cuss, correndo até a janela. — É melhor darmos o fora daqui! Ele está furioso e violento! Ensandecido!

No momento seguinte, Cuss estava no quintal.

— Santo Deus! — disse o sr. Bunting, hesitante entre duas alternativas horríveis.

Ouvindo uma assustadora balbúrdia na entrada da pensão, ele se decidiu. Escalou com dificuldade a janela, arrumou às pressas seu traje e fugiu pela vila o mais depressa que suas perninhas gordas lhe permitiam.

Entre o instante em que o Homem Invisível gritou de fúria e o sr. Bunting fez sua memorável fuga pela vila, tornou-se impossível um relato coerente dos eventos em Iping. Possivelmente, a intenção original do Homem Invisível era simplesmente disfarçar a retirada de Marvel com suas roupas e livros. Mas sua paciência, nunca muito grande, parece ter acabado completamente diante de algum golpe fortuito, e logo ele passou a bater e derrubar a tudo e a todos, pela mera satisfação de ferir.

Imagine uma rua cheia de figuras correndo, de portas batendo e esconderijos sendo disputados. Imagine o tumulto subitamente atingindo o equilíbrio instável da prancha e das duas cadeiras do velho Fletcher — com resultados cataclísmicos. Imagine um casal assustado e em choque num balanço. Então toda aquela correria tumultuada passou e a rua de Iping, com seus adornos e bandeirolas, ficou deserta, exceto pelo sujeito oculto que ainda esbravejava, pelos cocos espalhados, os cartazes derrubados e o estoque disperso da banca de doces. Por toda parte, ouviam-se janelas sendo fechadas e ferrolhos sendo passados, e a única humanidade visível era um eventual olhar arisco, espiando sob sobrancelhas erguidas, no canto de alguma janela entreaberta.

O Homem Invisível divertiu-se por um tempo quebrando todas as janelas da Coach and Horses, e depois atirou um lampião de rua pela janela da saleta de hóspedes da sra. Gribble. Deve ter sido ele quem cortou o cabo telegráfico que ia até Adderdean, logo depois da casa de Higgins na estrada

para lá. Depois disso, como lhe era facultado por suas qualidades peculiares, ele desapareceu totalmente das percepções humanas e não foi mais ouvido, visto ou sentido na vila. Sumiu completamente.

Mas se passariam ainda quase duas horas até que algum ser humano se arriscasse a voltar à desolação da rua principal de Iping.

---

[k] Em italiano no original: “em voz baixa”. (N.T.) ↩

13

O SR. MARVEL DISCUTE SUA DEMISSÃO

ENQUANTO O CREPÚSCULO se adensava e Iping começava novamente a espiar, temerosa, o estrago e os destroços de seu feriado festivo, um homem baixo e corpulento, com um chapéu de seda puída, ia marchando, dolorido, através do poente, por trás do bosque de faias, na estrada para Bramblehurst. Ele levava três livros, amarrados com uma espécie de ligadura elástica ornamental, e uma trouxa feita com uma toalha de mesa azul. Seu rosto rubicundo expressava consternação e fadiga; ele parecia estar com uma pressa espasmódica. Vinha acompanhado por uma voz que não era sua e a todo instante se encolhia sob o toque de mãos invisíveis.

— Se você me deixar outra vez — disse a Voz —, se tentar me abandonar de novo…

— Jesus! — atalhou o sr. Marvel. — Esse meu ombro está todo machucado.

— …juro pela minha honra — continuou a Voz —, vou matá-lo.

— Eu não tentei me livrar de você — desculpou-se Marvel, com uma voz que não parecia muito longe das lágrimas. — Juro que não tentei. Eu não atinei para essa bendita esquina, só isso! Como diabos eu ia saber dessa bendita esquina? Na verdade, eu fugi apanhando…

— E você ainda vai apanhar muito mais, se quer saber — insistiu a Voz.

Abruptamente, o sr. Marvel ficou calado. Então deu uma bufada e seus olhos expressaram desespero.

— Já é ruim o suficiente permitir que esses caipiras inúteis exponham o meu pequeno segredo, não preciso que você fuja com os meus livros. Foi

sorte alguns deles terem fugido correndo naquela hora! Aqui estou… Ninguém sabia que eu era invisível! E agora o que é que eu vou fazer?

— O que é que eu vou fazer? — perguntou Marvel, *sotto voce*.

— Todos já sabem. Vai sair nos jornais! Todo mundo virá me procurar; todos armados… — esbravejou a Voz furiosamente, e cessou.

O desespero no semblante do sr. Marvel se acentuou, ele diminuiu o passo.

— Ande! — disse a Voz.

O rosto do sr. Marvel assumiu uma coloração cinzenta por entre as manchas avermelhadas.

— Não deixe os livros caírem, seu estúpido — disse bruscamente a Voz, agarrando-o. — O fato é: precisarei usá-lo… Você é uma ferramenta reles, mas necessária.

— Eu sou uma ferramenta reles — remoeu Marvel.

— É sim — confirmou a Voz.

— Eu sou a pior ferramenta que você poderia ter — disse Marvel.

Após um silêncio desolador, ele acrescentou:

— Eu não sou forte. Não sou lá muito forte — repetiu.

— Não?

— E tenho o coração fraco. Essa pequena transação… eu consegui fazer, é claro, mas, Jesus! Quase deixei cair tudo.

— Aonde está querendo chegar?

— Não tenho nem a coragem nem a força necessárias para esse tipo de coisa que você quer que eu faça.

— Vou recompensá-lo.

— Quem dera não recompensasse. Não gostaria de atrapalhar os seus planos, você sabe. Mas posso acabar atrapalhando, por puro pavor e angústia.

— É melhor não atrapalhar — preveniu a Voz, com ênfase serena.

— Quem dera eu tivesse morrido — disse Marvel. — Não é justo, você há de convir… Creio que eu tenho todo o direito de…

— Anda logo — comandou a Voz.

O sr. Marvel retomou o passo, e por algum tempo eles caminharam novamente em silêncio.

— É infernalmente difícil — lamentou-se o sr. Marvel.

De pouco adiantou. Ele tentou outra abordagem.

— E o que eu ganho com isso? — começou outra vez, com tom de insuportável indignação.

— Oh! Cale essa boca! — cortou a Voz, com vigor subitamente renovado. — Vou recompensá-lo bem. Você só tem de fazer o que eu mandar. Você vai conseguir. É um tolo completo, de fato, mas vai servir…

— Estou lhe dizendo, senhor, que não sou o homem para isso. Com todo o respeito, mas é verdade…

— Se você não calar essa boca, vou torcer o seu punho outra vez — avisou o Homem Invisível. — Preciso pensar.

Nesse momento dois retângulos de luz amarela apareceram entre as árvores, e a torre quadrada de uma igreja surgiu através do clarão.

— Ficarei com a mão no seu ombro enquanto atravessamos a vila — disse a Voz. — Vá direto e nem tente me enganar. Será pior se você fizer isso.

— Eu sei — suspirou o sr. Marvel —, eu sei muito bem.

A triste figura, com seu obsoleto chapéu de seda, passou pela rua do vilarejo com seus fardos e desapareceu na escuridão, além das luzes das janelas.

14

EM PORT STOWE

ÀS DEZ HORAS DA MANHÃ seguinte, o sr. Marvel, com a barba por fazer, sujo, desmazelado da viagem, tendo os livros ao seu lado e as mãos enfiadas nos bolsos, aparentemente muito exausto, tenso e desconfortável, inflando as bochechas de quando em quando, estava sentado em um banco do lado de fora de uma pequena hospedaria, nos arrabaldes de Port Stowe. Tinha os livros junto dele, mas agora eles se encontravam amarrados com barbante. A trouxa havia sido abandonada nos pinheirais fora de Bramblehurst, após uma mudança de planos do Homem Invisível. O sr. Marvel, mesmo sentado no banco e embora ninguém estivesse reparando, continuava num estado de agitação febril. Suas mãos percorriam incessantemente os vários bolsos, vasculhando, curiosas e nervosas.

Depois de ficar sentado quase uma hora inteira, contudo, um velho marujo, segurando um jornal, saiu da hospedaria e sentou ao seu lado.

— Está um belo dia hoje — disse o marujo.

O sr. Marvel olhou-o de relance, com uma expressão que parecia de horror.

— Ótimo… — resmungou.

— É o tempo esperado para essa época do ano — prosseguiu o marujo, insistente.

— De fato… — retrucou o sr. Marvel.

O marujo sacou um palito de dentes e (com exceção do olhar) ficou absorto com aquilo por alguns minutos. Nesse ínterim, seus olhos ficaram livres para examinar a figura desmazelada do sr. Marvel e os livros ao seu

lado. Quando se aproximara do sr. Marvel, havia escutado um som semelhante ao chocalhar de moedas soltas dentro de um bolso. Impressionara-o o contraste entre a aparência do sr. Marvel e aquela promessa de opulência. Assim, sua mente divagou de volta a um tópico que dominava sua imaginação e curiosidade.

— Livros? — ele disse de repente, ruidosamente terminando de usar seu palito de dentes.

O sr. Marvel se sobressaltou e olhou para eles:

— Oh, sim — respondeu. — Sim, são livros.

— Há coisas extraordinárias nos livros — disse o marujo.

— Acredito que sim — concordou o sr. Marvel.

— E coisas extraordinárias fora deles — continuou o marujo.

— Também é verdade — disse o sr. Marvel, olhando seu interlocutor e, depois, olhando à sua volta.

— Existem coisas extraordinárias nos jornais, por exemplo — recomeçou o marujo.

— Existem.

— Neste jornal aqui… — acrescentou o marujo.

— Ah! — suspirou o sr. Marvel.

— Há uma reportagem sobre um Homem Invisível, no caso — disse o marujo, encarando o sr. Marvel firme e abertamente.

O sr. Marvel contorceu a boca, coçou a bochecha e sentiu suas orelhas arderem.

— O que mais falta eles escreverem? — perguntou distraidamente. — Foi na Áustria ou nos Estados Unidos?

— Nenhum dos dois — disse o marujo. — Foi aqui!

— Jesus! — exclamou o sr. Marvel, sobressaltado.

— E quando eu digo *aqui* — disse o marujo, para grande alívio do sr. Marvel — é claro que não quero dizer aqui neste lugar, mas nas redondezas.

— Um Homem Invisível! — repetiu o sr. Marvel. — E o que ele fez?

— Tudo — disse o marujo, controlando Marvel com os olhos e, em seguida, enfatizando —, tudo o que há de pior.

— Não leio jornal há quatro dias — comentou Marvel.

— Iping foi onde ele começou — disse o marujo.

— É mesmo? — perguntou o sr. Marvel.

— Ele começou lá. Mas de onde veio, parece que ninguém sabe. Aqui, achei: "Acontecimento peculiar em Iping". E diz aqui no jornal que as evidências são fortíssimas e extraordinárias, ex-tra-or-di-ná-rias.

— Jesus! — disse o sr. Marvel.

— Pois bem, é uma notícia extraordinária. Um vigário e um médico são testemunhas, eles o viram direitinho, ou, por assim dizer, não o viram. Ele estava hospedado, diz aqui, "na pensão Coach and Horses", e parece que ninguém estava ciente de seu infortúnio, diz aqui, "ciente de seu infortúnio", até que, durante um quiproquó na pensão, as bandagens em sua cabeça foram rasgadas. Aí viram que a cabeça dele era invisível. Imediatamente tentaram prendê-lo, mas, "despojando-se de suas roupas", diz aqui, ele conseguiu escapar, após uma luta desesperada, na qual ele "impingiu graves feridas", diz aqui, "em nosso valoroso e capaz efetivo policial, o sr. J.A. Jaffers". Uma reportagem bem completa, não? Dando nomes e tudo o mais.

— Jesus! — disse o sr. Marvel, olhando em volta com uma expressão nervosa, tentando contar o dinheiro dos bolsos só pelo tato e tomado por uma ideia estranha e nova. — É a coisa mais espantosa que já ouvi.

— Não é mesmo? Extraordinária, eu diria. Nunca ouvi falar em um Homem Invisível antes, mas hoje em dia se ouvem por aí as coisas mais extraordinárias, que…

— E ele fez mais alguma coisa? — perguntou Marvel, tentando parecer à vontade.

— Já não chega, não? — disse o marujo.

— Ele não teria voltado para lá por acaso? — perguntou Marvel. — Simplesmente escapou e só isso?

— Só isso?! — exclamou o marujo. — Como assim? Não é o bastante?

— É mais do que o bastante — disse Marvel.

— Eu diria que é o bastante — disse o marujo. — Eu diria que é o bastante.

— Ele não tinha nenhum companheiro… não diz aí se ele tinha algum companheiro, diz? — quis saber o sr. Marvel, angustiado.

— Um só como ele não é o bastante para você? — perguntou o marujo. — Não, graças ao bom Deus, como se diz, ele não tinha.

O marujo assentiu lentamente e continuou:

— Eu fico um tanto incomodado só de pensar nesse sujeito correndo pela nossa região! No momento, ele está à solta, e algumas evidências sugerem que deve ter pegado, que pegou, imagino que estejam querendo dizer, a estrada para Port Stowe. Você percebe? É onde estamos agora! Não me venha com fantasias americanas dessa vez. E imagine só o que ele não será capaz de fazer! O que seria de você se ele bebesse uma gota além e resolvesse implicar com você? Suponha que ele queira roubar: quem poderá impedi-lo? Ele pode invadir, roubar, poderia passar por um cordão de policiais com a mesma facilidade com que você ou eu conseguiríamos despistar um cego! Com mais facilidade ainda! Pois esses sujeitos cegos costumam ter um ouvido muito bom, dizem. E sempre que quiser uma bebida, ele…

— Leva uma tremenda vantagem, certamente — disse o sr. Marvel. — Fazer o quê…

— Você tem razão — ecoou o marujo. — Leva mesmo.

Todo esse tempo o sr. Marvel estivera olhando em volta, atento para o som de passos discretos, tentando detectar movimentos imperceptíveis. Ele parecia prestes a tomar uma grande decisão.

Olhou em volta outra vez, de ouvidos atentos, inclinou-se para o marujo e disse em voz mais baixa:

— A verdade é o seguinte: por acaso, eu… sei uma ou duas coisas sobre esse Homem Invisível. Tenho fontes secretas.

— Oh! — espantou-se o marujo. — Você?

— Sim — confirmou o sr. Marvel. — Eu.

— Ora essa! — interessou-se o marujo. — E eu posso saber…

— Você vai ficar pasmo — disse o sr. Marvel, com a mão sobre a boca. — É incrível.

— Mesmo? — retrucou o marujo.

— A verdade é a seguinte — começou o sr. Marvel, ávido, em tom de confidência.

Mas, de repente, sua expressão sofreu uma incrível mudança.

— Ai! — gemeu ele.

Então ergueu-se rigidamente no banco. Em seu semblante transparecia o sofrimento físico.

— Ui! — ele gemeu outra vez.

— O que foi? — perguntou o marujo, preocupado.

— Dor de dente — disse o sr. Marvel, levando a mão à orelha e pegando os livros. — Acho que preciso ir embora.

Ele se aproximou da beira do banco de forma estranha, para longe de seu interlocutor.

— Mas o que você estava prestes a me contar sobre esse Homem Invisível? — protestou o marujo.

O sr. Marvel parecia consultar a si mesmo.

— É uma fraude — disse uma Voz.

— É, uma fraude — ecoou o sr. Marvel.

— Mas está escrito aqui no jornal — teimou o marujo.

— Continua sendo uma fraude — repetiu Marvel. — Eu conheço o sujeito que lançou essa mentira. Não existe essa coisa de Homem Invisível… Pena.

— E isso que saiu no jornal? Você quer dizer que…?

— Nem uma palavra — disse Marvel, bruscamente.

O marujo ficou olhando de jornal na mão. O sr. Marvel fez uma careta de repente.

— Espere aí — disse o marujo, levantando-se e falando lentamente. — Você quer dizer que…?

— Quero — disse o sr. Marvel.

— Então por que você me deixou contar toda essa bobajada? Onde você estava com a cabeça, para deixar um homem fazer papel de bobo dessa maneira, hein?

O sr. Marvel bufou outra vez. O marujo de repente ficou muito vermelho e cerrou os punhos.

— Estou aqui falando há dez minutos — ele reclamou —, e você, seu barrigudo cara de couro de bota velha, teve o desplante de me deixar falando…

— Não venha bater boca comigo — disse o sr. Marvel.

— Bater boca! Eu sou uma pessoa pacífica…

— Vamos — ordenou uma Voz, e o sr. Marvel deu um súbito rodopio e começou a caminhar aos arranques.

— É melhor mesmo você dar o fora — desafiou o marujo.

— Quem está dando o fora? — rebateu o sr. Marvel.

Ele retrocedia obliquamente, num passo apressado e peculiar, com solavancos ocasionais para a frente. Mais adiante no caminho, resmungou um monólogo, cheio de protestos e recriminações.

— Pobre-diabo! — lançou-lhe o marujo, com as pernas bem afastadas, cotovelos dobrados, mãos na cintura, observando a figura que se retirava. — Vou lhe mostrar, seu asno… Querendo me enganar! Está aqui, no jornal!

O sr. Marvel retrucou de maneira incoerente e, retirando-se, sumiu na curva da estrada, enquanto o marujo continuou ali de pé, magnífico, no meio do caminho, até que a aproximação de uma carroça de açougue o deslocou. Então virou-se na direção de Port Stowe.

— Quantos asnos extraordinários — disse consigo mesmo, suavemente. — Só para me fazer de bobo… que brincadeira idiota… Está no jornal!

E houve ainda outra coisa extraordinária sobre a qual o marujo logo ouviria falar, que aconteceu bem perto dali. Foi a visão de "um punhado de dinheiro" (nada menos que isso) flutuando no ar sem nenhum portador visível, passando rente à parede na esquina da St. Michael's Lane. Um colega marinheiro testemunhara essa maravilhosa aparição naquela mesma manhã. Ele prontamente havia tentado agarrar o dinheiro, mas fora atingido na cabeça e se estatelara no chão. Quando conseguiu se recompor, o dinheiro borboleteante já desaparecera. Nosso marujo podia acreditar em qualquer coisa àquela altura, ele próprio declarou, mas tem coisas que não dá para engolir. Mais tarde, no entanto, começaria a pensar melhor naquilo tudo.

O relato do dinheiro voador era verdadeiro. E por toda a vizinhança, do austero London and Country Banking às lojas e pensões — cujas portas estavam escancaradas naquele sol forte —, punhados e rolos de dinheiro foram vistos flutuando sossegadamente rente aos muros e às sombras, escondendo-se rapidamente dos olhares de quem se aproximava. E esse dinheiro, embora nenhum homem tenha conseguido acompanhar-lhe o trajeto, invariavelmente terminava seu voo misterioso no bolso daquele

cavalheiro agitado de chapéu de seda puída, sentado do lado de fora da pequena hospedaria nos arrabaldes de Port Stowe.

Só dez dias mais tarde, a bem dizer, só quando a história de Burdock já era velha, o marujo juntou esses fatos e começou a entender quão perto estivera do maravilhoso Homem Invisível.

15

O HOMEM QUE IA CORRENDO

No começo da noite, o dr. Kemp estava sentado em seu escritório, no belvedere sobre a colina, com vista para Burdock. Era uma sala pequena mas confortável, com três janelas — norte, oeste e sul —, estantes repletas de livros e publicações científicas, uma ampla escrivaninha e, sob a janela da face norte, um microscópio, lâminas de vidro, instrumentos minúsculos, algumas placas de cultura e frascos de reagentes espalhados. A lâmpada solar do dr. Kemp estava acesa, embora a luz do poente ainda iluminasse o céu e suas cortinas estivessem abertas, por não haver perigo de olhares intrometidos que o obrigassem a fechá-las. O dr. Kemp, cujo trabalho a que se dedicava ainda lhe traria o reconhecimento da Royal Society, ou assim esperava, tamanho era seu apreço pelo que fazia, era um homem jovem, alto e esguio, de cabelos loiros acinzentados e um bigode quase branco.

Seu olhar, divagando por um momento, afastou-se do trabalho e captou a cintilação do poente na colina oposta à da sua casa. Durante talvez um minuto, ele ficou sentado, com o bico da pena em sua boca, admirando a bela coloração dourada na crista rochosa, até que sua atenção foi atraída pela pequena figura humana, preta como piche, descendo daquele pico em sua direção. O sujeito era baixinho, usava um chapéu alto e corria tão depressa que suas pernas pareciam lampejos.

— Outro desses tolos — resmungou o dr. Kemp. — Como aquele asno que trombou comigo hoje cedo, virando a esquina e gritando “O Homem Visível está vindo, senhor!”. Mal posso imaginar as superstições que essa gente tem na cabeça. Parece que estamos no século treze.

Ele se levantou, aproximou-se da janela e fitou a colina ao pôr do sol. A figurinha preta ia queimando o chão da encosta.

— É como se estivesse com uma pressa louca — comentou o dr. Kemp —, mas não parece ganhar velocidade. Se trouxesse os bolsos cheios de chumbo, não correria mais desajeitadamente. Está sendo esporeado, eu diria.

No momento seguinte, as mansões mais altas, que haviam escalado colina acima, na direção de Burdock, ocultaram a figura corredora. Ela ficou visível outra vez por um instante, e novamente, e depois mais três vezes, quando as casas eram distantes uma da outra, e então o terraço o escondeu definitivamente.

— Asnos! — menosprezou o dr. Kemp, girando nos calcanhares e voltando à escrivaninha.

Mas aqueles que viam o fugitivo se aproximando, percebendo o terror abjeto de seu rosto suarento, estando eles mesmos na estrada, não partilhariam do desdém do doutor. Quando o homem os ultrapassava, seus passos faziam o chão tremer, e ele chocalhava como um saco cheio de moedas jogado para lá e para cá. Não olhava para o lado, nem à direita nem à esquerda, mas seus olhos arregalados fitavam diretamente o pé da colina, onde os lampiões começavam a ser acesos e as pessoas estavam todas na rua. Sua boca torta se abria, uma espuma viscosa se acumulava em seus lábios e a respiração saía-lhe ofegante e rouca. Todos, ao vê-lo de perto, paravam e ficavam olhando-o correr pela estrada afora, se perguntando, com certo desconforto, quais seriam os motivos de tanta pressa.

E então, lá no alto da colina, um cachorro que brincava na rua latiu e saiu correndo por baixo do portão. Enquanto ainda permaneciam intrigados, alguma coisa — um vento, um barulho de passos, pá-pá-pá, e o som de alguém arfante — passou por ali.

As pessoas gritaram. As pessoas pularam de lado abrindo caminho: e algo passou aos berros, instintivamente, colina abaixo. Estavam gritando na

rua antes de Marvel cobrir metade da distância. Todos iam se trancando em suas casas e batendo as portas à medida que a notícia se espalhava. Ele ouviu e fez um último esforço desesperado para continuar correndo. O medo veio ganhando terreno atrás, ultrapassou-o e, no instante seguinte, havia dominado a cidade.

— O Homem Invisível vem aí! O Homem Invisível!

16

NO JOLLY CRICKETERS

O Jolly Cricketers fica bem no pé da serra, onde começam as linhas de bonde. O taberneiro apoiara os braços gordos e vermelhos no balcão e conversava sobre cavalos com um cocheiro anêmico enquanto outro sujeito, de barba negra e vestido de cinza, beliscava um biscoito com queijo, bebia Burton e falava em sotaque americano com um policial à paisana.

— Mas que gritaria é essa?! — quis saber o cocheiro anêmico, torcendo o corpo para enxergar o alto do morro, por sob as cortinas amarelas e sujas da janela baixa da pensão. Alguém passou correndo lá fora.

— Um incêndio, talvez — especulou o taberneiro.

Passos se aproximaram, correndo pesadamente, e a porta foi escancarada com violência. Marvel, aos prantos e esguedelhado, sem chapéu, o colarinho rasgado, entrou correndo, virou-se convulsivamente e tentou fechar a porta, mantida aberta por uma alça presa ao batente.

— Está vindo! — ele berrou, com a voz aguda de terror. — Ele está vindo. O Homem Invisível! Está atrás de mim. Pelo amor de Deus! Socorro! Socorro! Socorro!

— Fechem todas as portas — reagiu o policial. — Quem está vindo? Qual é o problema?

Ele foi até a porta, soltou a alça e a porta bateu. O americano fechou a outra porta.

— Me escondam — suplicou Marvel, cambaleante e soluçante, mas ainda agarrado aos livros. — Me escondam. Me deixem trancado no… em

algum lugar. Garanto que ele está atrás de mim. Eu quis dar o fora. Ele disse que vai me matar, e vai mesmo.

— Aqui você está seguro — disse o homem da barba negra. — A porta está fechada. O que está acontecendo afinal?

— Me escondam — disse Marvel, que deu um guincho bem alto quando um golpe de repente fez a porta trancada estremecer.

Em seguida, ouviram-se batidas rápidas e um grito do lado de fora.

— Olá — exclamou o policial —, quem está aí?

O sr. Marvel começou a se atirar freneticamente contra detalhes nas paredes de madeira que pareciam portas.

— Ele veio me matar… está com uma faca ou coisa do gênero. Pelo amor de Deus…!

— Por aqui — disse o taberneiro. — Venha aqui para dentro.

E ele levantou o tampo do balcão.

O sr. Marvel correu para trás do balcão enquanto as batidas na porta se repetiam.

— Não abram essa porta — ele gritou. — *Por favor*, não abram. Onde vou me esconder?

— É esse o tal de Homem Invisível? — perguntou o sujeito de barba negra, com uma das mãos nas costas. — Chegou a hora de o encararmos.

A janela da taberna foi subitamente estilhaçada, ouvindo-se uma gritaria e uma correria pela rua. O policial, que subira na banqueta, olhava lá fora, esticando o pescoço para ver quem estava na porta. Quando desceu, com as sobrancelhas em alerta, confirmou:

— É ele.

O taberneiro ficou parado diante da porta de um cômodo reservado atrás do bar, que agora se encontrava trancada com o sr. Marvel lá dentro, e olhou pela janela quebrada, para depois voltar até onde estavam os outros dois. Tudo ficou em silêncio de repente.

— Quem dera eu estivesse com meu cassetete — lamentou o policial, aproximando-se indeciso da porta. — Se abrirmos, ele entrará. Não há como detê-lo.

— Não tenha pressa com essa porta — disse o cocheiro anêmico, angustiado.

— Passe o trinco — disse o homem da barba negra —, e se ele vier…

Ele mostrou um revólver que tinha na mão.

— Isso não resolve — disse o policial —, é assassinato.

— Conheço as leis deste país — retrucou o homem da barba negra. — Vou mandar chumbo nas pernas dele. Pode tirar o trinco.

— Não com esse cano fumegante atrás de mim — precaveu-se o taberneiro, com o pescoço esticado feito uma garça pela fresta da cortina.

— Muito bem — disse o homem da barba negra, o qual, descendo da banqueta, de revólver na mão, posicionou-os pessoalmente. Taberneiro, cocheiro e policial ficaram atrás dele, olhando para a frente.

— Entre — disse o barbudo em voz baixa, postado no fundo do bar e de frente para as portas destrancadas, com a pistola escondida atrás das costas. Ninguém entrou, a porta continuou fechada. Cinco minutos depois, quando um segundo cocheiro meteu a cabeça por ela, com todo o cuidado, eles ainda esperavam, e um rosto aflito saiu do cômodo atrás do bar e deu orientações.

— Todas as portas da casa estão fechadas? — perguntou Marvel. — Ele está rondando a casa, à espreita. Ele é astuto como o diabo.

— Santo Deus! — exclamou o corpulento taberneiro. — A porta dos fundos! Fiquem de olho nas portas! Estou dizendo…!

Ele olhou aturdido ao redor. A porta do quartinho reservado bateu com força e todos ouviram a chave girando na fechadura. O taberneiro continuou:

— Temos a porta do quintal e a porta do banheiro. A porta do quintal…

E saiu correndo do bar. No minuto seguinte, voltou com um cutelo na mão.

— A porta do quintal estava aberta! — anunciou, de queixo caído.

— Ele pode estar dentro da casa agora! — deduziu o primeiro cocheiro.

— Ele não está na cozinha — disse o taberneiro. — Lá estão apenas duas mulheres, e cravei esse fatiador de bife em cada centímetro do recinto. Elas acham que ele não entrou. Não repararam em nada…

— Você trancou a porta? — perguntou o primeiro cocheiro.

— Não nasci ontem — disse o taberneiro.

O homem barbado guardou o revólver. Enquanto fazia isso, o tampo móvel do balcão foi baixado e o trinco passado; então, com tremenda pancada, a trava da porta do cômodo reservado se soltou, deixando-o escancarado. Eles ouviram Marvel guinchar como uma lebre capturada, e sem demora estavam escalando o balcão em seu socorro. O revólver do barbudo disparou e o espelho no fundo do bar trincou e caiu em estilhaços tilintantes.

Quando o taberneiro entrou no cômodo, viu Marvel curiosamente aturdido e empurrando a porta que dava para o quintal e a cozinha. A porta se abriu de supetão enquanto o taberneiro hesitava, e Marvel foi arrastado para a cozinha. Ouviu-se um grito e um estardalhaço de panelas. Marvel, de ponta-cabeça, agarrando-se obstinadamente em tudo, foi levado à força até a porta da cozinha para o quintal, e os trincos se abriram.

Então o policial, que vinha tentando ultrapassar o taberneiro, seguido por um dos cocheiros, agarrou o punho de um braço invisível que sufocava Marvel, mas foi atingido no rosto e caiu para trás. A porta se abriu e Marvel fez um esforço frenético para se prender atrás dela. Então o cocheiro conseguiu agarrar alguém pelo pescoço e gritou:

— Peguei ele!

As mãos vermelhas do taberneiro saíram às unhadas atrás do invisível.

— Está aqui! — ele avisou.

O sr. Marvel, liberado subitamente, desabou no chão e fez um esforço para se refugiar atrás das pernas dos homens em plena luta. A briga ficou atrapalhada em volta da porta. A voz do Homem Invisível foi ouvida pela primeira vez, num grito agudo, quando o policial pisou no seu pé. Então ele gritou furiosamente e seus punhos se agitaram pelo ar feito dois manguais.[1] O cocheiro de repente engasgou e se dobrou ao meio, chutado abaixo do diafragma. A porta da cozinha que dava para o recinto atrás do bar foi batida, impedindo a fuga do sr. Marvel. Os homens na cozinha se viram agarrando ar e lutando com o vazio.

— Aonde ele foi? — gritou o homem de barba. — Saiu?

— Foi por aqui — disse o policial, saindo para o quintal e estacando.

Um pedaço de telha zuniu rente à sua cabeça e se espatifou lá dentro, na louça sobre a mesa da cozinha.

— Ele vai se ver comigo — berrou o homem da barba negra, e de repente um cano de ferro reluziu sobre o ombro do policial e cinco balas seguiram rumo ao crepúsculo adiante, de onde viera a telha. Enquanto atirava, o homem de barba deu meia-volta em torno do próprio eixo com a mão, de modo que os disparos se irradiaram pelo quintal estreito feito raios de uma roda.

Seguiu-se o silêncio.

— Cinco cartuchos — disse o homem da barba negra. — Assim não tem como errar. Quatro ases e um coringa. Alguém vá buscar uma lanterna, vamos procurar até encontrar o corpo dele.

---

[1] O mangual era um armamento medieval que consistia numa bola de ferro cravejada de espetos pontudos e presa numa corrente, a qual, por sua vez, é presa ao cabo por onde é manejado. (N.T.) ↩

17

O VISITANTE DO DR. KEMP

O DR. KEMP CONTINUARA escrevendo em seu escritório, até que os tiros o interromperam. Bang, bang, bang, um seguido do outro.

— Ora essa! — estranhou o dr. Kemp, levando a pena à boca novamente e apurando os ouvidos. — Quem está disparando revólveres em Burdock? O que os asnos estão fazendo agora?

Ele foi até a janela da face sul, abriu-a e, debruçando-se para fora, avistou a rede de janelas, o rosário de lampiões a gás e vitrines, com seus interstícios negros de telhados e pátios que compunham a cidade à noite.

— Parece uma multidão lá embaixo, na frente do Cricketers — ele disse, e continuou observando.

Dali, seus olhos percorreram toda a cidade e até a distância, onde brilhavam luzes de navios e o cais, um pequeno galpão aceso, facetado como uma gema de luz amarela, estava iluminado. A lua, no quarto crescente, estava sobre a colina, a oeste, e as estrelas pareciam muito nítidas, com um brilho quase tropical.

Cinco minutos depois, durante os quais sua mente viajou em uma espécie de especulação remota sobre as condições sociais do futuro, ao fim da qual perdeu-se na dimensão do tempo, o dr. Kemp moveu-se com um suspiro, fechou novamente a janela e tornou a sua escrivaninha.

Deve ter sido uma hora depois disso que a campainha da porta da frente tocou. Ele vinha trabalhando preguiçosamente, com intervalos de abstração, desde os disparos. Ficou sentado ouvindo. Escutou a criada

atender à porta e aguardou o ruído de seus passos na escada, mas ela não veio.

— Quem terá sido? — perguntou-se o dr. Kemp.

Ele tentou retomar o trabalho, fracassou, levantou-se, desceu metade da escada do escritório, tocou a sineta e chamou a criada por sobre o corrimão, justamente quando ela apareceu no hall lá embaixo.

— Era uma carta? — ele perguntou.

— Não, senhor, só alguém que tocou a campainha e saiu correndo — ela respondeu.

"Estou irrequieto hoje à noite", ele disse consigo mesmo.

Voltou ao escritório e dessa vez atirou-se resolutamente ao trabalho. Em pouco tempo estava trabalhando com afinco outra vez, e os únicos sons na sala eram o tique-taque do relógio e o raspar abafado de seu bico de pena, movendo-se com pressa no centro do círculo de luz projetado pelo abajur sobre a mesa.

Já eram duas horas quando o dr. Kemp terminou o trabalho por aquela noite. Ele se levantou, bocejou e desceu para dormir. Já havia tirado o paletó e o colete quando percebeu que estava com sede. Pegou uma vela e desceu para a sala de jantar em busca de um sifão e do uísque.

As pesquisas científicas do dr. Kemp haviam feito dele um homem muito observador. Portanto, quando tornou a cruzar o hall, ele reparou em uma mancha escura no linóleo perto do tapete aos pés da escada. Então subiu as escadas e, de repente, calhou de se perguntar o que poderia ser a mancha no linóleo. Aparentemente, algum elemento subconsciente estava em ação. De todo modo, ainda carregando seus apetrechos, ele se virou, voltou pelo corredor, deixou o sifão e o uísque no chão, agachando-se, e tocou a mancha. Sem grande surpresa, descobriu que tinha a viscosidade e a cor de sangue seco.

Ele pegou novamente seus apetrechos e voltou a subir a escada, olhando à sua volta e tentando entender o que era a mancha de sangue. No patamar

intermediário da escada, ele viu algo que o fez parar, perplexo. A maçaneta de seu próprio quarto estava manchada de sangue.

Ele olhou para a própria mão, estava limpa. Logo se deu conta de que a porta do quarto já estava aberta quando descera do escritório e, consequentemente, não havia encostado na maçaneta. Entrou logo no quarto, com o rosto bastante sereno, apenas um pouco mais resoluto que de costume. Seu olhar, vagando inquisitivamente, deparou-se com a cama. Havia uma poça de sangue na cabeceira, e o lençol havia sido rasgado. Não tinha reparado nisso antes porque caminhara direto até a penteadeira. Do outro lado da cama, o lençol estava amassado, como se alguém recentemente tivesse deitado ali.

Então ele teve a estranha impressão de ter ouvido uma voz sussurrar:

— Santo Deus! Kemp!

Mas o dr. Kemp não era de acreditar em vozes.

Ele ficou analisando o lençol desarrumado. Fora realmente uma voz? Em seguida, esquadrinhou o recinto outra vez, mas não reparou em nada além da cama desfeita e manchada de sangue. Ouviu distintamente um movimento através do quarto, perto da pia. Todo homem, mesmo muito cultivado, guarda resquícios supersticiosos. A sensação que chamamos de "medo difuso" o dominou. Ele fechou a porta do quarto, foi até a penteadeira e deixou ali seus apetrechos. De repente, com um sobressalto, percebeu um pano dobrado e sujo de sangue flutuando no ar, entre seu corpo e a pia.

Encarou aquilo muito admirado. Era uma bandagem vazia, uma bandagem bem-feita, porém bastante vazia. Ele teria avançado para agarrá-la, mas um toque o deteve, e uma voz, falando bem perto:

— Kemp! — disse a Voz.

— O que é isso? — reagiu Kemp, boquiaberto.

— Controle-se — disse a Voz. — Sou um homem invisível.

Kemp não respondeu na hora, simplesmente ficou olhando o curativo.

— Homem Invisível — ele balbuciou.

— Sou um homem invisível — repetiu a Voz.

A história que se dedicara a ridicularizar durante toda a manhã passou pela cabeça de Kemp. Consta que ele não ficou nem muito assustado nem muito surpreso no momento. A consciência veio só depois.

— Achei que fosse tudo mentira — ele disse.

O pensamento dominante em sua mente foram as reiteradas discussões da manhã.

— Você está com um curativo? — ele perguntou.

— Sim — respondeu o Homem Invisível.

— Oh! — fez Kemp, que então se levantou e disse: — Ora, veja! Mas isso é absurdo. Deve ser algum truque.

Dando um súbito passo à frente, com a mão estendida para a bandagem, ele tocou dedos invisíveis. Recolheu-se ao contato e ficou lívido.

— Controle-se, Kemp, pelo amor de Deus! Preciso muito de ajuda. Pare com isso!

A mão agarrou seu braço. Ele bateu na mão invisível.

— Kemp! — exclamou a Voz. — Kemp! Controle-se!

E a mão o apertou mais forte.

Um desejo frenético de se libertar dominou Kemp. A mão do braço enfaixado agarrou seu ombro e ele foi subitamente derrubado, caindo para trás sobre a cama. Abriu a boca para gritar, mas a ponta do lençol foi enfiada entre seus dentes. O Homem Invisível segurou-o ameaçadoramente, mas seus braços estavam livres e ele socou e tentou chutar com fúria.

— Dê ouvidos à razão, por favor! — implorou o Homem Invisível, grudando-se a ele apesar de levar vários socos nas costelas. — Céus! Você está me deixando louco!

Então o Homem Invisível berrou na orelha de Kemp:

— Pare com isso, idiota!

Kemp se debateu por mais um momento, então parou.

— Se você gritar, eu quebro a sua cara — ameaçou o Homem Invisível, liberando a boca de Kemp. — Sou um homem invisível. Não é brincadeira e não é nenhuma mágica. Sou realmente um homem invisível. E quero a sua ajuda. Não pretendo feri-lo, mas se você se comportar como um bronco frenético, serei obrigado. Não se lembra de mim, Kemp? Griffin, do University College?

— Deixe-me levantar — disse Kemp. — Ficarei aqui onde estou. Deixe-me sentar em paz por um minuto.

Ele sentou e levou a mão à nuca.

— Sou o Griffin, do University College, e eu mesmo me deixei invisível. Sou apenas um homem comum, uma pessoa que você conheceu, que se tornou invisível.

— Griffin? — disse Kemp.

— Griffin — respondeu a Voz. — Um aluno mais novo que você, quase albino, mais de um metro e oitenta, corpulento, com um rosto rosado e branco, de olhos vermelhos, que recebeu a medalha de química.

— Estou confuso — gaguejou Kemp. — Meu cérebro está um caos. O que isso tem a ver com Griffin?

— Eu sou Griffin.

Kemp pensou.

— Isso é horrível — ele disse. — Mas que bruxaria é capaz de fazer um homem invisível?

— Não é bruxaria. É um processo, sadio e inteligível o bastante…

— É horrível! — exclamou Kemp. — Como diabos é possível…?

— É de fato um tanto horrível. Mas estou ferido, com dor e cansado… Santo Deus! Kemp, você é homem. Controle-se. Preciso comer e beber alguma coisa, deixe-me sentar aqui um pouco.

Kemp olhou fixamente o curativo enquanto se deslocava pelo quarto, então viu uma poltrona de vime ser arrastada pelo chão e parar perto da cama. Ela rangeu, o assento afundou cerca de um centímetro. O doutor esfregou os olhos e passou a mão na nuca de novo.

— Nem um fantasma faria tão bem — ele disse, e gargalhou estupidamente.

— Agora sim. Graças a Deus, a sensatez lhe voltou!

— Ou a bobeira — retrucou Kemp, esfregando os olhos com os dedos.

— Preciso de um pouco de uísque. Estou quase morto.

— Não parece. Onde você está? Se eu me levantar, vou acabar tropeçando em você. Ah, aí está! Certo. Uísque? Aqui. Onde devo servi-lo?

A poltrona rangeu e Kemp sentiu o copo sendo levado de sua mão. Ele hesitou em deixá-lo ir, pois aquilo contrariava todos os seus instintos. O copo parou no ar, a cerca de meio metro do assento da poltrona. Ele o fitou com abissal perplexidade.

— Isso é… isso deve ser… hipnose. Você me sugestiona a crer que está invisível.

— Bobagem — disse a Voz.

— É assustador.

— Preste atenção.

— Hoje cedo demonstrei conclusivamente — começou Kemp — que a invisibilidade…

— Não importa o que você demonstrou! Estou faminto — acrescentou a Voz —, e a noite está fria demais para um homem sem roupas.

— Quer comida? — ofereceu Kemp.

O copo de uísque se inclinou.

— Quero — disse o Homem Invisível, virando-o de volta à vertical. — Você teria um roupão?

Kemp exclamou algo em voz baixa. Caminhou até o guarda-roupa e tirou um robe escarlate manchado.

— Serve este aqui? — perguntou.

A peça foi tirada de suas mãos. O robe pairou solto no ar por um momento, flutuou estranhamente, preencheu-se e, num gesto de decoro, abotoou-se, para depois sentar na poltrona de vime.

— Cuecas, meias e chinelos também seriam bem-vindos — disse o Oculto, rispidamente. — Além de comida.

— O que você quiser. Mas devo dizer que isso é a coisa mais insana em que já me envolvi na vida!

Ele foi até suas gavetas de roupas íntimas e depois desceu para saquear a despensa. Voltou com um pouco de carne fria e pão, armou uma mesa dobrável e a colocou diante de seu hóspede.

— Não precisa de faca — disse o visitante, e uma costeleta pairou no ar, ao som de dentadas.

— Invisível! — abismou-se Kemp, sentando em uma poltrona.

— Sempre visto alguma coisa antes de comer — disse o Homem Invisível, com a boca cheia, comendo com volúpia. — É uma estranha mania!

— Espero que não seja nada de mais com seu punho — disse Kemp.

— Pode acreditar — respondeu o Homem Invisível.

— De todas as coisas estranhas e maravilhosas…

— Exatamente. Que coincidência eu ter desabado justamente na sua casa para trocar meus curativos. Meu primeiro golpe de sorte! De todo modo, era minha intenção dormir na sua casa hoje à noite. Você precisa aceitar isso! É um incômodo asqueroso, todo esse meu sangue aparecendo, não é mesmo? Formou uma mancha e tanto aqui. Quando o sangue coagula, torna-se visível, vejo agora. Só transformei os tecidos vivos, e apenas enquanto estiver vivo… Já estou nesta casa há três horas.

— Mas como você fez isso? — começou Kemp, em tom exasperado. — É espantoso! Toda essa história… é inconcebível do começo ao fim.

— É perfeitamente concebível — disse o Homem Invisível. — Perfeitamente concebível.

Ele estendeu a mão e pegou a garrafa de uísque. Kemp ficou encarando aquele robe voraz. Um raio de luz de vela, penetrando o curativo frouxo no ombro direito, fez um triângulo de luz sob as costelas do lado esquerdo.

— Que tiros foram aqueles? — perguntou Kemp. — Como começou o tiroteio?

— Havia um verdadeiro idiota, uma espécie de aliado meu, maldito seja!, que tentou roubar meu dinheiro. Ele fez isso em mim.

— Ele também é invisível?

— Não.

— E então?

— Posso comer mais antes de lhe contar tudo? Estou faminto, com dor, e você me pedindo para contar histórias!

Kemp se levantou e perguntou:

— Você não atirou em ninguém?

— Não — disse a visita. — Um idiota que nunca vi na vida atirou a esmo. Eles se apavoraram comigo. Desgraçados! Escute, não me satisfiz com esse pouco de comida, Kemp.

— Verei se há mais lá embaixo — prometeu Kemp. — Receio que não haja muita coisa.

Terminando de comer, e ele fez uma lauta refeição, o Homem Invisível pediu um charuto. Mordeu a ponta barbaramente, antes que Kemp trouxesse uma faca, e esbravejou quando a folha externa de tabaco se afrouxou. Era estranho vê-lo fumar; sua boca, a garganta, faringe e narinas ficavam visíveis quando uma espécie de espiral de fumaça era tragada.

— Bendito vício! — ele se alegrou, baforando vigorosamente. — Dei sorte de topar com você, Kemp. Você precisa me ajudar. Imagine encontrá-lo justo agora! Estou em uma enrascada infernal… Tenho estado feito louco, creio. Quanto tive que suportar! Mas nós ainda faremos muitas coisas. Vou lhe dizer…

Ele se serviu de mais uísque e soda. Kemp se levantou, olhou para ele e trouxe um copo do quarto de hóspedes.

— É loucura, mas suponho que eu possa beber um pouco.

— Você não mudou muito, Kemp, nesses doze anos. Vocês, loiros, não mudam. Serenos e metódicos, aos primeiros sinais da decadência. Vou lhe dizer. Nós trabalharemos juntos!

— Mas como você fez isso? — perguntou Kemp. — Como acabou ficando assim?

— Por tudo o que é mais sagrado, deixe-me fumar em paz um pouco! E então começarei a lhe contar.

Mas a história inteira não seria contada naquela noite. Piorou a dor no punho do Homem Invisível; ele ficou febril e exausto, sua cabeça começou a girar e repassar a perseguição colina abaixo e a luta ocorrida na pensão. Ele falou fragmentadamente sobre Marvel, fumou mais depressa, sua voz foi ficando irritadiça. Kemp tentou absorver o que pôde.

— Ele ficou com medo de mim, pude notar que estava com medo de mim — disse o Homem Invisível muitas vezes ainda. — Ele queria dar o fora, ficou o tempo todo tramando isso! Como pude ser tão tolo!

— Que cachorro!

— Eu devia tê-lo matado!

— Onde você arranjou o dinheiro? — perguntou Kemp, abruptamente.

O Homem Invisível ficou calado por algum tempo.

— Não posso contar ainda — respondeu.

Ele bocejou de repente e se inclinou para a frente, apoiando sua cabeça invisível em suas mãos invisíveis.

— Kemp — ele disse —, já não durmo há quase três dias, exceto por cochilos de uma hora e pouco. Preciso dormir logo.

— Bem, fique com o meu quarto, fique com este quarto.

— Mas como posso dormir? Se eu durmo, ele escapa. Ora! Que importa?

— E o ferimento a bala? — perguntou Kemp, abruptamente.

— Não foi nada… só arranhou e sangrou. Oh, Deus! Como eu queria dormir!

— E por que não dorme?

O Homem Invisível aparentemente estava olhando para Kemp.

— Porque faço especial objeção a ser capturado por meus conterrâneos — ele disse, lentamente.

Kemp entendeu o recado.

— Como pude ser tão tolo! — continuou o Homem Invisível, batendo com força na mesa. — Fui eu quem pôs a ideia na sua cabeça.

18

O HOMEM INVISÍVEL DORME

MESMO EXAUSTO E FERIDO como estava, o Homem Invisível se recusou a acreditar na palavra de Kemp de que sua liberdade seria respeitada. Ele examinou as duas janelas do quarto de dormir, afastou as cortinas e testou as esquadrias, confirmando ser possível fugir por ali, como dissera Kemp. Lá fora a noite estava tranquila e silenciosa, uma lua nova pairava sobre o vale.[m] Então ele examinou as chaves do quarto e a porta dupla do quarto de vestir, para certificar-se de que também por ali poderia garantir sua liberdade. Afinal, deu-se por satisfeito. Parou sobre o tapete da lareira e Kemp ouviu o som de um bocejo.

— Sinto muito — disse o Homem Invisível —, mas não consigo lhe contar tudo hoje à noite. Estou exausto. É grotesco, sem dúvida. É uma coisa horrível! Mas acredite em mim, Kemp, apesar das suas conclusões de hoje pela manhã, é algo perfeitamente possível. Fiz uma descoberta. Minha intenção era mantê-la em segredo. Não consegui. Preciso de um parceiro. E você… Nós dois podemos fazer muitas coisas juntos… Mas amanhã. Agora, Kemp, sinto que preciso dormir ou acabarei sucumbindo.

Kemp ficou no centro do quarto, olhando para o robe sem cabeça.

— Creio que é melhor deixá-lo agora — disse. — É realmente… inacreditável. Se acontecessem três coisas como essa, de revirar todos os meus conceitos, eu acabaria enlouquecendo. Mas é verdade! Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Apenas me deseje boa noite — pediu Griffin.

— Boa noite — disse Kemp, apertando uma mão invisível.

Ele foi caminhando de lado até a porta. De repente, o robe veio correndo em sua direção.

— Ouça bem o que estou dizendo! — ordenou o robe. — Não tente me impedir ou me capturar! Senão…

A expressão de Kemp se alterou um pouco.

— Pensei ter lhe dado a minha palavra — ele disse.

Kemp fechou suavemente a porta atrás de si, e a chave foi passada por dentro imediatamente. Então, parado no corredor com um espanto passivo no rosto, ouviu passos ligeiros se aproximarem da porta do quarto de vestir, que também foi logo trancada. Kemp bateu a mão na testa.

— Será que estou sonhando? Será que o mundo inteiro enlouqueceu ou… fui só eu?

Ele riu, apoiando a mão na porta trancada, e disse:

— Impedido de entrar em meu próprio quarto por uma aberração evidente!

Então foi até a escada, deu meia-volta e encarou as portas trancadas.

— É verdade, de fato — constatou, passando os dedos no pescoço levemente arranhado. — É um fato indiscutível! Porém…

Balançou a cabeça, desolado, virou-se e desceu a escada.

Acendeu o lampião da sala de jantar, pegou um charuto e começou a caminhar pelo cômodo, exaltando-se. De quando em quando, discutia consigo mesmo.

— Invisível! — ele exclamou. — Existe algum animal invisível?… Nos oceanos, sim. Milhares, milhões. Todas as larvas, todos os pequenos náuplios e tornárias, todas as coisas microscópicas, as águas-vivas. Nos oceanos, há mais coisas invisíveis do que visíveis! Nunca pensei nisso antes. E também nos lagos! Todas aquelas minúsculas criaturas de água doce… grãos de gel translúcido e incolor! Mas no ar? Não! Não pode ser. Mas, afinal… por que não? Se um homem fosse feito de vidro, continuaria visível.

Sua meditação foi longe. Três charutos arderam rumo ao invisível, ou pulverizaram-se sob a forma de cinzas brancas se acumulando no tapete, antes que ele voltasse a falar. E foi uma mera exclamação. Ele virou de lado, saiu da sala, entrou em seu pequeno consultório e acendeu o gás. Era uma sala minúscula, porque o dr. Kemp não vivia da medicina, e ali estavam os jornais do dia. O jornal matutino encontrava-se displicentemente aberto e posto de lado. Ele o pegou, virou a página e leu o relato do "Acontecimento peculiar em Iping" que o marujo em Port Stowe havia contado ao sr. Marvel. Kemp leu rapidamente.

— Enfaixado! — disse Kemp. — Disfarçado! Escondendo o fato! Ninguém se deu conta da desgraça que aconteceu com ele. Que diabos pretende com isso?

Ele largou o matutino e seus olhos vagaram, inquisitivos.

— Ah! — disse, e recolheu a *St. James' Gazette*, que ainda estava dobrada tal como fora entregue. — Agora saberemos a verdade.

Ele abriu o jornal; duas colunas logo chamaram sua atenção. "Uma vila inteira de Sussex enlouquece" era a manchete.

— Santo Deus! — disse Kemp, lendo avidamente um relato bastante cético dos acontecimentos da tarde anterior em Iping, que já foram descritos. Na capa, o relato do matutino vinha reproduzido.

Ele releu a notícia: "Correu pelas ruas batendo a torto e a direito. Jaffers desmaiado. O sr. Huxter sentindo muita dor … ainda incapaz de descrever o que viu. Dolorosa humilhação … o vigário. Mulher adoece de terror! Janelas quebradas."

— Essa notícia extraordinária é provavelmente inventada. Boa demais para não ser divulgada… *cum grano*![n]

Ele largou o jornal e fitou o vazio à sua frente.

— Provavelmente inventada!

Tornou a abrir o jornal e releu tudo outra vez.

— Mas onde entra o vagabundo? Por que diabos estava perseguindo um mendigo?

Sentou-se abruptamente num carrinho de apoio cirúrgico.

— Ele não só está invisível — ele disse —, mas também ficou louco! Homicida!

Quando a madrugada veio mesclar sua claridade à luz do lampião e à fumaça de charuto na sala de jantar, Kemp ainda estava andando de um lado para outro, tentando aceitar o inconcebível.

Estava excitado demais para dormir. As criadas, descendo sonolentas, encontraram-no e sentiram-se inclinadas a acreditar que o excesso de leituras havia deixado o patrão daquele jeito. Ele passou instruções extravagantes, porém bastante explícitas, de que servissem o café da manhã para dois no escritório do belvedere… e depois se limitassem ao porão e ao térreo da casa. Então continuou marchando pela sala de jantar até a hora da entrega do jornal. O matutino tinha muitas colunas, mas pouca novidade, além da confirmação da noite passada, e um artigo muito mal escrito de outro episódio notável ocorrido em Port Burdock. Este último forneceu a Kemp o essencial sobre os acontecimentos no Jolly Cricketers e o nome de Marvel. “Ele me obrigou a ficar com ele por vinte e quatro horas”, Marvel testemunhava. Alguns fatos menores foram acrescentados à notícia de Iping, especialmente o corte do cabo telegráfico da vila. Mas não havia nada que esclarecesse a conexão entre o Homem Invisível e o vagabundo; o sr. Marvel não dera informações sobre os três livros ou sobre o dinheiro que levara consigo. O tom cético da matéria havia desaparecido e um cardume de repórteres e curiosos já estava em ação elucubrando sobre o caso.

Kemp leu cada linha da reportagem e mandou a empregada sair e comprar todos os jornais da manhã que encontrasse. Esses, ele também devorou.

— Ele é invisível! — disse. — E, pelo que está escrito, sua raiva está se tornando maníaca! Imagine o que será capaz de fazer! Imagine só! E ele está

lá em cima, livre como o vento. Como eu devo proceder? Por exemplo, será que ele consideraria traição se…? Não.

Foi até uma pequena escrivaninha desarrumada no canto, começando a redigir um bilhete. Rasgou a folha quando já estava na metade e escreveu outro. Releu, ponderou. Então pegou um envelope e endereçou ao "Coronel Adye, Port Burdock".

O Homem Invisível acordou justo quando Kemp estava fazendo isso. Levantou de mau humor, e Kemp, atento a cada som, ouviu os pés dele pisando rapidamente no quarto do andar de cima. Então uma cadeira foi atirada longe e a pia, destruída. Kemp correu escada acima, batendo avidamente na porta.

---

[m] Evidente distração do autor, pois no capítulo anterior foi dito que a lua estava "no quarto crescente". (N.T.) ↩

[n] Em latim no original. A expressão completa é *cum grano salis*, "com um grão de sal", equivalendo a "com desconfiança", "com ceticismo". (N.T.) ↩

19

ALGUNS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

— QUAL É O PROBLEMA? — perguntou Kemp, quando o Homem Invisível o deixou entrar no quarto.

— Nada — foi a resposta.

— Que estranho! E esse barulho?

— Foi um acesso de raiva — disse o Homem Invisível. — Esqueci do meu braço; ainda está doendo.

— Você é muito suscetível a esse tipo de coisa.

— Sou mesmo.

Kemp atravessou o quarto e recolheu os cacos de vidro.

— Saíram notícias sobre você — disse ele, de pé com o vidro na mão. — Tudo o que aconteceu em Iping e na descida do morro. O mundo agora entendeu que possui um cidadão invisível. Mas ninguém sabe que você está aqui.

O Homem Invisível esbravejou.

— Seu segredo vazou. Pensei que ainda era segredo. Não sei quais são os seus planos, mas evidentemente estou pronto a ajudá-lo.

O Homem Invisível sentou na cama.

— Nosso café da manhã está servido lá em cima — disse Kemp, falando o mais serenamente que podia.

Ficou contente ao ver que seu estranho hóspede se levantou com apetite. Kemp mostrou o caminho pelos degraus estreitos até o belvedere.

— Antes de fazermos qualquer outra coisa — disse Kemp —, preciso entender um pouco melhor essa sua invisibilidade.

Ele havia sentado, após olhar nervosamente pela janela, como alguém que está precisando conversar. Suas dúvidas sobre a sanidade de tudo aquilo voltaram e sumiram outra vez, quando olhou para outro ponto da mesa do café, onde Griffin sentara — um robe sem cabeça, sem mãos, limpando lábios invisíveis com um guardanapo miraculosamente suspenso.

— É bastante simples… e nada difícil de acreditar — começou Griffin, deixando o guardanapo de lado e inclinando a cabeça invisível sobre uma mão invisível.

Kemp soltou uma gargalhada.

— Sem dúvida, para você é fácil, mas…

— Sim, claro; a princípio me pareceu inacreditável, sem dúvida. Já agora, santo Deus…! Mas ainda faremos grandes coisas juntos! Obtive os primeiros resultados em Chesilstowe.

— Chesilstowe?

— Fui para lá depois que saí de Londres. Você sabe que eu abandonei a medicina e passei para a física, não sabe? Pois bem, foi o que fiz. A luz me fascinava.

— Ah!

— A densidade óptica! Todo esse assunto é uma rede de enigmas, um emaranhado através do qual existem soluções cintilantes e fugidias. E tendo apenas vinte e dois anos, cheio de entusiasmo, eu disse, “Dedicarei minha vida a isso. Vale a pena”. Você sabe como somos tolos aos vinte e dois anos, não?

— Tolos aos vinte e dois, tolos hoje — meditou Kemp.

— Como se o conhecimento pudesse dar alguma satisfação ao homem! Mas resolvi trabalhar nisso, trabalhei feito um escravo. E mal haviam passado seis meses de trabalho e reflexão sobre o assunto quando, de

repente, a luz começou a aparecer por entre o emaranhado — uma luz que cegava! Descobri um princípio geral dos pigmentos e refrações, uma fórmula, uma expressão geométrica envolvendo as quatro dimensões. Tolos, homens comuns, até mesmo matemáticos comuns, não fazem ideia do que algumas expressões gerais podem significar para um estudante de física molecular. Naqueles livros, aqueles livros que o vagabundo escondeu, há maravilhas, milagres! Mas não era um método, era uma ideia, que poderia levar a um método, através do qual seria possível, sem alterar nenhuma outra propriedade da matéria, exceto, em alguns casos, as cores, diminuir o índice de refração de uma substância, sólida ou líquida, até igualá-lo ao índice de refração do ar, que na prática seria reproduzido perfeitamente.

— Ora essa! — exclamou Kemp. — Isso é muito estranho! Ainda não consigo entender direito… Sou capaz de admitir que com isso você possa conspurcar uma pedra preciosa, mas daí à invisibilidade de uma pessoa há uma longa distância.

— Exatamente — disse Griffin. — Mas, lembre-se, a visibilidade depende da ação de corpos visíveis sobre a luz. Os corpos ou absorvem a luz, ou a refletem, ou a refratam, ou fazem todas essas coisas. Se o corpo nem reflete, nem refrata e nem absorve a luz, não pode ser visível em si mesmo. Você vê uma caixa vermelha opaca, por exemplo, porque a cor absorve parte da luz e reflete o resto, a parte vermelha da luz, para você. Se ela não absorvesse nenhuma parte da luz em particular, mas simplesmente refletisse tudo, então seria uma caixa branca reluzente. Prateada! Uma caixa de diamante não absorveria muita luz, nem refletiria muito a partir de sua superfície, mas, aqui e ali, onde as superfícies fossem propícias, a luz seria refletida e refratada, de modo que você teria uma visão brilhante de reflexos faiscantes e transparências, uma espécie de esqueleto de luz. Uma caixa de vidro não seria tão brilhante, nem tão claramente visível, quanto uma caixa de diamante, pois haveria menos refração e menos reflexão. Percebe? A partir de determinados pontos de vista, você conseguiria

enxergar através dela. Alguns tipos de vidro são mais visíveis que outros, uma caixa de vidro de sílex seria mais brilhante que uma caixa de vidro comum de janela. Uma caixa de vidro comum bem fino seria mais difícil de ver com pouca luz, pois não absorveria quase nenhuma luz e refrataria e refletiria muito pouco. E se você puser uma lâmina de vidro leitoso comum na água, ainda mais se mergulhá-la em um líquido mais denso que a água, ela desaparece quase totalmente, porque a luz passando da água para o vidro quase não é refratada nem refletida, ou melhor, nem sequer é afetada de alguma maneira. Fica quase tão invisível quanto um jato de gás ou o hidrogênio no ar. E justamente pelo mesmo motivo!

— Sim — disse Kemp —, até aqui viemos bem.

— E eis outro fato que você saberá ser verdade. Se quebrarmos o vidro, Kemp, e o moermos até virar pó, ele se torna muito mais visível ao ar livre; o vidro se torna por fim um pó branco e opaco. Isso porque estar pulverizado multiplica as superfícies do vidro nas quais ocorrem a refração e a reflexão. Na lâmina de vidro, há apenas duas superfícies; no vidro moído a luz se reflete ou refrata em cada grão que atravessa, e muito pouca luz passa através do pó. Mas se o pó branco de vidro for posto na água, ele logo some. O vidro em pó e a água têm um índice de refração parecido, isto é, a luz sofre muito pouca refração ou reflexão na passagem de um para o outro. Você torna o vidro invisível colocando-o dentro de um líquido que tem quase o mesmo índice de refração; uma coisa transparente se torna invisível quando colocada em um meio com índice de refração quase idêntico. E se você pensar um segundo, verá também que o pó de vidro pode desaparecer ao ar livre, se seu índice de refração se tornar igual ao índice do ar; pois assim não haveria refração nem reflexão quando a luz passasse do vidro ao ar.

— Sim, sim — concordou Kemp. — Mas o homem não é feito de vidro moído!

— Não — disse Griffin. — Ele é ainda mais transparente!

— Que absurdo!

— Você, um médico, dizer isso! Como as pessoas esquecem! Nesses dez anos, já se esqueceu da física que aprendeu? Pense em todas as coisas que são transparentes e não parecem. O papel, por exemplo, é feito de fibras transparentes, e só é branco e opaco pelo mesmo motivo pelo qual o pó de vidro é branco e opaco. Ponha óleo no papel branco, preencha os intervalos entre as partículas com óleo, para que não haja mais refração nem reflexão, exceto na superfície, e o papel se torna transparente como o vidro. E não só o papel, mas também as fibras do algodão, do linho, da lã, da madeira, do osso, Kemp, da carne, Kemp, dos pelos, Kemp, das unhas e dos nervos, Kemp, a bem da verdade, todos os materiais humanos, exceto o vermelho do sangue e o pigmento preto dos pelos, são todos compostos de tecidos transparentes. É tão pouco o que nos torna visíveis uns aos outros… A maior parte das fibras de uma criatura viva é tão opaca quanto a água.

— Céus! — exclamou Kemp. — É claro, é claro! Ontem à noite mesmo pensei nas larvas marinhas e águas-vivas!

— Agora você está falando a minha língua! E tudo isso eu já sabia e tinha em mente um ano depois de sair de Londres, seis anos atrás. Mas guardei segredo. Enfrentei dificuldades terríveis para a realização do meu trabalho. Oliver, meu professor, era um cientista sem escrúpulos, com vocação para a celebridade jornalística, ou seja, era um ladrão de ideias, que estava sempre de tocaia! E você sabe como o sistema do mundo científico é vil. Eu simplesmente não ia publicar e deixar que ele dividisse o crédito comigo. Continuei trabalhando; fui chegando cada vez mais perto de transformar minha fórmula em experimento, em realidade. Nunca contei nada a ninguém, pois queria ofuscar o mundo com meu trabalho, causando um impacto avassalador, e ficar famoso da noite para o dia. Dediquei-me à questão dos pigmentos, para sanar algumas lacunas. E de repente, não por querer, mas por acaso, fiz uma descoberta no campo da fisiologia.

— Qual?

— Você sabe o material vermelho que dá cor ao sangue? Pois bem: o sangue pode ficar branco, incolor, e continuar com todas as funções

intactas!

Kemp gritou de espanto e descrença. O Homem Invisível se levantou e começou a andar pelo pequeno escritório.

— Pode gritar. Lembro-me bem daquela noite. Já era madrugada. Durante o dia eu me entediava com alunos tolos, apalermados, e às vezes eu trabalhava até o amanhecer. De repente, algo se formou, esplêndido e completo, na minha cabeça. Eu estava sozinho; o laboratório estava vazio, com as luzes, muito altas e claras, brilhando em silêncio. Em todos os meus grandes momentos, sempre estive sozinho. "É possível tornar um animal, um tecido, transparente! É possível torná-lo invisível! Tudo em meu corpo, exceto os pigmentos, pode ficar invisível!", disse comigo, subitamente me dando conta do que significaria esse conhecimento no caso de albinos. Foi avassalador. Interrompi uma filtração que estava fazendo e fui olhar as estrelas pela janela grande do laboratório. "Eu posso ficar invisível!", repeti. Fazer isso seria algo que transcenderia a mágica. E contemplei, dissipadas as dúvidas mais nebulosas, uma visão magnífica de tudo o que a invisibilidade poderia significar para um homem: o mistério, o poder, a liberdade. Não vi nenhuma desvantagem. Imagine só! E eu, um laboratorista pobre, mal-vestido e isolado, ensinando idiotas em uma faculdade provinciana, poderia me tornar de repente… isto aqui. Eu lhe pergunto, Kemp, se fosse você… Qualquer um, estou lhe dizendo, teria se atirado de cabeça nessa pesquisa. E trabalhei muito por três anos, pois toda montanha de dificuldades que eu escalava me apresentava outra a partir de seu cume. A infinidade de detalhes! E a exasperação! O professor, um professor da província, sempre de tocaia. "Quando você vai publicar esse seu trabalho?", era a eterna pergunta que ele me fazia. E os alunos, os recursos escassos! Três anos disso… E depois de três anos de segredo e exasperação, descobri que era impossível completar o experimento. Impossível.

— Por quê? — perguntou Kemp.

— Dinheiro — disse o Homem Invisível, e foi outra vez olhar pela janela.

Ele se virou abruptamente e completou:

— Roubei do meu velho… roubei dinheiro do meu pai. Mas o dinheiro não lhe pertencia, e ele se matou com um tiro.

20

NA CASA DA GREAT PORTLAND STREET

POR UM MOMENTO, Kemp ficou sentado em silêncio, fitando as costas da figura sem cabeça próxima à janela. Então sobressaltou-se, atingido por uma ideia. Levantou, tomou o Homem Invisível pelo braço e afastou-o dos olhares externos.

— Você deve estar cansado — disse —, e eu estou sentado e você de pé, andando. Sente-se na minha cadeira.

Ele se postou entre Griffin e a janela mais próxima.

Por alguns momentos, Griffin ficou sentado, quieto, então retomou abruptamente sua história:

— Eu já havia saído de Chesilstowe quando isso aconteceu. Foi em dezembro passado. Eu alugara um quarto em Londres, um único cômodo grande e sem mobília, em uma pensão grande e malcuidada, em um cortiço perto da Great Portland Street.Logo o quarto ficou cheio de apetrechos que comprei com o dinheiro que roubei; o trabalho prosseguia regularmente, com sucesso, se aproximando do fim. Eu era como um homem saindo de uma floresta e, de repente, se deparando com uma tragédia sem sentido. Fui ao enterro do meu pai. Com a minha cabeça ainda na pesquisa, não movi um dedo para salvar sua reputação. Lembro do funeral, do caixão barato, da cerimônia modesta, da colina fustigada pelo vento congelante e do seu velho amigo de faculdade que leu a Bíblia enquanto o caixão baixava — um velho encarquilhado, negro e encurvado, com uma gripe a lhe entupir o nariz.

“Lembro-me de voltar para a casa vazia, passando por onde um dia havia sido uma vila, lugar agora remendado e convertido, por construtores de má qualidade, à feiura de uma cidade. Por todos os lados as estradas desapareciam nas roças reviradas e terminavam em pilhas de lixo e no matagal úmido e fétido. Lembro de mim mesmo como uma figura obscura, de preto, andando por aquelas calçadas escorregadias, brilhantes, e da estranha sensação de estar me distanciando da respeitabilidade débil, do sórdido comercialismo daquele lugar.

“Não senti nenhum remorso por meu pai. Ele me pareceu vítima de seu próprio sentimentalismo tolo. A hipocrisia vigente exigira minha presença em seu enterro, mas no fundo eu não tinha nada a ver com aquilo.

“Mas enquanto percorria a High Street, minha existência anterior me voltou por um momento, pois encontrei uma menina que eu conhecera dez anos antes. Nossos olhares se cruzaram. Algo me levou a voltar e ir conversar com ela. Era uma pessoa bastante comum.

“Foi como um sonho, aquela visita aos lugares de antigamente. Na época, eu não sentia especial solidão, tampouco achava que saíra do mundo para um lugar desolado. Eu tinha noção do meu distanciamento, mas o atribuía à insignificância das coisas em geral. Voltar para o meu quarto foi como recuperar a realidade. Lá estavam as coisas que eu conhecia e amava. Lá estavam meus apetrechos, meus experimentos arrumados à minha espera. E já quase não havia mais nenhuma dificuldade, além do planejamento dos detalhes.

“Vou lhe contar, Kemp, mais cedo ou mais tarde, todos os processos complexos. Não precisamos entrar nisso agora. Quase tudo, excetuando algumas lacunas que preferi guardar na memória, está escrito em código naqueles livros que o vagabundo escondeu. Agora precisamos ir atrás dele. Precisamos recuperar aqueles diários. Mas a fase fundamental era posicionar o objeto transparente, cujo índice de refração devia ser reduzido, entre dois centros irradiadores de uma espécie de vibração etérea, sobre a qual falarei mais adiante. Não, não são as vibrações de Röntgen — até onde

eu sei, essas a que me refiro ainda não foram descritas. E no entanto são vibrações bastante óbvias. Eu precisava de dois pequenos dínamos, que botei para funcionar com um simples motor a gasolina. Meu primeiro experimento deu-se com um retalho branco de lã. Foi a coisa mais estranha do mundo vê-lo cintilar em lampejos delicados e brancos, para então assisti-lo se apagando e desaparecendo como uma cortina de fumaça.

"Mal podia acreditar que havia conseguido. Pus as mãos naquele vazio e lá estava o tecido, sólido como antes. Estranhando o toque, joguei-o no chão. Tive alguma dificuldade para encontrá-lo novamente.

"Então ocorreu uma experiência curiosa. Ouvi um miado atrás de mim e, virando-me, encontrei uma gata branca e magra, muito suja, na tampa da cisterna, do lado de fora da janela. Um pensamento me ocorreu: 'Já preparei tudo para você', eu disse, e fui até a janela, abri e chamei-a baixinho. Ela entrou, ronronando, e dei-lhe um pouco de leite, pois a pobre bichana estava faminta. Toda a comida que eu tinha ficava em um armário no canto do quarto. Depois disso, ela saiu farejando pelo ambiente, com a evidente intenção de fazer dali o seu lar. O retalho invisível a intrigou um pouco; você precisava vê-la cuspindo-o! Mas tratei de deixá-la confortável em meu travesseiro, na bicama. E lhe dei manteiga para convencê-la a tomar banho."

— E você a fez passar pelo processo?

— Sim, ela passou pelo processo. Mas dar remédios para uma gata não é nada fácil, Kemp! E o processo fracassou.

— Fracassou!

— Por dois detalhes. A saber, as garras e aquele pigmento, como se chama aquilo?, do fundo do olho de um gato. Você sabe?

— *Tapetum*.º

— Sim, o *tapetum*. Ele não sumiu. Depois que ministrei a substância que clareia o sangue e fiz alguns outros procedimentos, dei ópio para a bichana e coloquei-a no meu aparelho, deitada no travesseiro onde dormia. Depois

que tudo havia se apagado e desaparecido, ficaram ali dois fantasmas no lugar dos olhos.

— Que estranho!

— Não consigo explicar. Ela estava enfaixada e afivelada, é claro, então nada de mau poderia lhe acontecer; mas ela acordou ainda zonza e miou dolorosamente, até que alguém bateu na porta. Era uma senhora do andar de baixo, que desconfiava que eu praticasse vivissecção, uma velha criatura inchada de álcool, cuja única companhia no mundo era a gata branca. Recorri ao clorofórmio, apliquei-o na minha cobaia e fui atender. "Será que ouvi um miado? Da minha gata?", a vizinha perguntou. "Não foi aqui", respondi, muito polidamente. Ela ficou um pouco desconfiada e tentou espiar o interior do quarto por cima do meu ombro; sem dúvida muito estranho para ela — paredes nuas, janelas sem cortina, bicama, o motor a gasolina ligado, a vibração das agulhas irradiadoras e o aroma fúnebre do clorofórmio pelo ar. Mas só lhe restava se conformar, e ela foi embora.

— Quanto tempo demorou? — perguntou Kemp.

— Três ou quatro horas… a gata. Os ossos, os tendões e a gordura foram as últimas coisas a sumir, também as pontas dos pelos mais escuros. E, como eu disse, a parte do fundo dos olhos, aquele tapete iridescente e teimoso que não sumia de jeito nenhum.

"ANOITECEU MUITO ANTES que o processo terminasse, e não se via mais nada além de uma sombra dos olhos e das garras. Desliguei o motor, tateei e acariciei a bichana, que ainda estava desacordada; então, exausto, deixei-a dormindo no travesseiro invisível e fui me deitar. Não consegui dormir. Fiquei deitado pensando em coisas vãs e despropositadas, repassando incessantemente o experimento, ou sonhando, febril, com objetos se esfumaçando e sumindo à minha volta, até que tudo, o próprio chão onde eu pisava, desapareceu, e tive um daqueles nauseantes pesadelos em que se está caindo. Por volta das duas, a gata começou a miar pelo quarto. Tentei

acalmá-la, conversando com ela, mas então resolvi deixar que fosse embora. Lembro o choque que tive quando acendi a luz: lá estavam apenas os olhos verdes e redondos cintilando, mais nada ao redor deles. Eu teria lhe dado leite, mas havia acabado. Ela não se calava, simplesmente ficava sentada miando para a porta. Tentei pegá-la, com a intenção de soltá-la pela janela, mas ela não se deixou apanhar e sumiu. Então começou a miar em diversos pontos do cômodo. Por fim abri a janela e dei uma busca no quarto. Suponho que tenha ido embora, afinal. Nunca mais a vi.

"Então, sabe-se lá por quê, voltei a pensar no enterro do meu pai, naquela colina desolada ao vento, até amanhecer o dia. Concluí que não iria mesmo dormir e, trancando a porta atrás de mim, saí perambulando pelas ruas ainda muito cedo."

— Você está me dizendo que existe uma gata invisível solta por aí? — admirou-se Kemp.

— Se ninguém a matou, sim — disse o Homem Invisível. — Por que não?

— Por que não? — ecoou Kemp. — Bem, não era minha intenção interrompê-lo.

— Muito provavelmente foi morta — disse o Homem Invisível. — Quatro dias depois disso, sei que estava viva, debaixo de uma grade na Great Titcheld Street, porque vi a multidão cercando o local e tentando achar de onde vinham os miados.

Ele ficou quase um minuto calado. Então retomou abruptamente:

— Lembro nitidamente aquela última manhã antes da transformação. Devo ter subido a Great Portland Street. Lembro da vila militar na Albany Street, dos soldados da cavalaria saindo e, por fim, de chegar ao alto de Primrose Hill. Era um dia ensolarado de janeiro, um desses dias ensolarados e frios que tivemos este ano, antes da neve. Meu cérebro exausto tentou avaliar a situação, para desenvolver uma estratégia.

“Fiquei surpreso ao descobrir, agora que a meta estava ao meu alcance, como aquela conquista parecia inconclusiva. A bem da verdade, eu estava exausto de trabalhar; a tensão de quatro anos de esforço contínuo havia me deixado incapaz de qualquer sentimento mais forte. Eu estava apático e tentei em vão recobrar o entusiasmo de minhas primeiras pesquisas, a paixão da descoberta, que me fizeram contornar até mesmo o desaparecimento dos cabelos grisalhos de meu pai. Nada parecia importar mais. Percebi muito claramente, porém, que meu estado de espírito era passageiro, devido ao excesso de trabalho e à privação do sono, e que à base de remédios, ou de repouso, seria possível recuperar minhas energias.

“A única coisa em que eu conseguia pensar claramente era que meu projeto precisava ser continuado até o fim; essa ideia fixa ainda me dominava. E o quanto antes, pois o dinheiro estava quase acabando. Admirei a paisagem da colina, as crianças brincando e as moças tomando conta delas, e tentei pensar em todas as vantagens fantásticas que um homem invisível teria no mundo. Depois de algum tempo assim, me arrastei de volta para casa, comi alguma coisa, tomei uma dose forte de estricnina e fui dormir de roupa em minha cama desfeita. A estricnina é um grande tônico, Kemp, para espantar a moleza de um homem.”

— Ela é o diabo — disse Kemp. — É todo o paleolítico dentro de um frasco.

— Acordei imensamente revigorado e até mesmo irritadiço. Sabe como é?

— Sei bem.

— E havia alguém batendo à minha porta. Era o senhorio com ameaças e perguntas, um velho judeu polonês, com um longo casaco cinza e de chinelos sebentos. Que eu tinha passado a noite maltratando um gato, ele tinha certeza; a língua da velha não perdera tempo. Ele fazia questão de ser informado sobre tudo. As leis neste país contra a vivissecção eram muito severas, ele podia acabar sendo incriminado. Neguei o gato. Mas a vibração do motor podia ser percebida na casa inteira, ele disse. Isso era verdade, de

fato. Ele deu a volta em mim e esgueirou-se para dentro do quarto, espiando por sobre seus óculos alemães prateados. Um súbito pavor me veio à mente, de que ele pudesse ficar sabendo algo sobre meu segredo. Tentei me postar entre ele e o aparelho concentrador que eu produzira, e isso só lhe aguçou ainda mais a curiosidade. O que eu estava fazendo? Por que estava sempre sozinho e agindo em segredo? Era uma atividade legítima? Era perigoso? Eu só pagava a taxa normal de aluguel. A casa dele sempre tivera boa reputação, em um bairro de má reputação. De repente, minha paciência se esgotou. Mandei ele sair. Ele começou a protestar, alegou que tinha o direito de entrar. No momento seguinte, agarrei-o pelo colarinho; algo se rasgou e ele saiu rodopiando pelo seu próprio corredor. Bati a porta, passei a chave e me sentei ainda trêmulo.

"Ele ficou esbravejando do outro lado, o que eu ignorei, e depois de algum tempo foi embora.

"Mas isso gerou uma crise. Eu não imaginava o que ele iria fazer nem o que tinha poder para fazer. Mudar para uma nova pensão significaria atrasos; no total, eu tinha menos de vinte libras restantes para viver, a maior parte delas no banco, e não poderia pagar algo assim. Sumir! Era uma tentação irresistível. Mas depois haveria um inquérito, revistariam meu quarto…

"Só de pensar na possibilidade da exposição ou da interrupção do meu trabalho, no momento em que atingia o clímax, fiquei muito irritado e agitado. Saí correndo com meus três livros de anotações e um talão de cheques (o vagabundo está com eles agora) e os remeti do correio mais próximo para o posto de atendimento na Great Portland Street. A ideia era sair sem fazer barulho. Ao voltar, encontrei o senhorio no meio da escada, em silêncio; ele ouvira a porta se fechar, imagino. Você teria rido ao vê-lo pular para o lado quando passei. Ele me encarou furiosamente, e fiz a casa toda tremer quando bati a porta do meu quarto. Ouvi-o arrastando os pés escada acima, depois hesitar e descer. Imediatamente, comecei a fazer meus preparativos.

“Tudo aconteceu entre o fim do dia e aquela noite. Enquanto eu ainda estava sentado sob a nauseante e entorpecente influência das drogas que descolorem o sangue, ouvi reiteradas batidas na porta. Elas cessaram, passos se afastaram e voltaram, e depois as batidas recomeçaram. Alguém tentava passar algo por debaixo da porta, um papel azul. Então, num acesso de irritação, levantei-me e escancarei a porta.

“— O que foi agora? — perguntei.

“Era o senhorio, com um aviso de despejo ou coisa que o valha. Ele me mostrou o papel, notou algo estranho nas minhas mãos, imagino, e ergueu os olhos para me fitar.

“Por um momento, ficou boquiaberto. Então esboçou uma espécie de grito, deixou cair a vela, junto com o papel, e saiu atabalhoadamente pelo corredor escuro, até a escada. Fechei a porta, passei a chave e fui até o espelho. Então compreendi seu terror… Meu rosto estava branco… feito uma pedra branca.

“Mas foi horrível. Eu não contava com o sofrimento. Uma noite de angústia excruciante, náuseas e desmaios. Eu batia os dentes de frio, embora minha pele estivesse ardendo, todo o meu corpo em chamas; mas continuei ali deitado, soturno feito a morte. Entendia afinal por que a gata berrava até que eu lhe aplicasse o clorofórmio. Por sorte eu morava só e abandonado no meu quarto. Em alguns momentos, cheguei a soluçar e gemer, falando sozinho. Mas levei adiante… Tornei-me insensível e acordei languidamente no escuro.

“A dor havia passado. Pensei que estava me matando e não me importei. Jamais esquecerei aquela madrugada, o estranho horror de ver que minhas mãos haviam se tornado um vidro nebuloso e de assisti-las, ao longo do dia, ficando cada vez mais claras e diáfanas, até que por fim eu conseguia enxergar a repugnante desordem do meu quarto através delas, ainda que fechasse minhas pálpebras transparentes. Meus membros ficaram vítreos, ossos e artérias se apagaram, desapareceram, e, por último, sumiram os pequenos nervos brancos. Cerrei os dentes e fiquei ali parado até o fim. Nos

estertores do processo, apenas as pontas mortas das unhas permaneceram, pálidas e brancas, e a mancha marrom de algum ácido em meus dedos.

"Foi uma luta. A princípio, eu era incapaz feito uma criança de colo, tentando ficar de pé com pernas que não podia ver. Sentia-me fraco e com muita fome. Fui olhar para o nada refletido em meu espelho de barbear, para o nada exceto onde um pigmento atenuado ainda permanecia por trás da retina dos meus olhos, mais vaporoso que a névoa. Precisei me segurar na mesa e apoiar a cabeça contra o espelho.

"Somente num esforço desesperado consegui me arrastar de volta ao aparelho e completar o processo.

"Dormi a manhã inteira, puxando as cobertas sobre os olhos para evitar a luz. Por volta do meio-dia, fui acordado novamente com batidas na porta. Minhas forças tinham voltado. Sentei-me na cama e escutei um sussurro. Pulei para o chão e, com o mínimo de ruído possível, comecei a desligar as partes de meu aparelho e a espalhá-las pelo quarto, visando destruir as pistas de seu funcionamento. Nesse instante, voltaram as batidas e ouvi vozes chamando, primeiro a do meu senhorio, depois outras duas. Para ganhar tempo, respondi. Pegando o retalho e o travesseiro invisíveis, abri a janela e joguei-os sobre a tampa da cisterna. Enquanto abria a janela, um estrondo veio da porta. Alguém investira contra ela, para assim destruir a fechadura, mas fora impedido pelos trincos robustos que, dias antes, eu havia parafusado nos batentes. Aquilo me sobressaltou, fiquei furioso. Comecei a tremer e a fazer as coisas às pressas.

"Juntei no meio do quarto alguns papéis dispersos, palha, folhas de embrulho e assim por diante, então abri o gás. Murros fortes estalaram na porta. Não consegui encontrar os fósforos. Dei socos na parede, de raiva. Tornei a desligar o gás, me esgueirei pela janela até a tampa da cisterna, abaixei silenciosamente a cortina e ali fora me sentei, seguro e invisível, mas trêmulo de raiva, para assistir aos acontecimentos. Eles quebraram a folha da porta e, no momento seguinte, arrancaram os trincos. Logo estavam de pé sob o umbral, com o quarto escancarado. Era o senhorio com

seus dois enteados, rapazes robustos de vinte e três ou vinte e quatro anos. Atrás deles, pairava a velha bruxa do andar de baixo.

"Você pode imaginar como ficaram espantados ao encontrar o quarto vazio. Um dos rapazes logo foi até a janela, abriu-a de supetão e olhou para fora. Seus olhos arregalados e seu rosto de lábios grossos e barba ficaram a menos de meio metro do meu. Fiquei tentado a bater naquela cara de palerma, mas contive meu punho cerrado. Ele ficou olhando através de mim, assim como os outros que se juntaram a ele. O velho entrou, espiou debaixo da cama, e então foram todos até o armário. Ficaram discutindo longamente sobre o armário em ídiche e *cockney*.[p] Concluíram que eu não havia respondido aos seus chamados, que sua imaginação lhes devia ter pregado uma peça. Um sentimento de exultação extraordinária substituiu minha ira, enquanto eu estava ali, sentado do lado de fora da janela, observando aquelas quatro pessoas, pois a velha entrou também, olhando desconfiada como uma gata, tentando entender o enigma do meu comportamento.

"O velho, pelo que entendi de seu *patois*,[q] concordou com a velha que eu era mesmo um vivisseccionista. Os filhos protestaram em inglês rústico, dizendo que eu devia ser eletricista e apontando para os dínamos e radiadores. Eles ficaram tensos porque eu podia chegar, embora eu tenha descoberto mais tarde que haviam trancado a porta da frente. A velha senhora espiou no armário, embaixo da cama, e um dos rapazes puxou a portinhola para olhar chaminé acima. Certo colega inquilino, um feirante que dividia o quarto da frente com um açougueiro, apareceu no corredor, sendo chamado a entrar e ouvir um palavrório incompreensível.

"Então me ocorreu que os radiadores, se caíssem em mãos de alguma pessoa instruída e perspicaz, poderiam me denunciar; assim, aproveitando uma oportunidade, entrei em meu quarto, arranquei um dos dínamos da base onde estava conectado e arrebentei as duas coisas. Enquanto os demais ainda tentavam explicar o estrago, me esgueirei pela porta e desci silenciosamente a escada.

“Entrei numa das salas de estar e aguardei que descessem, ainda especulando e discutindo, todos um pouco decepcionados por não encontrarem nenhum ‘horror’, e todos intrigados quanto a se teriam alguma acusação legal contra mim. Escapuli de volta lá para cima com uma caixa de fósforos, fiz uma fogueira com minha pilha de papéis e lixo, aproximei as cadeiras e a cama, usei um tubo de borracha de látex para trazer o gás para perto e, dando adeus ao quarto, saí pela última vez.”

— Você incendiou a casa! — exclamou Kemp.

— Incendiei a casa. Era a única maneira de encobrir meus rastros, e sem dúvida ela estava no seguro. Abri suavemente os trincos da porta da frente e fui para a rua. Eu estava invisível e apenas começando a entender a vantagem extraordinária que a invisibilidade me dava. Minha cabeça já fervia com planos de todas as coisas extremas e magníficas que eu agora tinha impunidade para fazer.

---

[o] O *Tapetum lucidus*, ou “tapete brilhante”, em latim, é uma membrana interna no globo ocular de muitos vertebrados – cães e gatos, por exemplo – que lhes permite enxergar com pouca luminosidade. (N.T.) ↩

[p] Ídiche, ou iídiche, do alemão *jüdisch*, “judaico”, é uma língua germânica falada especialmente por judeus da Europa Central e Oriental, escrita em caracteres hebraicos; *cockney* é o sotaque ou dialeto do inglês falado pelas classes trabalhadoras. (N.T.) ↩

[q] Em francês no original. *Patois* refere-se a qualquer língua não padronizada, ou dialeto regional. (N.T.) ↩

21

NA OXFORD STREET

— Ao descer uma escada pela primeira vez, tive uma dificuldade imprevista, pois não conseguia enxergar meus pés; a bem dizer, tropecei duas vezes, e uma inépcia pouco usual na hora de abrir o trinco se fez sentir. Sem olhar para baixo, contudo, eu conseguia andar em um mesmo plano razoavelmente bem.

"Meu ânimo, eu diria, era de grande entusiasmo. Sentia-me como deve se sentir um homem que enxerga, com pés acolchoados e roupas que não fazem barulho, em uma cidade de cegos. Experimentei uma propensão extrema para o chiste, para assustar pessoas, dar tapas nas costas dos homens, jogar longe seus chapéus e, no geral, me deliciar com minha extraordinária vantagem.

"Mal chegara à Great Portland Street, no entanto (meu quarto era vizinho à grande loja de tecidos que havia por lá), quando ouvi um choque e fui atingido violentamente por trás. Ao me voltar, avistei um homem levando um cesto de sifões de soda, que contemplava espantado sua carga. Embora o choque tenha realmente me machucado, achei tão irresistível o seu espanto que gargalhei alto.

"— O diabo está no cesto — eu disse, e de repente tirei o cesto de sua mão.

"Ele o soltou prontamente, e fiz toda aquela carga flutuar pelos ares. Mas um cocheiro idiota, parado na frente de um bar, subitamente avançou na direção do cesto. Seus dedos estendidos me espetaram com excruciante violência embaixo da orelha. Deixei tudo cair em cima do cocheiro, então,

com berros e rumor de passos à minha volta, pessoas saindo das lojas e veículos parando na rua, entendi o que eu tinha feito comigo mesmo. Maldizendo minha própria loucura, recuei até uma vitrine e me preparei para fugir da confusão. Um minuto a mais e eu seria empurrado para o centro da multidão e inevitavelmente descoberto. Dei um encontrão num menino do açougue, que por sorte não se virou para ver o nada que o empurrara, e me escondi atrás do cabriolé do cocheiro. Não sei como resolveram o caso. Atravessei correndo a rua, que felizmente se ofereceu desimpedida, e, mal distinguindo por onde ia, tomado pelo pavor de ser descoberto que o incidente me inspirara, mergulhei na agitação da tarde na Oxford Street.

"Tentei entrar no fluxo de passantes, mas era uma multidão muito compacta para mim, e no minuto seguinte meus calcanhares foram pisoteados. Optei pelo meio-fio, cuja aspereza foi dolorosa para os meus pés; em seguida, a porta de um cabriolé que estacionava me acertou com força na escápula, lembrando-me de que eu já estava bastante machucado. Consegui me afastar do trajeto do cabriolé, porém, ao desviar de um carrinho de bebê com um movimento convulsivo, vi-me novamente atrás do veículo de aluguel. Uma feliz ideia me salvou, pois, como o cabriolé vinha devagar, segui seu rastro, trêmulo e perplexo com aquela guinada em minha aventura. E não apenas trêmulo de susto, mas trêmulo de frio. Era um dia claro de janeiro, eu estava completamente nu e a fina camada de lama que cobria a rua estava gelada. Por mais que agora isso me pareça tolo, eu não havia me dado conta de que, transparente ou não, eu ainda estava sujeito ao clima e suas consequências.

"Então tive de repente uma ideia brilhante. Dei a volta correndo e entrei no cabriolé. Assim, tremendo de frio, assustado, com os primeiros sinais de um resfriado me fazendo espirrar e com os machucados nas costas reclamando minha atenção, fui conduzido pela Oxford Street até depois da Tottenham Court Road. Como se pode imaginar, meu estado de espírito era muito diferente do que eu havia deixado para trás apenas dez minutos

antes. Grande coisa, a invisibilidade! Um único pensamento me possuía: como sair da enrascada em que eu me metera?

"Passamos lentamente em frente à biblioteca Mudie's, de onde uma mulher alta, com cinco ou seis livros de capa amarela, fez sinal para o cabriolé de aluguel onde eu estava. Pulei fora a tempo de evitá-la, raspando numa carruagem de estação em minha fuga. Caí na rua perto da Bloomsbury Square, com intenção de seguir para o norte, passando o museu, e então chegar a um bairro mais calmo. Agora eu sentia um frio cruel, e a estranheza de minha situação me atordoava tanto que eu gania ao correr. Na esquina ao norte da praça, um cachorrinho branco saiu correndo da Sociedade Farmacêutica e instantaneamente parou diante de mim, farejando.

"Jamais me ocorrera, mas o nariz está para a mente de um cão assim como o olho está para a mente de um homem que enxerga. Os cães percebem o cheiro de um homem em movimento assim como os homens percebem o que estão vendo. Aquele animal começou a latir e a pular, demonstrando, segundo me pareceu, ter nítida consciência da minha presença. Atravessei a Great Russell Street, olhando para trás enquanto o fazia, e prossegui mais um pouco pela Montague Street, até perceber em direção do que eu estava correndo.

"Ouvi o som de música e, olhando adiante na rua, vi uma série de pessoas ultrapassando a Russell Square, de blusas vermelhas e com o estandarte do Exército da Salvação à frente. Aquela multidão, cantando no meio da rua e ocupando a calçada, eu não teria como penetrar. Assim, temendo retroceder e me afastar ainda mais de onde morava, decidi no calor do momento e subi correndo a escada branca de uma casa que dava para as grades do museu, e ali fiquei até que a multidão passasse. Por sorte, o cachorro parou de latir ao também ouvir a música, o que o fez hesitar, dar meia-volta e retornar correndo para a Bloomsbury Square.

"Lá veio a banda, entoando com inconsciente ironia um hino que dizia 'Quando veremos a Tua face?', e me pareceu um tempo interminável até

que aquela maré de pessoas refluísse na calçada onde eu estava. Tum, tum, tum, fazia o tambor com vibrante ressonância, e por um momento não reparei em dois meninos de rua parados junto à grade do museu, ao meu lado.

"— Está vendo? — perguntou um deles.

"— Vendo o quê? — disse o outro.

"— Olha… são pegadas… de alguém descalço. Como quando a gente pisa na lama.

"Olhei para baixo e vi os meninos parados observando as pegadas barrentas que eu deixara para trás no caminho até a escada branca recém-pintada. As pessoas passaram se acotovelando e esbarraram nos dois, mas sua triste perspicácia já estava em alerta.

"'Tum, tum, tum, quando, tum, veremos, tum, a Tua face, tum, tum.'

"— Alguém descalço subiu esses degraus, sou capaz de jurar — disse um dos garotos. — E não desceu mais. E um dos pés dele está sangrando.

"A maior parte da multidão já havia passado.

"— Olha só aquilo, Ted — comentou o mais jovem dos detetives, com a voz aguda e surpresa, apontando para os meus pés.

"Olhei para baixo no mesmo instante e notei a sugestão discreta do contorno de meus pés esboçado na lama. Nesse momento, fiquei paralisado.

"— Que estranho — disse o mais velho. — Estranho pra diabo! Parece um pé fantasma, não parece?

"O garoto hesitou, mas logo avançou com a mão estendida. Um homem parou para ver o que ele queria pegar, depois uma moça. No instante seguinte ele teria tocado em mim. Então encontrei uma saída. Dei um passo à frente, o menino recuou, dando um grito assustado, e eu, num movimento rápido, pulei para o pórtico da casa vizinha. O menorzinho, contudo, tinha um olhar sagaz o bastante para acompanhar esse movimento, e antes que eu conseguisse descer os degraus até a calçada, ele já se recuperara da

perplexidade momentânea e estava gritando que os pés tinham pulado o muro.

“Eles deram a volta e viram minhas novas pegadas se formando no último degrau e sobre a calçada.

“— O que houve? — alguém perguntou.

“— São pegadas! Veja! De pés correndo!

“Todo mundo na rua, com exceção dos meus três perseguidores, seguia adiante atrás do Exército da Salvação, e aquele bando de gente não embarreirava apenas a mim, mas também a eles. Alguns se voltaram, com expressões de surpresa e dúvida. À custa de derrubar um jovem, consegui atravessar a multidão e, no momento seguinte, contornava às pressas a Russell Square, com seis ou sete pessoas atônitas no encalço das minhas pegadas. Não havia tempo para explicações, pois do contrário toda a procissão correria atrás de mim.

“Virei duas esquinas, atravessei três ruas e voltei por onde fora; então, à medida que meus pés esquentaram e secaram, as impressões molhadas começaram a desaparecer. Por fim, consegui uma brecha para respirar e limpei os pés com as mãos, escapando definitivamente. A última cena que vi da perseguição foi um pequeno grupo, de umas dez pessoas talvez, analisando com infinita perplexidade uma pegada que secava lentamente, resultante de uma poça na Tavistock Square, uma única pegada em destaque, tão incompreensível para eles quanto a solitária descoberta de Crusoé.

“Tal correria me deixou razoavelmente acalorado, e prossegui, com renovada coragem, através do labirinto de ruas menos frequentadas na região. Minhas costas estavam rígidas, meu pescoço doía graças aos dedos do cocheiro e a pele da minha nuca fora arranhada por suas unhas; meus pés estavam absurdamente doloridos, e eu mancava devido a um pequeno corte num deles. Reparei a tempo em um cego que se aproximava de mim e fugi mancando, por medo de sua intuitiva sensibilidade. Ocorreram duas ou

três colisões acidentais, e deixei para trás pessoas assustadas, com xingamentos incontáveis ecoando em seus ouvidos. Então senti algo silencioso e leve em meu rosto, e por toda a praça vi cair lentamente um fino véu de flocos de neve. Eu pegara um resfriado, não conseguia de jeito nenhum evitar espirros eventuais. E todo cachorro que eu via, com seu focinho pontudo e faro investigativo, era um terror para mim.

"Então vieram homens e meninos correndo, primeiro um e depois outros tantos, berrando enquanto corriam. Era um incêndio. Correram na direção da minha pensão e, quando olhei o fim da rua, à distância, vi uma coluna de fumaça preta fumegando sobre os telhados e cabos telefônicos. Era o meu quarto que pegara fogo; estavam lá minhas roupas, meus apetrechos, todos os meus recursos, na verdade, exceto meu talão de cheques e os três volumes de diários que esperavam por mim na Great Portland Street. Em chamas! Eu havia queimado todos os meus navios… se um dia alguém queimou os próprios navios, esse alguém fui eu! O lugar ardia em chamas."

O Homem Invisível fez uma pausa e pensou. Kemp espiava nervosamente pela janela.

— Sim? — disse o dono da casa. — Continue.

22

NO EMPÓRIO

— De modo que, em janeiro passado, com o princípio de uma nevasca no ar à minha volta, correndo o risco de ser denunciado pela neve quando ela se depositasse em mim, e exausto, resfriado, dolorido, inexprimivelmente desgraçado, além de apenas meio confiante em minha invisibilidade, dei início a essa nova vida a que agora estou obrigado. Eu não tinha onde me esconder, nenhum equipamento, nenhum outro ser humano no mundo em quem pudesse confiar. Revelar meu segredo teria sido me denunciar, me transformar em mero espetáculo, uma raridade em exposição. Não obstante, sentia-me tentado a abordar o primeiro passante e suplicar por sua clemência. Mas eu sabia o terror e a brutal crueldade que essa abordagem iria provocar. A rua não era lugar de fazer planos. Meu único objetivo deveria ser me abrigar da neve, cobrir meu corpo e me aquecer; e depois talvez conseguisse planejar algo. Mas até para mim, um homem invisível, as casas londrinas estavam trancadas, barradas e aferrolhadas, inexpugnavelmente.

"Eu tinha clara uma única coisa: a imagem fria e infeliz da nevasca e da noite. Então tive uma brilhante ideia. Virei numa das ruas que vão da Gower Street à Tottenham Court Road, e me vi diante da Omniums, o grande estabelecimento onde se pode comprar de tudo. Você conhece o lugar: carne, mantimentos em geral, roupas de cama e mesa, móveis, artigos de vestuário, até pinturas a óleo. É mais uma imensa e labiríntica coleção de lojas do que uma única loja. Imaginei lá encontrar as portas abertas, mas estavam fechadas. Eu ainda encarava a enorme entrada quando uma carroça estacionou ali fora e um homem de uniforme — você conhece o

tipo, com “Omniums” estampado no boné — escancarou a porta. Esgueirei-me para dentro e, caminhando pela loja — era um departamento onde vendiam fitas, luvas, meias de seda e esse tipo de coisa —, encontrei uma área mais espaçosa dedicada a cestas de piquenique e móveis de vime.

“Não me senti seguro ali, no entanto; as pessoas iam de um lado para outro, e rodeei sem descanso até chegar a uma imensa seção no andar de cima, que continha uma infinidade de camas e colchões. Escalando-os, enfim encontrei repouso em meio a uma enorme pilha de colchonetes de algodão dobrados. O lugar já estava iluminado e agradavelmente aquecido, por isso resolvi ficar onde estava, de olhos abertos para dois ou três grupos de vendedores e clientes que percorriam o local até o fim do expediente. Então eu poderia, pensei, roubar comida e roupas, além de inspecionar, disfarçado, outros recursos da loja, talvez até dormir em alguma cama. Esse me pareceu um plano interessante. Minha ideia era encontrar roupas que me disfarçassem, tornando-me uma figura aceitável, arranjar dinheiro, recuperar meus livros e meus pertences lá onde esperavam por mim, alugar um quarto algures e fazer planos para a realização completa das vantagens que minha invisibilidade me dava (eu ainda era otimista) sobre meus contemporâneos.

“A hora de fechar não demorou. Não devia ter passado mais de uma hora, desde que eu assumira meu posto sobre os colchonetes, quando reparei nas cortinas das vitrines sendo fechadas e os fregueses, acompanhados até a porta. Então um grupo de rapazes começou a arrumar, na maior algazarra, os produtos espalhados. Deixei minha toca enquanto as multidões iam embora e cuidadosamente adentrei as partes menos isoladas da loja. Fiquei muito surpreso ao ver como aqueles rapazes e moças arrumavam depressa os produtos à venda durante o dia. Todas as caixas de mercadoria, os tecidos pendurados, os ornamentos de renda, as bandejas de doces na seção de alimentos, as prateleiras cheias disso e daquilo, iam sendo recolhidas num estalo, arrumadas e guardadas em pequenos recipientes, e tudo o que não podia ser recolhido e guardado era coberto com um tecido

grosso como aniagem. Por fim, todas as cadeiras foram viradas sobre os balcões, deixando o piso livre. Imediatamente depois que esses jovens terminaram, foram logo na direção da porta com uma expressão animada, como raramente vi em um funcionário de loja antes. Então vieram outros tantos jovens espalhando serragem e trazendo baldes e esfregões. Precisei me esquivar para não ficar no caminho, e meu calcanhar machucado acabou se espetando na serragem. Por algum tempo, ao vagar pelos departamentos embalados e escurecidos, eu podia ouvir os esfregões em ação. Até que finalmente, cerca de uma hora ou mais depois que a loja havia sido fechada, escutei o som das portas sendo trancadas. O silêncio dominou o recinto e me vi percorrendo, sozinho, aquele vasto e intrincado labirinto de lojas, galerias e salões de exposição. O silêncio era grande; em determinado momento, lembro de passar perto de uma das entradas da Tottenham Court Road e ouvir o salto das botas dos passantes lá fora.

"Minha primeira visita foi ao local onde vendiam meias de seda e luvas. Estava escuro, tive uma dificuldade infernal de encontrar fósforos, os quais enfim achei na gavetinha do caixa. Agora precisava de uma vela. Tive de rasgar embrulhos e saquear uma série de caixas e gavetas, mas por fim consegui localizar o que queria; a etiqueta da caixa dizia 'ceroulas de lã' e 'camisetas de lã'. Depois fui atrás de meias, um cobertor grosso e, no setor de roupas, peguei calças, um paletó, um sobretudo e um chapéu mole, uma espécie de chapéu de padre com abas viradas para baixo. Começando a me sentir humano outra vez, meu pensamento seguinte foi comida.

"No andar de cima havia uma lanchonete, e lá consegui um pouco de carne fria. A cafeteira ainda estava cheia, então acendi o gás e aqueci a bebida, no geral com razoável competência. Depois disso, vasculhando o local em busca de mais cobertores (por fim tive de me contentar com uma pilha de edredons), encontrei uma seção de alimentos com muitos chocolates e frutas secas, mais até do que seria bom para mim, na verdade, e um pouco de borgonha branco. Ao lado disso, havia um departamento de brinquedos, o que me deu outra ideia brilhante. Encontrei alguns narizes

falsos, narizes postiços, você sabe, e pensei em usar óculos escuros. Mas a Omniums não tinha uma ótica. Meu nariz na verdade foi uma dificuldade, cheguei a pensar em pintá-lo. Mas essa inspiração fez meu pensamento divagar entre perucas, máscaras e coisas do gênero. Por fim, fui dormir sobre uma pilha de edredons, bem aquecido e confortável.

"Meus últimos pensamentos antes de dormir foram os mais agradáveis desde a minha transformação. Alcancei um estado de serenidade física, com reflexos em minha mente. Pensei que conseguiria escapar sem ser visto pela manhã, com minhas novas roupas, cobrindo meu rosto com papel de embrulho branco, e comprar, com o dinheiro que eu pegara, óculos e tudo o mais, assim completando meu disfarce. Entreguei-me a sonhos desordenados, envolvendo todas as coisas fantásticas que haviam acontecido naqueles últimos dias. Vi o judeuzinho feioso do meu senhorio vociferando; vi seus dois filhos olhando abismados e a velha encarquilhada de rosto torto perguntando por sua gata. Experimentei de novo a curiosa sensação de ver o retalho desaparecer e acabei na colina ao vento, diante da cova aberta de meu pai e do velho pastor de nariz entupido, que murmurava:

"— Tu és pó, e ao pó retornarás.

"— Você também — respondeu uma voz.

"E de repente eu estava sendo forçado em direção à cova. Relutei, berrei, implorei aos que haviam comparecido ao enterro, mas todos eles, feito zumbis, continuaram acompanhando o funeral; o velho padre também, ficou murmurando e espirrando durante a cerimônia. Então me dei conta de que era invisível e inaudível no sonho, que estava dominado por forças muito maiores. Relutei em vão, forçado até a beira da cova, o caixão retumbou, vazio, quando caí, e pás de terra foram lançadas sobre mim. Ninguém me atendia, ninguém se dava conta da minha presença. Fiz movimentos convulsivos e acordei.

"A pálida aurora londrina havia chegado, o lugar estava cheio de uma luz fria e cinzenta que se infiltrava pelas cortinas. Sentei-me e, por algum

tempo, não consegui identificar o amplo ambiente em que me encontrava, com seus balcões, suas pilhas de coisas enroladas, de colchas e almofadas, e suas pilastras de ferro. Então, conforme fui me lembrando, ouvi vozes de pessoas conversando.

"À distância naquele lugar, em algum departamento mais iluminado, onde as cortinas já tinham sido abertas, vi dois homens se aproximando. Atrapalhei-me ao ficar em pé, olhando em volta à procura de uma rota de fuga, mas ao fazê-lo o som dos meus movimentos chamou a atenção deles. Suponho que tenham visto meramente um vulto afastando-se rápida e silenciosamente.

"— Quem será? — exclamou um.

"— Parado aí! — berrou o outro.

"Disparei para trás de uma parede e dei de cara (mesmo sem tê-la, evidentemente!) com um rapagão magro e desengonçado de quinze anos. Ele gritou, eu o derrubei, passei correndo, virei em outro canto e, num feliz improviso, joguei-me atrás de um balcão. No momento seguinte, pés passaram correndo e ouvi vozes perguntando o que estava acontecendo, sugerindo umas às outras maneiras de me capturar, e gritando:

"— Todos os funcionários para as portas!

"Deitado no chão, senti meu coração saindo pela boca. Mas, por estranho que pareça, naquele momento não me ocorreu tirar a roupa, como deveria ter feito. Já estava decidido a fugir com elas, suponho, e obedeci a esse plano. Então, da minha perspectiva atrás do balcão, ouvi um berro:

"— Ele está aqui!

"Me levantei num salto e atirei uma cadeira, que rodopiou por sobre o balcão e acertou em cheio o tolo que havia gritado, dei meia-volta, trombei em outro ao contornar uma parede, deixando-o a girar sobre o próprio eixo, e corri escada acima. Este último se levantou, fez sinal de que avistara a caça e subiu correndo atrás de mim. No alto da escada havia uma pilha imensa daquelas coisas em forma de vaso… como se chama aquilo?"

— Potes artísticos? — sugeriu Kemp.

— Isso! Pois bem, virei o corpo no alto da escada e parei ali, tirei um pote da pilha e espatifei-o em sua cabeça estúpida quando ele chegou perto. A pilha inteira desabou, ouvi berros e passos apressados em toda parte. Numa disparada, alcancei a lanchonete, onde havia um homem de branco, feito um cozinheiro, que aderiu à perseguição. Fiz uma última curva desesperada e vi-me entre lampiões e ferragens. Fui para trás do balcão e aguardei meu cozinheiro; quando ele chegou, puxando a fila dos meus perseguidores, derrubei-o com um lampião. Lá se foi ele para o chão, enquanto eu me escondi de novo atrás do balcão e comecei a arrancar minhas roupas o mais depressa que podia. Sobretudo, paletó, calças e sapatos saíram fácil, mas toda camiseta de lã é justa como uma segunda pele. Ouvi mais homens chegando, meu cozinheiro estava quieto, deitado do outro lado do balcão, inconsciente ou apavorado demais para falar, e precisei dar o fora dali, feito um coelho caçado para fora de uma pilha de lenha.

"— Por aqui, policial! — ouvi alguém berrar.

"Encontrei-me de volta em meu conhecido departamento de camas e colchões, ao final de uma floresta de guarda-roupas. Corri por entre eles, me estiquei todo, arranquei a camiseta após infinitas tentativas e, quando me levantei, era um homem livre outra vez, ofegante e apavorado, no momento em que o policial e três dos funcionários da loja dobraram a esquina. Eles dispararam em direção à camiseta e às ceroulas, depois agarraram as calças.

"— Ele está largando o butim — disse um dos rapazes. — Ele tem que estar por aqui, em algum lugar.

"Mas não me encontraram de jeito nenhum.

"Fiquei parado assistindo à minha própria caçada por algum tempo, amaldiçoando o azar de perder as roupas. Então entrei na lanchonete, bebi

um pouco do leite que encontrei por lá e sentei junto à lareira para avaliar minha situação.

"Pouco depois entraram dois funcionários e começaram a conversar sobre o caso animadamente, como os dois paspalhos que eram. Ouvi um relato amplificado das minhas pilhagens e outras especulações sobre o meu paradeiro. Então comecei a fazer planos outra vez. A dificuldade intransponível do lugar, especialmente agora que todos estavam em alerta, era sair dele com algo roubado. Desci até o depósito para ver se por acaso haveria como fazer um embrulho e enviá-lo pelo correio, mas não consegui entender o sistema de postagem. Por volta das onze horas, com a neve já caindo derretida, estando o dia mais firme e um pouco mais quente que o anterior, decidi que seria impossível permanecer naquele empório e fui novamente para a rua, exasperado com minha falta de sucesso, tendo em mente apenas os mais vagos planos de ação."

23

NA DRURY LANE

— Mas você já deve ter percebido — acrescentou o Homem Invisível — a principal desvantagem da minha condição. Eu não tinha abrigo, nem roupa, pois me vestir era descartar toda a minha vantagem, fazer de mim algo estranho e terrível. Eu estava em jejum, pois comer, encher a barriga de material não assimilado, seria me tornar outra vez grotescamente visível.

— Não tinha pensado nisso — disse Kemp.

— Nem eu. E a neve me apontara outros perigos. Eu não podia sair ao ar livre com neve… ela cairia sobre meu corpo e me exporia aos outros. A chuva também me daria uma silhueta líquida, uma superfície reluzente de homem, feito uma bolha. E na neblina… eu viraria uma bolha mais difusa na neblina, uma superfície, uma cintilação úmida de humanidade. Sobretudo quando eu saía ao relento, no ar londrino, acumulava sujeira nos calcanhares, fuligem e poeira na pele. Não sabia quanto tempo levaria até que eu me tornasse visível também por isso. Mas tinha certeza de que não demoraria muito.

— Não em Londres, pelo menos.

— Penetrei nos cortiços da região da Great Portland Street, e vi-me no fim da rua onde me hospedara antes. Não fui por ali, por conta da multidão à meia distância, parada na frente das ruínas ainda fumegantes da casa que eu incendiara. Meu problema mais imediato consistia em arranjar roupas. O que fazer com meu rosto era uma incógnita. Foi quando encontrei, numa daquelas lojinhas que vendem de tudo (jornais, doces, brinquedos, artigos de papelaria, velhos bibelôs de Natal, e assim por diante), um arranjo de

máscaras e narizes. Percebi que o problema estava resolvido. Num estalo, divisei subitamente o caminho a seguir. Dei meia-volta, não mais a esmo, e parti, serpenteando para evitar os logradouros mais cheios, em direção às ruelas ao norte do Strand, pois sabia existirem, ainda que não exatamente onde, algumas lojas de figurinos naquela parte da cidade.

"O dia estava frio, com o vento fustigando as ruas que seguiam rumo ao norte. Caminhei depressa para evitar minha captura. Cada cruzamento era um perigo, cada passageiro uma coisa contra a qual estar alerta. Um sujeito que eu estava prestes a ultrapassar, no alto da Bedford Street, virou-se abruptamente e trombou comigo, mandando-me ao chão, quase sob as rodas de um cabriolé que passava. As pessoas no ponto dos veículos de aluguel concluíram que ele devia ter sofrido algum tipo de síncope. Tal encontrão me deixou tão nervoso que entrei no mercado de Covent Garden e fiquei algum tempo sentado, ofegante e trêmulo, num canto tranquilo, onde havia uma banca de violetas. Descobri que estava outra vez resfriado e precisei ir embora dali para que meus espirros não chamassem atenção.

"Por fim cheguei ao objetivo de minha busca, uma lojinha obscura, largada às moscas, numa viela perto da Drury Lane, cuja vitrine era cheia de robes de ouropel, bijuterias, perucas, chinelos, capuzes, capas e fantasias com estampas de dominó e fotografias de teatro. A loja era antiquada, baixa e escura, com quatro andares de uma casa erguendo-se sobre ela, escuros e desolados. Espiei pela vitrine e, não vendo ninguém lá dentro, entrei. A abertura da porta fez tocar um sino barulhento. Deixei a porta aberta e contornei um manequim para fantasias completamente nu, até chegar ao canto atrás de um espelho de chão. Por cerca de um minuto não veio ninguém. Então ouvi passos pesados se aproximando e um homem apareceu.

"Meus planos estavam agora perfeitamente nítidos. Eu me propunha a entrar na casa, me esconder no andar de cima, aguardar minha chance e, quando tudo estivesse em silêncio, revirar o lugar em busca de uma peruca, uma máscara, óculos, roupas, e ganhar o mundo, uma figura quiçá grotesca,

mas ainda assim apresentável. De passagem, eu decerto poderia roubar da casa todo dinheiro que me aparecesse.

"O homem que havia acabado de aparecer na loja era baixinho, magro, corcunda, monocelhudo, com braços compridos e pernas arqueadas muito curtas. Aparentemente, eu interrompera uma refeição. Ele mapeou a loja com um ar inquieto. Este deu lugar à surpresa, e depois à raiva, quando viu a loja vazia.

"— Malditos meninos! — praguejou.

Em seguida, foi até a rua e olhou para os dois lados. Tornou a entrar no minuto seguinte, chutou a porta da loja com desdém e voltou resmungando para a da casa.

"Adiantei-me para segui-lo, mas, ao ruído dos meus passos, ele estacou completamente. Fiz igual, admirado com a acuidade de sua audição. Ele bateu a porta na minha cara.

"Fiquei ali, hesitante. De repente ouvi seus passos voltando apressados, e a porta foi aberta outra vez. Ele continuou esquadrinhando a loja como alguém ainda não satisfeito. Resmungando consigo mesmo, espiou atrás do balcão e de uns móveis. Então parou, desconfiado. Como ele havia deixado a porta aberta, esgueirei-me para a área residencial.

"Cheguei a uma sala pequena, com poucos móveis e uma série de grandes máscaras a um canto. Sobre a mesa havia um café da manhã tardio, inacabado, e isso foi algo terrivelmente exasperante para mim, Kemp, sentir o cheiro daquele café e continuar vendo-o sentar e comer. E suas maneiras à mesa eram irritantes. Três portas davam naquela saleta, uma ia para o andar de cima e uma para o de baixo, mas estavam todas fechadas. Eu não podia sair do recinto enquanto ele estivesse ali; mal podia me mexer devido ao estado de alerta em que ele se encontrava, e uma corrente de ar batia em minhas costas. Segurei dois espirros a tempo.

"A qualidade espetacular das minhas sensações era nova e interessante, mesmo assim eu já estava profundamente cansado e irritado muito antes de

ele terminar de comer. Enfim o homem deu aquilo por encerrado, empilhou a louça barata na bandeja preta de lata onde estava o bule e, juntando as migalhas na toalha manchada de mostarda, levou tudo aquilo consigo. A carga impediu que fechasse a porta atrás de si (como sem dúvida teria feito; nunca vi alguém tão inclemente com as próprias portas), e o segui até uma cozinha e uma lavanderia subterrâneas, ambas muito sujas. Tive o prazer de assisti-lo começando a lavar a louça, mas então, achando inútil permanecer ali embaixo, e com o chão de tijolos frio sob meus pés, subi novamente a escada e sentei na poltrona do homem, diante da lareira. O fogo estava baixo; sem raciocinar direito, pus mais carvão. Esse ruído o atraiu imediatamente para cima, aonde chegou afogueado. Esquadrinhou o recinto e ficou por um triz de encostar em mim. Mesmo após essa inspeção, ele não se deu por satisfeito. Ficou parado no umbral e fez uma última vistoria antes de descer.

"Esperei uma eternidade na saleta, até que por fim ele subiu de novo e abriu a porta do andar de cima. Consegui me esquivar por pouco.

"No meio da escada, o homem estacou subitamente, de modo que quase tropecei no sujeito. Ele se virou bem diante de mim e apurou os ouvidos.

"— Eu seria capaz de jurar — ele disse.

"Sua mão peluda e comprida puxou o lábio inferior. Seus olhos subiram e desceram a escada. Então ele grunhiu e continuou subindo.

"Sua mão já estava na maçaneta quando parou de novo, com a mesma raiva intrigada no semblante. Ele ia se dando conta do ruído discreto de meus movimentos à sua volta. O sujeito devia ter uma audição diabolicamente sensível. De repente, ele se enfureceu:

"— Se houver alguém nesta casa… — exclamou, como um juramento, e deixou a ameaça pela metade.

"Ele enfiou a mão no bolso, não encontrou o que procurava e, passando correndo por mim, desceu ruidosa e belicosamente a escada. Mas eu não o segui. Sentei-me no topo dos degraus até que voltasse.

“Ele não demorou a chegar, ainda resmungando. Então abriu a porta e, antes que eu conseguisse entrar, bateu-a na minha cara.

“Resolvi explorar a casa, passando algum tempo nisso, tão silenciosamente quanto possível. O imóvel era muito antigo e decadente, úmido a ponto de o papel de parede descolar nos desvãos, e estava infestado de ratos. Algumas maçanetas pareciam emperradas e tive medo de girá-las. Diversos cômodos que inspecionei estavam sem mobília e outros, repletos de lenha cenográfica, comprada de segunda mão, concluí, por sua aparência. Num cômodo vizinho ao do proprietário encontrei uma montanha de roupas velhas. Comecei a vasculhar entre as roupas, mas esqueci, na minha avidez, da evidente sensibilidade de seus ouvidos. Escutei um passo cuidadoso e, ao olhar para cima, bem na hora, vi que ele espiava a pilha bagunçada com um revólver antigo na mão. Fiquei absolutamente imóvel enquanto ele observava, boquiaberto e desconfiado.

“— Só pode ter sido ela — disse o homem lentamente. — Desgraçada!

“Ele fechou a porta suavemente, em seguida ouvi a chave girando na fechadura. Então seus passos se afastaram. Percebi abruptamente que estava trancado ali dentro. Por um minuto, não soube o que fazer. Fiquei caminhando da porta até a janela, e vice-versa, até parar, perplexo. Um acesso de raiva me dominou. Mas resolvi inspecionar as roupas antes de mais nada, e na primeira tentativa derrubei algo de uma prateleira alta. Isso o trouxe de volta, mais sinistro do que nunca. Dessa vez ele realmente encostou em mim, saltou para trás espantado e parou, assombrado, no meio da sala.

“Então se acalmou um pouco.

“— Ratos — disse consigo mesmo, com os dedos sobre os lábios.

“O homem estava evidentemente um pouco assustado. Esgueirei-me discretamente para fora da sala, mas uma tábua do piso rangeu. Então o infernal baixote violento começou a percorrer toda a casa, de revólver na mão, trancando porta atrás de porta e guardando as chaves no bolso.

Quando me dei conta do que ele pretendia, tive um surto de fúria; não pude me conter o bastante para aguardar minha chance. A essa altura eu sabia que ele estava sozinho na casa, e assim, sem maiores considerações, abati-o com uma paulada na cabeça."

— Uma paulada na cabeça? — exclamou Kemp.

— Sim… ele desmaiou enquanto descia a escada. Apliquei-lhe um golpe por trás, com um banco de madeira que ficava no vão intermediário da escada. Ele rolou degraus abaixo feito um saco de botas velhas.

— Mas ora essa! Nem os princípios fundamentais de humanidade…

— Podem perfeitamente valer para as pessoas comuns. Mas lembre-se, Kemp, eu precisava sair daquela casa disfarçado, sem que ele me visse. Não consegui pensar em nenhuma outra maneira de fazê-lo. Então amordacei o sujeito com um colete Luís XIV e o amarrei dentro de um lençol.

— Amarrou dentro de um lençol!

— Fiz uma espécie de saco. Foi uma boa ideia para manter o idiota quieto e apavorado, pois é infernal conseguir sair… se os cordões que amarram o saco por fora estão nos seus pés. Meu caro Kemp, de nada adianta você ficar aí me olhando como se eu fosse um assassino. Era o que precisava ser feito. Ele possuía um revólver. Se me visse uma vez apenas, conseguiria me descrever para…

— Mas ainda assim — disse Kemp —, em plena Inglaterra… nos dias de hoje. E o sujeito estava dentro da própria casa, e você estava… bem, roubando a casa dele.

— Roubando?! Que idiotice! Só falta você me chamar de ladrão! Vamos, Kemp, você não é tolo de querer dançar de acordo com a velha cantilena. Não entende minha posição?

— Entendo a posição dele também — rebateu Kemp.

O Homem Invisível adotou um tom brusco:

— O que você quer dizer com isso?

O semblante de Kemp enrijeceu um pouco mais. Ia dizer alguma coisa, mas se deteve.

— Imagino, enfim — disse ele, em súbita mudança de tom —, que você tenha feito o que precisava ser feito. Era uma sinuca de bico. Mas ainda assim…

— Claro que era uma sinuca, uma sinuca infernal. E ele me tirou do sério também, ao me caçar pela casa, balançando aquele revólver, trancando e destrancando portas. Era um sujeito simplesmente exasperante. Você não me culpa, não é? Não me acha culpado, não é?

— Nunca culpo ninguém — disse Kemp. — Que coisa mais fora de moda… E o que você fez em seguida?

— Eu estava faminto. Desci e encontrei pão e um queijo fedorento; mais do que o necessário para matar minha fome. Bebi um pouco de conhaque, de água, e depois subi, deixando ali meu saco improvisado, que jazia perfeitamente imóvel, até o quarto onde estavam as roupas velhas. Lá, a janela dava para a rua, protegida por duas cortinas de renda, tão sujas que eram marrons. Aproximei-me e espiei pelas frestas. O dia lá fora estava claro, ofuscantemente claro, contrastando com as sombras foscas daquela casa tristonha. O trânsito fluía rápido, carroças de frutas, um cabriolé, uma charrete cheia de caixas, a carrocinha do peixeiro. Com manchas coloridas e flutuantes ofuscando meus olhos, voltei-me para os móveis soturnos às minhas costas. Minha excitação foi dando lugar a uma clara angústia quanto à minha situação outra vez. Na sala havia um cheiro discreto de benzina, usada, segundo supus, para limpar os figurinos.

“Iniciei uma busca sistemática no local. Calculei que o corcunda morava sozinho naquela casa havia algum tempo. Era uma pessoa peculiar. Tudo o que me poderia ser útil, reuni no quarto de roupas, então fiz uma última seleção. Encontrei uma bolsa cuja posse me pareceu conveniente, mais um pouco de pó, ruge e esparadrapos.

“Eu havia pensado em pintar e empoar o rosto e tudo o mais que aparecesse do meu corpo, a fim de me tornar visível, mas a desvantagem disso estava no fato de que eu precisaria de terebintina e outros recursos, além de bastante tempo, para sumir outra vez. Então escolhi o melhor tipo de máscara que havia ali, ligeiramente grotesca, mas não mais do que muitos seres humanos; óculos escuros, suíças grisalhas e uma peruca. Não encontrei roupas de baixo, mas isso eu poderia comprar depois, e por enquanto me cobri com uma fantasia de dominó, feita de calicô, dotada de capa e máscara, e alguns cachecóis brancos de caxemira. Também não encontrei meias, mas as botas do corcunda eram macias e isso bastava. Em uma escrivaninha da loja havia três soberanos e cerca de trinta xelins de prata, e dentro de um armário trancado, cuja porta interna arrombei, havia oito libras de ouro. Eu podia então voltar ao mundo, mais bem equipado.

“Então me veio uma curiosa hesitação. Será que minha aparência era mesmo crível? Analisei-me em um pequeno espelho de alcova, inspecionando-me por todos os pontos de vista para ver se esquecera de cobrir alguma parte, mas tudo parecia funcionar. Eu atingira um grotesco teatral, o típico excêntrico de opereta, mas seguramente não era uma impossibilidade física. Ganhando confiança, desci com esse espelho até a loja, fechei as cortinas e fiquei me olhando por todos os ângulos com a ajuda do espelho de cavalete que ficava no canto.

“Após alguns minutos tomando coragem, abri a porta da loja e saí pela rua, deixando que o baixote dentro do saco se soltasse quando bem entendesse. Em cinco minutos, uma dúzia de esquinas ficou entre mim e a loja do figurinista. Ninguém parecia prestar muita atenção em mim. Minha última dificuldade me pareceu superada.”

Ele fez outra pausa.

— E você não se preocupou mais com o corcunda? — perguntou Kemp.

— Não — disse o Homem Invisível. — Nem soube o que aconteceu com ele. Imagino que tenha se desamarrado ou obtido a liberdade por meio de chutes. Os nós estavam bem apertados.

Ele se calou, foi até a janela e espiou lá fora.

— O que aconteceu quando você saiu no Strand?

— Oh, nova desilusão! Pensei que meus problemas estavam terminados. Na prática, julguei ter impunidade para fazer tudo o que bem entendesse, tudo menos revelar meu segredo. Era o que eu imaginava. Qualquer coisa que eu fizesse, quaisquer que fossem as consequências de meus atos, nada tinha importância para mim. Bastava jogar de lado meu disfarce e sumir. Ninguém conseguiria me deter. Eu podia conseguir dinheiro onde o encontrasse. Resolvi me conceder um suntuoso banquete, depois hospedar-me em um bom hotel e acumular um novo equipamento próprio. Sentia-me incrivelmente confiante; não é nada agradável lembrar o verdadeiro asno que fui. Entrei num estabelecimento e já estava pedindo o almoço quando me ocorreu que não poderia comer sem expor meu rosto invisível. Terminei de fazer o pedido, disse ao garçom que voltaria em dez minutos e saí exasperado. Não sei se você já experimentou uma frustração de apetite.

— Nada assim tão grave — admitiu Kemp —, mas posso imaginar.

— Eu poderia ter esmagado aqueles pobres demônios idiotas. Por fim, desmaiando de desejo por uma boa comida, fui a outro estabelecimento e pedi um cômodo reservado.

"— Fiquei desfigurado — expliquei. — Gravemente.

"Eles me olharam com curiosidade, mas evidentemente aquilo não lhes dizia respeito, e finalmente consegui almoçar. Não era muito bem servido, mas foi o suficiente. Depois de comer, acendi um charuto, tentando planejar nova linha de ação. Do lado de fora, começou uma tempestade de neve.

"Quanto mais eu pensava naquilo, Kemp, mais claramente me dava conta do total absurdo de ser um homem invisível, sobretudo em um clima tão frio e sujo, em uma cidade civilizada e tão populosa. Antes de fazer esse louco experimento, eu havia sonhado com milhares de vantagens. Nessa tarde, todas pareceram pura decepção. Fui direto ao ápice das coisas que os homens consideram desejáveis. Sem dúvida a invisibilidade tornou possível

obtê-las, mas tornou impossível desfrutá-las quando alcançadas. Ambição… de que vale o orgulho de ocupar uma alta posição se você não pode aparecer? De que vale o amor de uma mulher se seu nome é Dalila? Não gosto de política, das intrigas da fama, de filantropia, nem de esporte. O que eu podia fazer? Acabei me tornando um mistério enfaixado, uma caricatura amortalhada de homem!"

Ele fez uma pausa, dando a entender que espiava pela janela.

— Mas como você foi parar em Iping? — perguntou Kemp, disposto a manter seu hóspede falando.

— Fui trabalhar lá. Não tinha uma única esperança. Foi uma vaga ideia! Ainda a tenho. É uma ideia completa agora. Uma maneira de voltar! De desfazer o que eu havia feito. Quando eu bem entendesse. Depois de fazer tudo o que eu, com minha invisibilidade, pretendia fazer. E é principalmente sobre isso que eu queria falar agora.

— Você foi diretamente a Iping?

— Sim. Para desenvolver essa minha ideia, eu só precisava pegar meus três volumes de diários, meu talão de cheques, minha bagagem, minhas roupas íntimas e encomendar uma determinada quantidade de produtos químicos — vou lhe mostrar meus cálculos assim que recuperar meus livros —, e então começou. Céus! Ainda me lembro da nevasca que estava caindo e o incômodo desgraçado de evitar que a neve caísse no meu nariz postiço.

— Por fim — disse Kemp —, anteontem, quando eles o encontraram, você já tinha… a julgar pelo que dizem os jornais…

— Eu tinha. De fato. Eu matei aquele policial idiota?

— Não — respondeu Kemp. — Ele vai se recuperar.

— Ele teve sorte, então. Eu claramente perdi a paciência, que idiotas! Por que não me deixaram em paz? E aquele brutamontes do quitandeiro?

— Parece que não vai morrer ninguém — acrescentou Kemp.

— Não sei o paradeiro daquele meu vagabundo — disse o Homem Invisível, com uma gargalhada desagradável. — Céus, Kemp, você não sabe o que é sentir raiva! Trabalhar por anos a fio, planejando e tramando, então aparecer um idiota em seu caminho! Toda sorte de criatura estúpida jamais criada que você puder imaginar foi enviada para me atrapalhar. Se eu encontrar mais gente assim, vou virar bicho… acho que vou começar a moê-los de pancada. No meu caso, eles tornaram tudo mil vezes mais difícil.

— Sem dúvida, é exasperante — disse Kemp, secamente.

24

O PLANO QUE FRACASSOU

— Mas e agora — perguntou Kemp, desviando o olhar da janela —, o que nós vamos fazer?

Ele foi se aproximando de seu hóspede enquanto falava, de modo a impedi-lo de vislumbrar os três homens que vinham subindo a rua íngreme, com uma lentidão que a Kemp parecia insuportável.

— O que você tinha em mente quando veio a Port Burdock? Você tinha algum plano?

— Meu plano era fugir do país. Mas mudei de ideia depois que o encontrei. Acho que o mais sensato, agora que o tempo está bom e a invisibilidade é possível, seria ir para o sul. Especialmente depois que o meu segredo foi revelado e todo mundo está atento para qualquer sujeito de máscara e enfaixado. De lá partem navios para a França. Minha ideia era pegar um vapor e correr o risco da travessia. Quando chegasse, eu poderia ir de trem até a Espanha, ou talvez até a Argélia. Não seria difícil. Lá um homem pode ficar sempre invisível e ainda assim viver, fazer coisas. Eu estava usando aquele vagabundo como cofre e carregador de bagagem até decidir como recuperar meus livros e as coisas que eu enviara para mim mesmo.

— Isso ficou claro.

— Então esse bronco imundo resolveu se arriscar e me roubar! Ele escondeu os meus livros, Kemp. Escondeu meus livros! Ah, quando eu apanhá-lo…!

— O melhor plano seria antes recuperar os livros que estão com ele.

— Mas onde ele está? Você sabe?

— Ele está na delegacia, preso, a pedido dele mesmo, na cela mais segura do lugar.

— Cachorro! — xingou o Homem Invisível.

— Mas isso atrasará um pouco os seus planos.

— Precisamos daqueles livros; aqueles livros são vitais.

— Sem dúvida — disse Kemp, um tanto nervoso, imaginando se o outro não teria ouvido passos lá fora. — Sem dúvida, precisamos daqueles livros. Mas não será difícil, se ele não souber que são para você mesmo.

— Não — concordou o Homem Invisível, e ficou pensando.

Kemp tentou pensar em alguma coisa para continuar a conversa, mas o Homem Invisível retomou a palavra por vontade própria.

— Quando cheguei à sua casa, Kemp — ele disse —, todos os meus planos mudaram. Pois você é um homem capaz de entender as coisas. Apesar de tudo o que aconteceu, apesar dessa publicidade toda, da perda dos meus livros, de tudo o que sofri, ainda existem grandes possibilidades, imensas possibilidades…

Então ele perguntou abruptamente:

— Você não contou a ninguém que estou aqui, não?

Kemp hesitou e disse:

— Estava implícito que era segredo.

— Ninguém mesmo? — insistiu Griffin.

— Nem uma alma.

— Ah! Pois então…

O Homem Invisível se levantou e, arqueando os braços com as mãos na cintura, começou a caminhar pelo escritório.

— Cometi um erro, Kemp, um erro enorme, ao fazer tudo isso sozinho. Desperdicei forças, horas e oportunidades. Sozinho… é incrível como um

homem só pouco é capaz de fazer! Consegue roubar pouco, ferir pouco, e para por aí.

"O que eu queria, Kemp, era um homem de retaguarda, um ajudante e um esconderijo, combinação esta que me permitiria dormir, comer e descansar em paz, sem despertar nenhuma suspeita. Eu preciso de um aliado. Com um aliado, comida e descanso, mil coisas são possíveis.

"Até aqui esbocei as linhas gerais. Mas precisamos considerar todas as vantagens que a invisibilidade traz e todas as que ela não traz. Ela não traz a vantagem de bisbilhotar as conversas alheias e coisas assim, pois até o invisível faz barulho. Traz uma pequena vantagem, não mais que isso, para invadir casas e coisas do gênero. Afinal, uma vez que eu fosse capturado, facilmente poderia ser levado para trás das grades. Por outro lado, sou difícil de apanhar. A invisibilidade, na verdade, só é boa em dois casos: é útil na fuga e na abordagem. É especialmente útil, portanto, para matar. Posso rodear um homem, tenha ele a arma que tiver, escolher o alvo e golpear ao meu bel-prazer. Posso desviar dele como bem entender. E fugir quando quiser."

A mão de Kemp coçou o bigode. Que movimentação era aquela lá embaixo?

— E precisaremos matar, Kemp.

— Precisaremos matar! — alarmou-se Kemp. — Estou escutando o seu plano, Griffin, só não estou concordando, se você me permite. Por que matar?

— Não o assassinato despropositado, mas o sacrifício criterioso. A questão é que eles sabem que existe um homem invisível, tanto quanto nós sabemos que existe um homem invisível. E esse homem invisível, Kemp, deve agora fundar um Reinado do Terror. Sim, sem dúvida é chocante. Mas estou falando sério. Um Reinado do Terror. Ele deve tomar uma cidade como a sua Burdock e aterrorizá-la, dominá-la. Deve promulgar suas leis. Ele pode fazer isso de mil maneiras, mas passando papéis por debaixo das

portas deve bastar. E ele deverá matar todo aquele que desobedecer a suas ordens e matar também todos que o defenderem.

— Humpf! — reagiu Kemp, distraindo-se de Griffin ao ouvir o som da porta da frente abrindo e fechando.

Então, para disfarçar a falta de atenção, ele acrescentou:

— Me parece, Griffin, que seu aliado teria de assumir uma posição bastante difícil.

— Ninguém saberá que ele é meu aliado — disse logo o Homem Invisível.

E então, subitamente:

— Silêncio! O que foi isso?

— Não foi nada — disfarçou Kemp, de repente começando a falar alto e depressa. — Não concordo com isso, Griffin. Entenda, não posso concordar com isso. Por que jogar contra a própria raça humana? Como espera alcançar a felicidade assim? Não seja um lobo solitário. Publique seus resultados; confie mais no mundo, ou pelo menos em nosso país. Pense no que você pode fazer com a ajuda de um milhão de pessoas…

O Homem Invisível o interrompeu, erguendo o braço.

— São passos subindo a escada — disse, em voz baixa.

— Impossível — negou Kemp.

— Deixe-me ver — desafiou o Homem Invisível, e avançou, de braço estendido, até a porta.

Então as coisas aconteceram muito depressa. Kemp hesitou por um segundo e de repente tentou interceptá-lo. O Homem Invisível teve um sobressalto e subitamente ficou imóvel.

— Traidor! — exclamou a Voz, e de repente o robe se abriu, e, sentando-se, o Oculto começou a se despir.

Kemp deu três passos rápidos até a porta, e logo o Homem Invisível, com suas pernas já invisíveis, ficou de pé e deu um berro. Kemp escancarou

a porta.

Quando ela se abriu, veio um som de passos apressados e vozes lá de baixo. Com um movimento rápido, Kemp empurrou o Homem Invisível, desviou-se dele e bateu a porta. A chave estava do lado de fora, a postos. Mais um instante e Griffin teria ficado preso no escritório do belvedere. Exceto por um pequeno detalhe. A chave havia sido posta na fechadura às pressas naquela manhã. Quando Kemp bateu a porta, ela caiu no tapete.

O rosto de Kemp ficou branco. Ele tentou segurar a maçaneta com as duas mãos. Por um momento, ficou ali fazendo força. Então a porta cedeu quinze centímetros. Mas ele conseguiu fechá-la de novo. Da segunda vez, ela se entreabriu quase trinta centímetros, e o robe se enfiou pela fresta. Kemp teve o pescoço agarrado por dedos invisíveis e soltou a maçaneta para se defender. Foi empurrado, tropeçou e caiu pesadamente na beira da escada. O robe vazio foi jogado em cima dele.

Na metade da escada, estava o coronel Adye, destinatário da carta de Kemp, chefe de polícia em Burdock. Ele fitava perplexo a súbita aparição de Kemp, seguida da extraordinária visão de roupas flutuando no ar. Ele viu Kemp caído, depois se levantando. E o viu avançar outra vez e ser novamente derrubado, até desabar feito um boi abatido.

Então subitamente o coronel foi atingido com violência. Pelo nada! Foi como se um peso enorme lhe saltasse em cima, e ele foi arremessado degraus abaixo, por um punho em seu pescoço e um joelho em sua virilha. Um pé invisível marchou em suas costas, um sapatear fantasmagórico desceu a escada, ele ouviu os dois policiais na entrada gritarem, saírem correndo e a porta da rua bater violentamente.

O coronel rolou pelo chão, sentou e ficou observando. Viu Kemp, cambaleando escada abaixo, sujo e desmazelado, com um dos lados do rosto branco devido a uma pancada, os lábios sangrando e segurando uma espécie de conjunto de robe cor-de-rosa e ceroulas.

— Meu Deus! — exclamou Kemp. — Nossa caça escapou! Ele fugiu!

25

A CAÇA AO HOMEM INVISÍVEL

POR ALGUM TEMPO, a narrativa de Kemp foi confusa demais para Adye entender a rapidez com que as coisas haviam acontecido. Os dois ficaram ali parados, no intervalo da escada, Kemp falando sem parar, com o robe grotesco de Griffin pendurado no braço. Até que Adye começou a captar alguma coisa e a se inteirar da situação.

— Ele está louco — disse Kemp —, desumano. Está que é puro egoísmo. Só pensa nas próprias vantagens, na própria segurança. Ouvi cada história esta manhã, dessa brutal fixação nos próprios interesses… Ele feriu pessoas. Chegará a matar, se não o impedirmos. Ele irá provocar o pânico. Nada poderá detê-lo. Ele está solto agora… e furioso!

— Ele será preso — afirmou Adye. — Isso é certo.

— Mas como? — exclamou Kemp, e de repente se viu cheio de ideias. — Você deve agir imediatamente. Posicione todos os seus homens; evite que ele saia deste bairro. Se escapar, poderá fugir livremente pelo interior, causando morte e destruição. Ele sonha com um reinado de terror! Um reinado de terror, é o que estou lhe dizendo. Você precisa determinar a vigilância de trens, estradas e portos. O exército deve intervir. Envie um telegrama pedindo ajuda. A única coisa que o prende aqui é recuperar seus livros de notas, valiosos para ele. Precisava mesmo lhe dizer isso! Há um sujeito na sua delegacia, Marvel…

— Eu sei — atalhou Adye. — Eu sei. São os tais livros, sim. Mas o vagabundo…

— Diz que não está com os livros. Mas ele acha que o vagabundo está. E você deve impedir que ele coma e durma; devemos estar dia e noite prevenidos. Toda comida deve ser trancada e protegida, qualquer alimento, de modo que ele precise arrombar portas para conseguir comer. Todas as casas devem ser trancadas e bloqueadas. Que Deus nos dê noites bem frias e chuvosas! Toda a zona rural deve começar a caçada e continuar caçando. Estou lhe dizendo, Adye, ele é um perigo, um desastre; se não for detido e preso, é assustador pensar no que pode acontecer.

— O que mais podemos fazer? — perguntou Adye. — Vou imediatamente para a delegacia, começar a organizar tudo. Mas por que você não vem também? Sim, venha comigo! Vamos, precisamos reunir uma espécie de conselho de guerra; vamos pedir a ajuda de Hopps e dos gerentes da ferrovia. Céus! É urgente. Venha comigo e vá me contando no caminho. O que mais podemos fazer? Ponha tudo por escrito.

Adye, sem demora, abriu caminho escada abaixo, conduzindo Kemp. Eles encontraram a porta da frente aberta e os policiais parados do lado de fora, olhando para o nada.

— Ele fugiu, senhor — anunciou um deles.

— Devemos ir já para a delegacia — comandou Adye. — Um de vocês vá na frente e consiga um cabriolé para nos buscar, depressa. E agora, Kemp, o que mais?

— Cães — instruiu Kemp. — Traga cães. Eles não o veem, mas o farejam. Arranje alguns cães.

— Muito bem — disse Adye. — Não é todo mundo que sabe, mas os carcereiros da prisão em Halstead conhecem um sujeito que tem perdigueiros. Cães. E o que mais?

— Tenha sempre em mente — alertou Kemp — que a comida aparece nele. Depois de comer, a comida aparece até ser digerida. De modo que ele precisa se esconder depois de toda refeição. Continue com as buscas. Cada moita, cada recanto silencioso. E não deixe nenhuma arma à vista, ou nada

que possa ser usado como arma. Ele não pode carregar essas coisas muito tempo. E tudo o que puder usar para bater em alguém deve ser recolhido.

— Outra boa ideia — concordou Adye. — Dentro em breve, ele estará preso!

— E sobre as ruas… — balbuciou Kemp, hesitante.

— Sim? — disse Adye.

— Pó de vidro — sugeriu Kemp. — É cruel, eu sei. Mas pense no que ele pode fazer!

Adye inspirou por entre os dentes.

— Isso é jogo sujo. Não sei. Mas deixarei o pó de vidro à mão. Se ele for longe demais…

— O sujeito se tornou desumano, estou lhe dizendo — repetiu Kemp. — Tenho certeza de que fundará seu reinado de terror, assim que se recuperar do alvoroço dessa fuga. Isso é tão certo quanto o fato de eu estar falando com você. Nossa única chance é nos anteciparmos a ele. Ele se excluiu da própria espécie. Será responsável pelo próprio sangue derramado sobre sua cabeça.

26

O ASSASSINATO DE WICKSTEED

O HOMEM INVISÍVEL parece ter saído correndo da casa de Kemp num estado de fúria cega. Uma criancinha que brincava perto do portão foi atingida em cheio e derrubada, de modo que fraturou o tornozelo, e depois disso, por algumas horas, ele desapareceu de qualquer percepção humana. Ninguém sabe aonde foi ou o que fez. Mas pode-se perfeitamente imaginá-lo correndo pela quente manhã de junho, subindo a colina e descendo pelo vale aberto atrás de Port Burdock, esbravejando desesperado contra a própria sina insuportável e se abrigando por fim, suado e exausto, nos bosques de Hintondean, para tramar novamente planos disparatados contra seus semelhantes. Aquele parecia ser o refúgio mais provável para ele, pois foi ali que reapareceu, de maneira sombria e trágica, por volta das duas da tarde.

É interessante pensar qual seu estado de espírito durante esse tempo, e que planos teria craniado. Sem dúvida, ele ficou quase absolutamente exasperado com a traição de Kemp, e embora possamos entender os motivos que a provocaram, podemos também imaginar e até nos solidarizar um pouco com a fúria que a tentativa de surpreendê-lo deve ter ocasionado. Talvez algo da perplexidade atordoada de suas experiências na Oxford Street tenha lhe voltado, pois evidentemente contava com a cooperação de Kemp em seu sonho brutal de aterrorizar o mundo. De todo modo, ele desapareceu da percepção humana a partir do meio-dia, e não há qualquer testemunha capaz de dizer o que ficou fazendo até as duas e meia. Foi melhor assim, talvez, para a humanidade, mas para ele foi uma inércia fatal.

Nesse ínterim, foi se espalhando por toda a zona rural uma multidão de homens ocupados. Pela manhã, ele ainda era apenas uma lenda, um terror; à tarde, principalmente graças à frontal denúncia de Kemp, ele se tornou conhecido como um antagonista tangível, a ser atacado, capturado e derrotado, e a zona rural começou a se organizar com uma velocidade inacreditável. Até as duas da tarde ele podia ter conseguido fugir do distrito, tomando o primeiro trem, mas depois das duas isso seria impossível. Os passageiros de todas as linhas, num grande paralelogramo formado por Southampton, Manchester, Brighton e Horsham, viajaram de portas trancadas, e o transporte de mercadorias foi quase inteiramente suspenso. E num raio de uns trinta quilômetros ao redor de Port Burdock, grupos de três ou quatro batedores, armados com revólveres e porretes, além de cães, saíram vasculhando estradas e campos.

Policiais montados percorreram as estradas secundárias, parando em todas as choupanas, alertando as pessoas a trancarem suas casas e a não saírem de lá exceto armadas. Todas as escolas interromperam as aulas às três da tarde e as crianças, assustadas e reunidas em grupos, já estavam rapidamente a caminho de casa. A denúncia de Kemp — a bem dizer, assinada por Adye — foi transmitida praticamente por todo o distrito até por volta das quatro ou cinco da tarde. Ela mencionava, breve porém claramente, as regras essenciais do combate, a necessidade de privar o Homem Invisível de alimento e sono, a necessidade de incessante vigília e diligente atenção para qualquer evidência de seus movimentos. A ação das autoridades se deu de forma tão expedita e resoluta, tão rápida e disseminada foi a crença nesse estranho ser, que antes de cair a noite uma área de centenas de quilômetros já estava em efetivo estado de sítio. Também antes do anoitecer um calafrio de horror percorreu todo o povo atento e nervoso da região. Sussurrada ao pé do ouvido, de boca em boca, veloz e certeira pelos quatro cantos da zona campestre, correu a história do assassinato do sr. Wicksteed.

Se nossa suposição é de que o Homem Invisível refugiou-se nos bosques de Hintondean, então devemos supor que no início da tarde ele se arriscou a sair novamente, dedicado a algum projeto que envolvia o uso de uma arma. Não temos como saber que projeto seria, mas as evidências de que ele já estava com uma barra de ferro em mãos, antes de encontrar Wicksteed, pelo menos a mim parecem avassaladoras.

Evidentemente, não há como saber detalhes desse encontro. Mas ele ocorreu à beira de uma mina de cascalho, a menos de duzentos metros da entrada da propriedade de lorde Burdock. Tudo aponta para uma luta desesperada — as marcas no chão, os diversos ferimentos do sr. Wicksteed e sua bengala quebrada —, mas, além de um surto homicida, é impossível imaginar outro motivo para o ataque. A bem dizer, a teoria da loucura é quase inevitável. O sr. Wicksteed era um sujeito de quarenta e cinco, quarenta e seis anos, assessor direto de lorde Burdock, de hábitos e aparência inofensivos, a última pessoa no mundo capaz de provocar antagonista tão terrível. Contra ele, aparentemente, o Homem Invisível teria utilizado um pedaço de ferro arrancado de uma cerca quebrada. Ele deteve esse homem pacato, que voltava tranquilo para almoçar em casa, atacou-o, venceu suas pobres defesas, quebrou seu braço, derrubou-o e esmagou sua cabeça até transformá-la em geleia.

Claro, ele deve ter tirado essa barra da cerca antes de encontrar sua vítima, devia estar andando com aquilo na mão. Apenas dois detalhes, além do que já foi apurado, parecem ser relevantes no caso. Um é a circunstância de a mina de cascalho não ficar no caminho do sr. Wicksteed para casa, exigindo um desvio de cerca de cem metros. Outro é a afirmação de uma garotinha de que, ao caminhar para a escola à tarde, viu a vítima “trotando” de modo peculiar, através do campo, na direção da mina. A mímica de seus movimentos sugere um homem perseguindo algo no chão diante de si e batendo sucessivamente com a bengala no ar. Ela foi a última pessoa a vê-lo vivo. Ele saiu do campo de visão da garotinha para a morte, a luta ficando escondida atrás de um bosque de faias e de uma leve depressão do terreno.

Ora, isso, ao menos no entendimento do presente escritor, coloca tal assassinato fora do domínio do completamente acidental. Podemos imaginar Griffin arrancando a barra da cerca, de fato, mas sem nenhuma intenção dolosa de usá-la para matar alguém. Wicksteed pode então ter vindo e reparado nessa barra se mexendo inexplicavelmente pelo ar. Sem sequer pensar no Homem Invisível, pois Port Burdock fica a uns quinze quilômetros de distância, ele pode ter começado a persegui-la. É perfeitamente plausível que nunca tivesse ouvido falar no Homem Invisível. Pode-se imaginar o Homem Invisível fugindo, discretamente, para evitar que descobrissem sua presença na região, e Wicksteed, entusiasmado e curioso, indo atrás daquele objeto que se movia sem explicação e finalmente tentando golpeá-lo.

Sem dúvida, em circunstâncias normais, o Homem Invisível conseguiria facilmente despistar seu perseguidor de meia-idade, mas a posição em que o corpo de Wicksteed foi encontrado sugere que ele teve o azar de encurralar sua presa num canto, entre a moita de urtigas e a mina de cascalho. Para aqueles já cientes da irritabilidade extraordinária do Homem Invisível, o resto do encontro é fácil de imaginar.

Mas isso é uma mera hipótese. Como únicos fatos inegáveis — pois as histórias contadas por crianças muitas vezes não são confiáveis — temos a descoberta do corpo de Wicksteed, surrado até a morte, e da barra de ferro ensanguentada entre as urtigas. O abandono da barra por Griffin sugere que, no frenesi do momento, sua intenção ao pegá-la — se é que tinha um propósito — foi abandonada. Ele era decerto um homem intensamente egoísta e insensível, mas a visão de sua vítima, sua primeira vítima, sangrando impotente a seus pés, deve ter libertado um jorro de remorsos longamente reprimidos, que por algum tempo afogaram o plano de ação que havia tramado.

Após o assassinato do sr. Wicksteed, ele aparentemente atravessou o campo até o fundo do vale. Dizem que uma voz foi ouvida ao entardecer, por dois homens que trabalhavam em um campo perto de Fern Bottom. A

voz chorava e ria, soluçava e gemia, e berrava sem parar. Deve ter sido estranho ouvir aquilo. Ela se deslocou até um campo de trevos e morreu na direção das colinas.

Naquela tarde, o Homem Invisível deve ter aprendido algo sobre o rápido destino que Kemp deu às suas confidências. Há de ter encontrado as casas trancadas e protegidas; tentado a sorte nas estações de trem e rondado as pensões; e sem dúvida leu a denúncia, compreendendo a espécie de campanha movida contra ele. Conforme a noite foi caindo, os campos ficaram pontilhados, com grupos de três ou quatro homens, e barulhentos, graças aos latidos dos cães. Esses caçadores de gente tinham instruções específicas, caso o encontrassem, sobre como deveriam se apoiar mutuamente. Mas ele evitou a todos. Podemos compreender parte de sua exasperação, e não poderia ter sido diferente, porque ele próprio fornecera a informação que estava sendo impiedosamente usada contra sua pessoa. Ao menos naquele dia, a coragem lhe faltou; durante quase vinte e quatro horas, exceto ao atacar Wicksteed, foi um homem caçado. À noite, deve ter comido e dormido; pois, pela manhã, estava outra vez recuperado, ativo, forte, irritado e maligno, preparado para sua última luta contra o mundo.

27

O CERCO À CASA DE KEMP

KEMP LEU UM ESTRANHO recado, escrito a lápis sobre um papel encerado. Dizia a carta:

> Você foi incrivelmente diligente e sagaz, mas não consigo imaginar o que ganhará com isso. Você está contra mim. Durante um dia inteiro me caçou; tentou me roubar uma noite de sono. Mas apesar de você consegui comer, apesar de você dormi, e a caçada está apenas começando. A caçada só começou. Não há mais nada a fazer, senão dar início ao Terror. Isto anuncia o primeiro dia do Terror. Port Burdock já não está sob o poder da Rainha, avise seu coronel da polícia e o resto de seus cidadãos; ela está sob o meu poder, o do Terror! Este é o primeiro dia do primeiro ano de uma nova época: a era do Homem Invisível. Sou Homem Invisível I, o primeiro. Para começar, minha lei será fácil. No primeiro dia haverá uma execução, para dar o exemplo, a de um homem chamado Kemp. A morte para ele começa hoje. É melhor que se esconda, que se tranque, que se proteja, vista uma armadura se quiser — a Morte, a Morte nunca vista, vem aí. Ele que tome as devidas precauções; isso causará forte impressão em meu povo. A Morte virá ao meio-dia pelo correio. Assim que a carta cair na caixa e o carteiro passar, começou! A caçada começa. Não tentem ajudá-lo, meu povo, para que a Morte não vá também atrás de vocês. Hoje Kemp morrerá.

Kemp leu duas vezes essa carta.

— Não é falsa — ele disse. — É ele falando! E está falando sério.

Kemp virou a folha dobrada e viu no verso o carimbo do correio de Hintondean e o prosaico detalhe “A cobrar do destinatário”.

Então se levantou vagarosamente, deixando o almoço inacabado — a carta viera no correio da uma da tarde —, e foi até o escritório. Tocou a sineta para chamar a criada e mandou que inspecionasse a casa imediatamente, que verificasse os trincos de todas as janelas e fechasse todas as cortinas. Ele mesmo fechou as do escritório. Em seu quarto, de uma gaveta trancada, tirou um pequeno revólver, examinou-o cuidadosamente e o guardou no bolso do paletó. Redigiu alguns bilhetes curtos, sendo um para

o coronel Adye, cuja entrega deixou aos cuidados da criada, com instruções específicas sobre a maneira segura de deixar a casa.

— Não há nenhum perigo — ele disse, acrescentando uma ressalva mental, "para você".

Em seguida, permaneceu meditativo por algum tempo, e depois voltou para o almoço que esfriava.

Comeu com intervalos de reflexão. Por fim, bateu na mesa com força.

— Nós o capturaremos! — exclamou. — E eu sou a isca. Assim ele acabará se arriscando.

Kemp foi até o belvedere, fechando meticulosamente todas as portas por onde passou.

— É uma caçada — ele disse —, uma caçada estranha… mas as probabilidades estão todas ao meu favor, sr. Griffin, apesar da sua invisibilidade. Griffin *contra mundum*…[r] com uma vingança.

Ele parou diante da janela fitando a colina ensolarada.

— Ele vai precisar comer todos os dias, não gostaria de estar na pele dele agora. Será que dormiu mesmo ontem à noite? Em algum lugar, ao relento, protegido de eventuais colisões. Quem dera fizesse um tempo frio e úmido daqueles, em vez de calor. Ele pode estar me vigiando neste momento.

Ele se aproximou da janela. Algo se chocou contra o parapeito e fez com que ele se sobressaltasse violentamente.

— Estou ficando nervoso — disse Kemp.

Mais cinco minutos se passaram até ele voltar à janela.

— Deve ter sido um pardal.

Então ouviu a campainha da porta da frente tocar e desceu correndo a escada. Tirou a trava, girou a fechadura, verificou a corrente, soltou-a do trinco e entreabriu cuidadosamente a porta sem se mostrar. Uma voz conhecida o saudou. Era Adye.

— A sua criada foi atacada, Kemp — ele disse do outro lado da porta.

— O quê?! — exclamou Kemp.

— O seu bilhete foi tirado dela. O homem que procuramos está por perto. Deixe-me entrar.

Kemp abriu e Adye entrou pela fresta mais estreita possível. Ele parou e ficou observando, com infinito alívio, Kemp trancar novamente a porta.

— O bilhete foi arrancado das mãos dela. Assustou-a horrivelmente. Ela está na delegacia. Histérica. Ele está aqui por perto. De que tratava o bilhete?

Kemp esbravejou:

— Como pude ser tão tolo? Eu devia saber. Hintondean fica a uma hora de caminhada daqui. Mas já?

— O que foi? — perguntou Adye.

— Veja isto! — disse Kemp, e levou-o ao escritório, entregando a Adye a carta do Homem Invisível.

Adye leu, assobiou baixinho e disse:

— E você…?

— Eu propunha uma armadilha… como fui tolo — lamentou-se Kemp. — E ainda enviei essa proposta pela empregada. Diretamente para ele.

Adye esbravejou também:

— Ele vai acabar indo embora.

— Ele? Jamais — retrucou Kemp.

Um estrondo de vidro quebrando veio lá do alto. Adye viu um lampejo prateado no bolso de Kemp, que vinha do pequeno revólver.

— Foi uma das janelas do andar de cima! — orientou Kemp, abrindo caminho pelos degraus.

Eles ouviram o segundo choque enquanto ainda estavam na escada. Ao chegarem no escritório, encontraram quebradas duas das três janelas, o

recinto coberto de cacos de vidro e uma pedra grande sobre a escrivaninha. Os dois pararam perto da porta, contemplando a destruição. Kemp esbravejou de novo e, enquanto esbravejava, a terceira janela se foi, com um estampido feito o de uma pistola; estilhaçada, ela permaneceu inteira por um momento, depois se desmanchou em triângulos irregulares e reluzentes no assoalho do escritório.

— Por que ele está fazendo isso? — perguntou Adye.

— É só o começo — disse Kemp.

— É possível escalar até aqui em cima?

— Nem um gato conseguiria — disse Kemp.

— Aqui não tem venezianas?

— Aqui, não. Mas em todos os cômodos lá de baixo… Ora essa!

Outro impacto, e então veio do andar de baixo o barulho de golpes na madeira.

— Que coisa esquisita! — disse Kemp. — Isso deve ter sido… Sim, foi em algum dos quartos. Ele vai fazer igual na casa inteira. Mas é um tolo… Com as venezianas fechadas, o vidro cairá do lado de fora. Ele vai acabar cortando os pés.

Outra janela anunciou a própria destruição. Os dois ficaram parados perplexos na metade da escada.

— Já sei! — exclamou Adye. — Empreste-me um pedaço de pau ou coisa parecida, e irei até a delegacia buscar os perdigueiros. Isso há de detê-lo! Eles estão perto, no máximo a dez minutos daqui…

Outra janela seguiu o destino de suas companheiras.

— Você não tem um revólver? — perguntou Adye.

Kemp levou a mão ao bolso do paletó. Então hesitou:

— Não… bem, não tenho nenhum sobrando.

— Eu o trarei de volta — prometeu Adye. — Você ficará seguro aqui.

Kemp, envergonhado por esse lapso momentâneo de sinceridade, estendeu-lhe a arma.

— Agora, abra a porta para mim — disse Adye.

Enquanto hesitavam ali no hall, ouviram uma janela do primeiro andar ranger e rachar. Kemp se aproximou da porta e começou a abrir os ferrolhos o mais silenciosamente possível. Com o semblante um pouco mais pálido do que de costume, disse:

— Saia logo.

No momento seguinte, Adye ultrapassara o umbral e os ferrolhos foram voltando aos seus lugares. Ele hesitou por um momento, sentindo-se mais confortável com a porta às suas costas. Então começou a marchar, ereto e rígido, descendo a escada para a rua. Atravessou o gramado e aproximou-se do portão. Uma brisa passageira pareceu ondular sobre a relva. Algo se moveu perto dele.

— Espere um pouco — ordenou uma voz.

Adye parou imediatamente, com a mão apertando o cabo do revólver.

— Pois não? — disse ele, branco e sombrio, os nervos retesados.

— Faça-me o favor de voltar para a casa — disse a Voz, tão tensa e sombria quanto a de Adye.

— Lamento — disse o coronel um tanto rouco, passando a língua nos lábios.

A Voz estava na sua frente, à esquerda, pensou. E se ele arriscasse um tiro?

— O que você está pensando em fazer? — pressentiu a Voz.

Houve um rápido movimento de ambas as partes, e um raio de sol faiscou no interior do bolso do paletó aberto de Adye. Mas, nesse instante, o coronel desistiu e pensou melhor.

— Aonde vou — ele disse, lentamente — é problema meu.

As palavras ainda estavam em seus lábios quando um braço envolveu seu pescoço e suas costas sentiram um joelho. Ele caiu para trás. O coronel mirou desajeitadamente e disparou a esmo, sendo, no momento seguinte, atingido na boca, o que fez o revólver escapar de sua mão. Em vão tentou agarrar o corpo esquivo, mas caiu de novo.

— Maldição! — praguejou Adye.

A Voz gargalhou e disse:

— Eu o mataria agora não fosse o desperdício de uma bala.

Adye viu o revólver flutuando no ar, a cerca de dois metros, e apontando para ele.

— E agora? — perguntou Adye, sentando no chão.

— Levante-se — ordenou a Voz.

Adye se levantou.

— Atenção — disse a Voz, e então vociferou —, não tente nenhuma brincadeira agora. Lembre-se de que eu posso ver o seu rosto, embora você não veja o meu. Você deve entrar nessa casa outra vez.

— Ele não vai me deixar entrar — disse Adye.

— É uma pena — disse o Homem Invisível. — Não tenho nada contra você.

Adye umedeceu novamente os lábios. Desviou os olhos do cano do revólver e viu o mar lá longe, muito azul e escuro, debaixo do sol do meio-dia, o vale verde e macio, a escarpa branca de Head, a cidade multitudinária, e de repente entendeu que a vida era muito doce. Voltou os olhos para o pequeno objeto de metal pairando entre o céu e a terra, a cerca de seis metros.

— O que devo fazer? — ele disse, carrancudo.

— "O que devo fazer?" — perguntou o Homem Invisível. — Estava indo buscar reforços, mas a única coisa que vai mesmo fazer é voltar lá para dentro.

— Vou tentar. Se ele deixar, você promete que não vai entrar correndo pela porta?

— Não tenho nada contra você — disse a Voz.

Kemp, após despedir-se de Adye, subira correndo para o andar de cima. Nesse momento, encontrava-se agachado em meio aos cacos de vidro, espiando cuidadosamente debruçado na janela do escritório, e viu Adye conversando com o Oculto.

— Por que ele não atira? — sussurrou Kemp consigo mesmo.

Então o revólver se mexeu e o reflexo da luz do sol ofuscou os olhos de Kemp. Ele cobriu os olhos com a mão e tentou identificar a fonte daquela cintilação cegante.

— Foi isso! — ele deduziu. — Adye entregou a arma.

— Prometa que não vai tentar entrar correndo — Adye repetia. — Não exagere, você já venceu. Seja magnânimo.

— Volte já para dentro. Estou dizendo claramente que não prometerei nada.

A decisão de Adye subitamente foi tomada. Ele se virou na direção da casa e caminhou lentamente com as mãos para trás. Kemp observou-o, intrigado. O revólver desapareceu, ficou novamente visível graças a uma cintilação, desapareceu outra vez e ficou evidente, a um olhar mais atento, na forma de um pequeno objeto escuro que vinha rente às costas de Adye. Então as coisas aconteceram muito depressa. Adye deu um salto para trás, virou-se no ar, agarrou o pequeno objeto, deixou-o escapar, jogou as mãos para cima e caiu de frente, deixando uma fumacinha azulada no ar. Kemp não ouviu o som do disparo. Adye se contorceu, tentou se levantar com um braço só, mas caiu para a frente e ficou imóvel no chão.

Por algum tempo, Kemp observou a imobilidade resignada de Adye. A tarde estava muito quente e parada, dando a impressão de que nada se movia no mundo inteiro, exceto um casal de borboletas amarelas que se perseguiam mutuamente através das touceiras, entre a casa e o portão da

rua. Adye permanecia deitado na grama, junto ao portão. Ao longo da estrada, na colina, as cortinas de todas as mansões estavam fechadas, mas em uma casinha de campo pintada de verde enxergava-se um vulto branco, aparentemente um velho dormindo. Kemp verificou o entorno da casa, procurando algum sinal do revólver, mas a arma desaparecera. Seus olhos voltaram-se para Adye. A caça havia começado levando vantagem sobre os caçadores.

Então chegaram-lhe o toque da campainha e batidas na porta da frente, cujos decibéis aumentaram até configurar uma barulheira, mas, seguindo as ordens de Kemp, os empregados permaneceram trancados em seus aposentos. Depois, fez-se o silêncio. Kemp estava sentado, ouvindo, mas logo começou a espiar com cuidado pelas três janelas, uma depois da outra. Inquieto, foi até o alto da escada e apurou os ouvidos. Armou-se do atiçador de lareira do quarto e tornou a vistoriar as trancas internas das janelas do primeiro andar. Estavam todas inertes e incólumes. Ele então voltou ao belvedere. Adye continuava estático onde caíra, atravessando a grama e o pedrisco do jardim. Subindo a rua das mansões, vinham a criada de Kemp e dois policiais.

Tudo estava mortalmente imóvel. As três pessoas pareciam muito lentas ao se aproximar. Ele se perguntou o que seu antagonista estaria fazendo.

Sobressaltou-se. Ouviu algo se espatifando lá embaixo. Hesitante, tornou a descer. Subitamente, golpes fortes e o som de madeira se partindo ecoaram na casa. Ele ouviu um choque e o clangor destrutivo das ferragens da janela. Então virou a chave e abriu a porta da cozinha. Nisso lascas e farpas das venezianas voaram para dentro. Ele parou, abismado. O batente da janela, exceto pela barra de segurança transversal, ainda estava intacto, mas somente alguns pequenos dentes de vidro continuavam na moldura. As venezianas haviam sido derrubadas para dentro com um machado, e agora esse machado descia, em golpes largos, sobre os batentes e as barras de ferro protetoras. Subitamente, o machado voou para o lado e desapareceu. Kemp viu o revólver lá fora no chão, e então a pequena arma saltou no ar.

Ele se encolheu e recuou. A arma disparou um segundo atrasada, e uma farpa da quina da porta voou rente a sua cabeça. Ele bateu a porta com força e passou a chave. Enquanto estava do lado de fora, ouviu Griffin berrando e gargalhando. Então as machadadas voltaram, e com elas as farpas e os estilhaços.

Kemp ficou parado no corredor, tentando pensar. A qualquer momento o Homem Invisível estaria na cozinha. E a porta do hall não iria detê-lo por mais que alguns instantes; depois…

Na entrada principal, a campainha tocou outra vez. Deviam ser os policiais. Ele correu até o hall, tirou a corrente e soltou as travas. Fez a empregada falar antes de tirar a corrente. Três pessoas entraram amontoadas na casa, e Kemp bateu novamente a porta.

— O Homem Invisível! — alertou Kemp. — Ele está com um revólver, e tem dois tiros ainda… Ele matou Adye. Atirou nele, pelo menos. Vocês não o viram no gramado? Está caído lá fora.

— Quem? — perguntou um dos policiais.

— Adye — repetiu Kemp.

— Nós entramos pelos fundos — disse a criada.

— Que barulho é esse? — perguntou o outro policial.

— Ele está na cozinha, ou estará, logo, logo. Encontrou um machado…

Nesse instante, a casa retumbou com os golpes do Homem Invisível na porta da cozinha. A empregada olhou fixamente para lá e, estremecendo, refugiou-se na sala de jantar. Kemp tentou explicar a situação em frases curtas. Todos ouviram a porta da cozinha ceder.

— Por aqui — orientou Kemp, começando a agir e empurrando os policiais até a porta da sala de jantar. — O atiçador… — disse Kemp, correndo até o gradil da lareira.

Ele entregou o atiçador que vinha carregando a um policial e o da sala de jantar ao outro. De repente, saltou para trás.

— Ops! — disse um policial, se agachando e amparando o machado com seu atiçador.

A pistola disparou seu penúltimo tiro e destruiu um valioso Sidney Cooper. O segundo policial atacou o pequeno revólver com seu atiçador, como quem mata uma mosca, fazendo a arma rodopiar pelo chão.

No primeiro embate a empregada gritou, e continuou gritando por algum tempo junto à lareira, quando então correu até a janela arrebentada, provavelmente querendo fugir por ali.

O machado se conteve, cedendo-lhe passagem, e postou-se a meio metro do chão. Todos podiam ouvir a respiração do Homem Invisível.

— Afastem-se, vocês dois — ele disse. — Só quero esse tal de Kemp.

— Mas nós queremos você — desafiou o primeiro policial, dando um passo à frente e atacando a Voz com o atiçador.

O Homem Invisível deve ter recuado, pois derrubou o porta-guarda-chuva.

Então, enquanto o policial cambaleava devido ao golpe em vão, o Homem Invisível revidou com o machado, esfarelando-lhe o tradicional capacete feito papel. O golpe fez o pobre coitado cair girando no chão da cozinha, perto da escada. Mas o segundo policial, mirando no machado com o seu respectivo atiçador, acertou algo macio e que se rasgou. Ouviu-se uma aguda exclamação de dor e o machado caiu no chão. O policial atacou novamente o vazio, mas dessa vez não acertou em nada; ele pisou no machado e atacou pela terceira vez. Então parou, de atiçador em punho, e prestou atenção ao mínimo movimento.

Ouviu a janela da sala de jantar se abrindo e um rápido tropel de passos lá dentro. Seu companheiro rolou sobre si mesmo e sentou no chão, com sangue escorrendo entre o olho e a orelha.

— Onde ele está? — perguntou o policial.

— Não sei. Sei que o acertei. Deve estar junto à porta da frente. A não ser que tenha passado por cima de você. Dr. Kemp… Senhor?

Pausa.

— Dr. Kemp! — chamou novamente o soldado.

O primeiro policial, então, esforçou-se para ficar de pé. Conseguiu. De repente ouviram-se os passos descalços na escada da cozinha.

— Ei! — gritou o segundo policial, instantaneamente lançando seu atiçador. Uma pequena luminária a gás partiu-se em mil pedaços.

Ele fez menção de perseguir o Homem Invisível escada abaixo. Então pensou melhor e entrou na sala de jantar.

— Dr. Kemp… — ele começou, logo se interrompendo.

Enquanto seu colega observava por cima de seu ombro, ele completou:

— O dr. Kemp é um herói.

A janela da sala de jantar estava escancarada, e não havia sinal nem da criada nem de Kemp.

A opinião do segundo policial sobre Kemp foi mais sucinta e realista.

---

[r] Em latim no original, “contra o mundo”, “contra a opinião geral”. (N.T.) ↩

28

O CAÇADOR CAÇADO

O SR. HEELAS, VIZINHO mais próximo do sr. Kemp entre os proprietários das mansões, estava dormindo em sua casa de veraneio quando o cerco à residência de Kemp começou. O sr. Heelas era parte da renitente minoria que se recusava a acreditar "em toda a bobajada" de Homem Invisível. Sua esposa, no entanto, como subsequentemente ele seria lembrado, acreditava. Ele insistira em caminhar pelo jardim como se não houvesse nenhum problema, e, segundo era seu costume de muitos anos, fora dormir à tarde. Ainda estava dormindo durante a destruição das janelas de Kemp, mas acordou subitamente, com a curiosa convicção de que havia alguma coisa errada. Olhou para a casa do vizinho, esfregou os olhos e olhou outra vez. Então sentou na cama e ficou ouvindo. Pensou que podia virar mico de circo, pois o que tinha diante de si era a coisa mais estranha. A casa parecia abandonada havia semanas, e após uma rebelião violenta. Todas as janelas estavam quebradas, e todas elas, exceto as do escritório do belvedere, eram fechadas por venezianas internas.

— Seria capaz de jurar que estavam intactas — ele disse, olhando para o relógio — há menos de vinte minutos.

Então ouviu uma pancada e o som de vidro quebrando, bem longe. Um instante depois, ainda sentado e boquiaberto, algo ainda mais maravilhoso aconteceu na casa de Kemp. As venezianas da sala de estar foram arrancadas e a empregada, com seu chapéu e vestido de passeio, pareceu lutar freneticamente para levantar as esquadrias. De repente surgiu um homem atrás dela, ajudando-a — o dr. Kemp! No momento seguinte, a janela se abriu e a criada continuou esforçando-se para sair dali; ela pulou

para fora e desapareceu entre as touceiras. O sr. Heelas se levantou, exclamando vaga e veementemente diante de todas essas maravilhas. Ele viu Kemp erguer-se no parapeito, saltar pela janela, reaparecer quase instantaneamente correndo por entre as touceiras e parar no meio da corrida, como quem tenta não ser notado. Ele sumiu atrás das flores amarelas de um laburno e reapareceu trepando numa cerca que dava em pleno vale. Após um segundo, venceu atrapalhadamente o obstáculo e saiu correndo na direção do sr. Heelas, em tremenda velocidade colina abaixo.

— Deus do céu! — exclamou o sr. Heelas, impactado pela constatação. — É aquele celerado do Homem Invisível! É tudo verdade, afinal!

Em se tratando do sr. Heelas, pensar nesse tipo de coisa era o mesmo que agir, e sua cozinheira, que o observava da janela de cima, ficou espantada ao vê-lo girando pela casa a bons quinze quilômetros por hora. Ouviu-se um bater de portas, o toque da sineta e a voz do sr. Heelas, mugindo feito um boi.

— Fechem as portas, fechem as janelas, fechem tudo! O Homem Invisível vem aí!

Instantaneamente, a casa se encheu de gritos, ordens e passos apressados. Ele mesmo se apressou em fechar a porta francesa da varanda; enquanto fazia isso, a cabeça, os ombros e um joelho de Kemp apareceram sobre a cerca do jardim. No instante seguinte, o vizinho marchava entre os aspargos e depois corria pela quadra de tênis em direção à sua casa.

— Você não pode entrar — disse o sr. Heelas, passando ferrolhos. — Sinto muito por ele estar atrás de você, mas aqui você não entra!

Kemp apareceu com o rosto aterrorizado perto do vidro, batendo e tremendo freneticamente na porta francesa. Então, vendo que seus esforços eram em vão, correu pela varanda, atravessou os arcos ao final dela e foi esmurrar a porta lateral. Daí, contornou pelo portão lateral até a frente da casa, dali ganhando a estrada da colina. E o sr. Heelas, que observava da janela com o semblante apavorado, mal conseguiu perceber que Kemp

sumira e pés invisíveis já pisoteavam os aspargos aqui e ali. Diante daquilo, o sr. Heelas subiu depressa a escada, e o restante da caçada se passou além de seu campo de visão. Mas, quando passava pela janela da escada, ele ouviu o portão lateral bater.

Chegando à estrada da colina, Kemp naturalmente achou melhor descê-la, de modo que sua própria pessoa repetia a corrida que observara poucos dias antes, com olhos críticos, de seu escritório no belvedere. Ele corria com facilidade para um homem destreinado, e, embora seu rosto estivesse pálido e suado, sua cabeça continuava fresca e com ideias claras. Corria com passadas largas, e onde quer que surgisse um trecho de terreno acidentado, onde quer que se deparasse com o cascalho mais áspero, ou se um pouco de vidro quebrado brilhasse ofuscantemente, ele optava por esse caminho e deixava que os pés descalços invisíveis que o perseguiam sofressem as consequências de sua escolha.

Pela primeira vez na vida Kemp ficou sabendo que a estrada da colina era indescritivelmente vasta e desolada, e que o início da cidade lá embaixo, bem longe, aos pés do morro, era estranhamente remoto. Nunca houve método mais lento ou mais doloroso de progressão que a corrida. Todas as mansões tristonhas, dormindo ao sol da tarde, pareciam fechadas e trancadas; sem dúvida estavam fechadas e trancadas… segundo suas próprias ordens. De todo modo, seus donos podiam ter ficado alertas para uma eventualidade como aquela! A cidade estava acordando agora, o mar recuara atrás dela, as pessoas lá embaixo no vale começavam a se mexer. Um bonde ia chegando naquele momento ao pé do morro. Além dele, viu a delegacia. Seriam passos o que ouviu atrás de si? Ele disparou.

O povo lá embaixo estava olhando para ele, um ou dois corriam, e sua respiração começava a lhe arder na garganta. O bonde estava bem perto agora, e o Jolly Cricketers barrava ruidosamente suas portas. Atrás do bonde havia os caibros e os montes de cascalho das obras dos esgotos. Teve uma ideia passageira de pegar o bonde andando e fechar as portas, mas então decidiu ir até a delegacia de polícia. Quando passou pelo Jolly

Cricketers, viu que estava no fim da rua, cercado por seres humanos. O condutor e o cobrador do bonde, reparando naquela pressa furiosa, ficaram só olhando, com os cavalos soltos. Adiante, os traços perplexos dos operários da obra apareceram sobre as pilhas de cascalho.

Seu ritmo diminuiu um pouco, mas ele ouviu os passos rápidos de seu perseguidor e tornou a correr.

— O Homem Invisível! — ele gritou para os operários, com um vago gesto indicativo, e por presença de espírito saltou dentro do canteiro de obras e colocou um grupo de fortões entre ele e a perseguição. Nessa hora, desistindo da ideia de ir à delegacia, entrou por uma rua lateral, acossado por uma carroça de verduras, hesitou por um décimo de segundo na porta da loja de doces, e então partiu para a entrada de um beco que levava de volta à estrada da colina. Ali havia duas ou três criancinhas brincando, que gritaram e se dispersaram com a sua aparição, e na mesma hora portas e janelas se abriram e mães desesperadas exibiram sua aflição. Ele disparou novamente pela estrada da colina, a cerca de trezentos metros do ponto final da linha do bonde, e imediatamente se deu conta de uma turbulenta vociferação e de pessoas correndo.

Olhou estrada acima na direção da colina. A cerca de dez metros corria um operário corpulento, urrando pragas fragmentadas e agitando venenosamente uma pá, e logo atrás dele vinha o condutor, de punhos cerrados. Mais adiante, outros se juntaram a esses dois, socando o ar e gritando. Mais além, no centro da cidade, homens e mulheres corriam, e ele reparou claramente em um homem saindo de uma loja com um porrete na mão.

— Espalhem-se! Escondam-se! — alguém gritou.

Kemp subitamente compreendeu que a sorte da caçada mudara. Ele parou, olhou à sua volta, ofegante, e exclamou:

— Ele está por aqui! Formem uma fileira aqui…

Ele foi atingido bem embaixo da orelha e cambaleou, tentando encarar seu antagonista oculto. Mal conseguindo se manter de pé, arriscou um revide que passou no vazio. Então foi atingido outra vez, no queixo, e caiu estirado no chão. No momento seguinte, um joelho comprimia seu diafragma e duas mãos ávidas agarravam seu pescoço, mas uma delas apertava com menos força que a outra; ele agarrou dois pulsos, ouviu um grito de dor do adversário, e então a pá do operário veio rodopiando no ar, passou por cima dele e atingiu alguma coisa em cheio com um baque surdo. Ele sentiu uma gota pingar em seu rosto. As mãos em seu pescoço relaxaram de repente e, com um esforço convulsivo, Kemp se soltou, agarrou um ombro e rolou por cima do inimigo. Prendeu os cotovelos invisíveis contra o chão.

— Eu o peguei! — gritou Kemp. — Ajudem! Socorro, segurem! Ele está aqui embaixo! Segurem-no pelos pés!

Logo houve um alvoroço no grupo, e um forasteiro no meio da estrada talvez julgasse que uma partida excepcionalmente selvagem de rúgbi estivesse em andamento. O berreiro parou depois do grito de Kemp, apenas o ruído de socos, de pés batendo e da respiração arfante.

Então, com esforço hercúleo, o Homem Invisível se livrou de dois antagonistas e se ajoelhou. Kemp se agarrava a ele como um perdigueiro a um cervo, e uma dúzia de mãos seguraram, puxaram e rasgaram o Oculto. O condutor do bonde segurou-o pelo pescoço e pelos ombros, puxando-o para trás.

A pilha de homens atracados na luta novamente desabou e se desfez. Pontapés animalescos, receio, foram desferidos de parte a parte. Subitamente, ouviu-se um grito selvagem, que logo morreu sufocado:

— Piedade! Piedade!

— Afastem-se, idiotas! — exclamou a voz abafada de Kemp. — Ele está ferido, estou lhes dizendo. Afastem-se!

Em resposta, houve um recuo imediato do grupo de voluntários. Mas não sem uma breve dificuldade para abrir espaço, até o grupo de rostos ansiosos ver o doutor se ajoelhando, aparentemente suspenso no ar quarenta centímetros e pressionando braços invisíveis contra o chão. Atrás dele, um policial agarrava tornozelos invisíveis.

— Não me vá deixar ele fugir! — exclamou o operário corpulento, segurando a pá manchada de sangue. — Ele só está fingindo.

— Ele não está fingindo — disse o doutor, erguendo cautelosamente o joelho. — E eu preciso levá-lo daqui.

Seu rosto estava ferido e já ia ficando vermelho; sua fala saiu arrastada graças ao lábio sangrando. Ele soltou uma das mãos e parecia tatear o rosto.

— A boca está toda úmida — ele disse. — Meu bom Deus!

Ele se levantou abruptamente e se ajoelhou no chão ao lado da coisa invisível. Trocavam-se cotoveladas e empurrões, o som de passos pesados à medida que mais gente aparecia para aumentar a pressão coletiva. As pessoas agora estavam saindo de suas casas. De repente, a porta do Jolly Cricketers foi escancarada. Quase ninguém falava.

Kemp passou a mão no ar, aparentemente no vazio.

— Ele parou de respirar — disse. — Não estou sentindo mais o coração dele. Aqui no tórax… ugh!

De repente uma velha, espiando por baixo do braço do operário grandalhão, soltou um grito agudo e estendeu um dedo enrugado:

— Olha só aquilo!

E voltando-se para onde ela apontava, todos viram, diáfana e transparente como se fosse de vidro, de modo que as veias e artérias e ossos e nervos pudessem ser percebidos, a silhueta de uma mão, uma mão frouxa e suplicante. Foi ficando nebulosa e opaca à medida que olhavam.

— Olha só! — exclamou o policial. — Está aparecendo o pé dele!

E assim, lentamente, a começar pelas mãos e pelos pés, subindo pelos membros até os centros vitais de seu corpo, aquela estranha transformação prosseguiu. Foi como a lenta disseminação de um veneno. Primeiro, os finos nervos brancos, o esboço difuso e cinzento de um membro, então os ossos vítreos e as intrincadas artérias, a carne e a pele, a princípio uma nebulosidade esvoaçante, então rapidamente densa e opaca. Agora podiam ver seu tórax ferido e seus ombros, e a discreta silhueta de seu semblante exausto e abatido.

Quando enfim a multidão abriu espaço para Kemp se levantar, lá estava, nu e desfalecido no chão, o corpo ferido e alquebrado de um jovem rapaz de uns trinta anos. Seu cabelo e suas sobrancelhas eram brancos, não grisalhos da idade, mas brancos com a brancura do albinismo, e seus olhos pareciam gemas de granada. Os punhos estavam cerrados, os olhos arregalados, e sua expressão era de raiva e frustração.

— Cubram o rosto dele! — exclamou um sujeito. — Por Deus, cubram esse rosto!

Três criancinhas, abrindo caminho na base das cotoveladas através da multidão, de repente foram desviadas e mandadas para longe outra vez.

Alguém trouxe um lençol do Jolly Cricketers e, depois de cobri-lo, levaram-no para dentro do estabelecimento. E foi ali, sobre uma cama velha, dentro de um quarto pobre e mal iluminado, cercado por uma multidão de pessoas ignorantes e excitadas, abatido e machucado, traído sem piedade, que Griffin, o primeiro de todos os homens a se tornar invisível, Griffin, o mais talentoso cientista que o mundo já viu, terminou de maneira infinitamente desastrosa sua carreira trágica e peculiar.

EPÍLOGO

ASSIM TERMINA A HISTÓRIA dos estranhos e malignos experimentos do Homem Invisível. E se você quiser saber mais sobre ele, vá a uma modesta pensão perto de Port Stowe e converse com o senhorio. A placa da pensão é uma placa em branco, exceto por um chapéu e um par de botas, e o nome é o título desta história. O senhorio é um homenzinho baixo e gordo, com um nariz de proporções cilíndricas, cabelo crespo, e sujeito a rubores esporádicos. Beba generosamente, e ele lhe contará generosamente sobre todas as coisas que aconteceram depois dessa época, e sobre como os advogados tentaram lhe tirar o tesouro que encontraram consigo.

— Quando eles descobriram que não podiam provar de quem era o dinheiro, fui abençoado — diz ele. — Bem, isso se não tentassem fazer de mim um baú do tesouro! Eu lá tenho cara de baú do tesouro? E então um cavalheiro me deu um guinéu por noite para contar essa história no Empire Music Hall, só para contar tudo com as minhas palavras… quase tudo.

E se você quiser interromper abruptamente o fluxo de suas reminiscências, sempre poderá fazê-lo perguntando se não havia três livros manuscritos nessa história. Ele admitirá que havia e começará a explicar, asseverando que todo mundo acha que estão com ele, mas, maldito seja, não estão!

— Foi o próprio Homem Invisível quem pegou os livros para esconder e correu com eles na direção de Port Stowe. Foi aquele sr. Kemp que enfiou na cabeça das pessoas essa ideia de que os livros estão comigo.

E então ele se deixará ficar em estado pensativo, observará você furtivamente, remexerá nervosamente nos copos e sairá do bar.

Ele é um solteirão — sempre teve gostos de solteiro e não há nenhuma mulher na casa. Ele usa botões quando sai de casa, pois é o que se espera dele hoje em dia, mas na intimidade mais profunda, em matéria de suspensórios, por exemplo, ainda prefere usar barbantes. Administra sua casa sem grandes investimentos, mas com eminente decoro. Seus movimentos são lentos, é um grande pensador. Mas tem uma reputação de sabedoria e respeitável parcimônia na cidade, e seu conhecimento das estradas do sul da Inglaterra superaria o de Cobbett.

Nas manhãs de domingo, toda manhã de domingo, ao longo do ano inteiro, quando ele se fecha para o mundo externo, e toda noite depois das dez, ele vai até a saleta do bar, com um copo de gim ligeiramente batizado com água, e depois de derramá-lo garganta abaixo, tranca a porta, verifica as venezianas e olha até embaixo da mesa. Então, satisfeito em sua solidão, ele abre o armário, tira de lá uma caixa e abre uma gaveta dentro da caixa, de onde tira três volumes encadernados em couro marrom, os quais dispõe solenemente no centro da mesa. O couro das capas está gasto e mesclado a um verde cor de alga, pois outrora pernoitaram dentro de uma vala e algumas páginas ficaram apagadas pela água suja. O senhorio senta em sua poltrona, enche lentamente um comprido cachimbo de porcelana e fica embevecido com os livros por alguns instantes. Então escolhe um deles, abre e começa a ler, virando páginas para a frente e para trás.

Suas sobrancelhas se juntam e seus lábios se movem penosamente.

— Nossa, um pouco louco demais, cruz-credo. Deus! Mas que intelecto!

Sem demora, ele relaxa, se recosta e pisca através da fumaça para aqueles objetos invisíveis aos olhos dos outros.

— Cheio de segredos — ele diz. — Segredos maravilhosos! Se eu tivesse domínio sobre eles… Jesus! Não faria o que ele fez; eu simplesmente… ora essa!

Ele traga seu cachimbo e então mergulha em um sonho, no eterno sonho de sua vida. E, embora Kemp tenha especulado incessantemente, nenhum

outro ser humano além do senhorio sabe que esses livros estão ali, com o segredo sutil da invisibilidade e uma dúzia de outros estranhos segredos escritos neles. E ninguém jamais saberá disso até que ele morra.

CLÁSSICOS ZAHAR
EM EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Alice
Lewis Carroll

Aladim*

Sherlock Holmes (9 vols.)
Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood
O conde de Monte Cristo
Os três mosqueteiros
Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame
Victor Hugo

O ladrão de casaca*
Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*
Maurice Leblanc

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda
Howard Pyle

Drácula
Bram Stoker

Mary Poppins
A volta de Mary Poppins
P.L. Travers

20 mil léguas submarinas
A ilha misteriosa
Viagem ao centro da Terra
A volta ao mundo em 80 dias
Jules Verne

Títulos disponíveis também em edição comentada e ilustrada
(exceto os indicados por asterisco)
Veja a lista completa da coleção no site zahar.com.br/classicoszahar

Copyright desta edição © 2019:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre
Produção do arquivo ePub: Booknando Livros

Edição digital: junho de 2019

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W48h
Wells, H.G., 1866-1946
O homem invisível [recurso eletrônico]/H.G. Wells; tradução Alexandre Barbosa de Souza, Rodrigo Lacerda. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

recurso digital; 1MB (Clássicos Zahar)
Tradução de: The invisible man
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-378-1850-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Souza, Alexandre Barbosa de. II. Lacerda, Rodrigo. III. Título. IV. Série

19-58078

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439